
INTRODUÇÃO

O professor só pode ensinar quando está disposto a aprender

Janoí Mamedes

A actual profissão docente, apesar de se encontrar num beco aparentemente sem saída, é parte integrante de um processo complexo e em constante mudança, o que obriga o professor a estar sempre em processo de actualização e constante aprendizagem, por forma a adaptar-se às mais diversas realidades. Apesar de a actual conjuntura política tentar por todos os meios condicionar e desalentar essa vontade de actualização e/ou reconversão profissional, o professor deverá ter sempre em mente que todos os saberes e conhecimentos adquiridos ao longo da sua prática de ensino terão de ser constantemente ajustados, de acordo com o meio e outras situações que envolvam, condicionem ou influenciem essa prática.

Além de possuir já um conjunto de conhecimentos científicos e teóricos, resultantes do seu percurso académico, o professor deverá manter sempre em aberto o processo de aprender a ensinar, pois esta é uma profissão que exige uma actualização contínua de saberes e competências, de modo a assumir uma nova identidade profissional sempre que seja necessário. Logo, e tal como supra referido, o profissional de docência actual terá de reflectir continuamente nas suas práticas de ensino e de aprendizagem e no meio potencialmente influenciador das mesmas.

A teoria obsoleta de que o ensino não mudou, que o professor é o actor principal de todo o processo atrás referido e que o aluno tem um papel secundário de mero espectador, caiu completamente por terra e nada tem em paralelo com os pressupostos educativos da actualidade.

O professor de hoje em dia deverá, pois, além de estar bem preparado tanto a nível científico, como pedagógico e didáctico, ser um profissional multifacetado, aberto a novas realidades e às mais diversas situações, de modo a encarar o processo educativo como um sistema em permanente mudança, tendo, por isso, de levar a cabo uma reflexão contínua acerca de si mesmo e das suas práticas de ensino.

Esta reflexão contínua, por sua vez, compreende as diversas áreas estruturantes, partes integrantes do processo de ensino e de aprendizagem, que assentam na sua preparação científica, pedagógica e didáctica, devendo manter sempre um forte conhecimento quer do currículo quer do conteúdo e sobretudo dos seus alunos, dos interesses destes, das suas capacidades, necessidades, crenças, angústias, das suas diferenças e semelhanças individuais, que os poderão aproximar ou afastar do conjunto total, que é a turma ou grupo, onde estão inseridos.

As planificações e planos de aula, assim como a forma como avalia as aprendizagens dos alunos, deverão ser também alvo de reflexão por parte de cada docente, de modo a permitir, sempre que necessário, uma análise da sua prática de ensino. Outros factores potenciadores de influenciar as suas práticas de forma positiva e/ou negativa são a participação, mais ou menos activa, que tem na escola e o seu desenvolvimento profissional e inerentemente pessoal.

Face ao exposto, não basta, pois, possuir conhecimentos ao nível disciplinar ou que domine perfeitamente os conteúdos e tenha uma visão clara das recentes metas de aprendizagem, terá de possuir também conhecimentos de índole cultural, moral, social, civilizacional e outros capazes de fomentar uma reflexão eficaz acerca da sua prática de ensino. Para tal, é fundamental adquirir um vasto conjunto de saberes e experiências geradores de influência no exercício da profissão, bem como na sua capacidade de decisão perante situações variadas.

Deste modo, no desenrolar da sua actividade “a capacidade de tomar decisões acertadas para os problemas práticos e (...) a capacidade de o fazer em interacção com principalmente os alunos, mas também os colegas e outros elementos (...)” (Brunheira, Ponte, Oliveira & Varandas, 2013, s.p.) têm um papel essencial.

Dentro desta perspectiva, o presente relatório visa desenvolver e reflectir acerca do trabalho que desenvolvemos ao longo do ano lectivo de 2012-2013, apresentando o caminho que percorremos, bem como aquele que nos falta percorrer, as decisões tomadas, as indecisões que surgiram, as dificuldades ultrapassadas e por ultrapassar, tendo com ponto de análise o trabalho desenvolvido com alunos de terceiro ciclo, do décimo primeiro ano, do ensino profissional dos Cursos de *Técnico de Turismo Ambiental e Rural* e *Técnico de Enologia e Viticultura*, sendo que assumimos, também, funções de Direcção de Turma do último mencionado.

Encontra-se organizado da seguinte forma:

1. Preparação científica, pedagógica e didáctica;
2. Planificação e condução de aulas e avaliação de aprendizagens;
3. Análise da prática de ensino;
4. Participação na escola;
5. Desenvolvimento profissional.

No fim deste relatório, após se ter efectuado uma pesquisa exaustiva, esperamos ter aprendido muito mais acerca dos nossos alunos, bem como sobre nós própria, ou seja, sobre todos os pressupostos de um processo de ensino e de aprendizagem eficaz que vise o sucesso dos seus intervenientes.

1. PREPARAÇÃO CIENTÍFICA, PEDAGÓGICA E DIDÁCTICA

Ensinar é aprender. Ensinar não é transmitir conhecimentos. O educador não tem o vírus da sabedoria. Ele orienta a aprendizagem, ajuda a formular conceitos, a despertar as potencialidades inatas dos indivíduos para que se forme um consenso em torno de verdades e eles próprios encontrem as suas opções.

Ivone Boechat

O professor da actualidade sente uma maior necessidade de se adaptar a uma realidade em constante mudança e desenvolvimento, pois, se até Abril de 1974, o regime do Estado Novo e a Ditadura de Salazar ‘abraçaram’ um sistema de ensino selectivo, doutrinador e castrador de alunos carenciados, fomentando, assim, a exclusão escolar por falta de meios, depois da chamada Revolução dos Cravos, “a educação massificou-se” (Roldão, 2005, s.p.) ampliando, deste modo, a igualdade de oportunidades e o acesso à educação, tornando-a inclusiva. A este propósito, destacava Savater que “o ideal básico que a educação actualmente deve conservar e promover é a *universalidade democrática*.” (Savater, F., 1997, p.12)

Convém, por isso, sublinhar que as actuais políticas educativas, bem como as respectivas reformas curriculares, foram implementadas no nosso país na segunda metade do século XX, depois da revolução de Abril.

No passado, o papel do ensino tradicional era fornecer informação e a função do aluno passava meramente por assimilar conhecimentos através da repetição, num contexto completamente alheio à sua realidade segundo a corrente behaviorista que assentava em pressupostos tais como “o homem é, fundamentalmente, um organismo que responde a estímulos exteriores de um modo mais ou menos automático e fortuito” (Tavares et al, 1989 *in Teorias do Behaviorismo*, s.p.) ou seja, pretendia-se que as reacções a determinados estímulos se aproximassem cada vez mais da “linha de aprendizagem pretendida” (*Textos Científicos Behavioristas*, s.p.) e a cada passo eram fornecidos reforços positivos se o individuo se aproximasse da meta a atingir e reforços negativos

se por outro lado se afastasse dessa mesma meta. Dessa forma, a teoria behaviorista “baseia-se no comportamento exterior do aluno e na análise minuciosa da estrutura da tarefa a aprender” (Tavares, J & Alarcão. I., 1990, p. 96)

Já à luz da corrente construtivista, “a origem do conhecimento está no próprio sujeito, ou seja, a sua bagagem cultural está geneticamente armazenada dentro dele, a função do professor é apenas estimular que estes conhecimentos aflorem.” (Becker et al, 1998, s.p.)

Esse pressuposto baseia-se na teoria pedagógica do Construtivismo, longamente defendida e desenvolvida por Jean Piaget, em que “o conhecimento, em qualquer nível, é gerado através de uma interacção radical do sujeito com seu meio, a partir de estruturas previamente existentes no sujeito. Assim sendo, a aquisição de conhecimentos depende tanto de certas estruturas cognitivas inerentes ao próprio sujeito- S como de sua relação com o objecto- O, não priorizando ou prescindindo de nenhuma delas.” (Becker et al, 1998, s.p.)

Nesse sentido, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo acabado, mas sim como um processo construído pelo aprendente, ou individuo, de dentro para fora, ao longo de toda a sua vida e estará sempre dependente da interacção do sujeito com o seu meio envolvente. Logo, a aquisição de conhecimentos dependerá tanto das estruturas subjacentes ao próprio individuo (cognitivas), como da sua relação com os objectos.

Ainda segundo Piaget, citado por Becker et al (1998),

a relação entre estas duas partes S - O [dá-se] através de um processo de dupla face, por ele denominado de adaptação, o qual é subdividido em dois momentos: a assimilação e a acomodação. Por assimilação entende-se as acções que o indivíduo irá tomar para poder internalizar o objecto, interpretando-o de forma a poder encaixá-lo nas suas estruturas cognitivas. A acomodação é o momento em que o sujeito altera [as] suas estruturas cognitivas para melhor compreender o objecto que o perturba. Destas sucessivas e permanentes relações entre assimilação e acomodação (não necessariamente nesta ordem) o indivíduo vai "adaptando-se" ao meio externo através de um interminável processo de desenvolvimento cognitivo. (s.p.)

A par desta mudança de paradigmas, também o processo de igualdade de oportunidades no campo educacional tem motivado uma constante actualização dos conhecimentos dos educadores em termos pedagógicos, didácticos e científicos, por forma a uma adaptação total e continua à realidade escolar actual, bem como à realidade envolvente, pois, ainda “segundo o construtivismo piagetiano, no meio ambiente, somos confrontados com dados verbais, a partir dos quais construímos um certo número de hipóteses explicativas relacionadas com o significado e o princípio de funcionamento desses dados.” (Mira, A.R & Mira, M.I., 2002, p. 25)

Logo, actualmente, parece ser assumido que a aprendizagem deve ser construída e desenvolvida pelo próprio aprendente (ensinar a aprender), ainda que orientada, e não meramente transmitida, lembrando a conhecida *zona de desenvolvimento proximal* de Vygotsky, em que aquilo que em determinado momento uma criança só consegue fazer com a ajuda de alguém, um pouco mais adiante certamente conseguirá fazer sozinha. As teorias modernas, ao valorizarem o papel activo do aprendente dentro do processo de aprendizagem e apontarem como qualidades centrais o nível de abstracção e a transferência de saberes, sublinham que a aprendizagem poderá ser somente realizável se o aprendente aplicar os seus conhecimentos numa actividade adequada a contextos variados e plenas de sentido, para permitir assim, uma generalização de saberes.

Assim, para além de o aprendente adquirir os conteúdos, terá também de ser capaz de aprender de forma autónoma e permanente, avaliar criticamente, seleccionar a informação relevante e saber utilizá-la para realizar tarefas ou solucionar problemas, de forma a conseguir enfrentar as exigências de uma sociedade que se apresenta cada vez mais competitiva e heterogénea. Esta postura é igualmente defendida pelo filósofo basco Fernando Savater ao afirmar que “el arte de enseñar a aprender consiste en formar fábricas y no almacenes. Por supuesto, dichas fábricas funcionarán en el vacío si no cuentan con provisiones almacenadas a partir de las cuales puedan elaborar nuevos productos, pero son algo más que una perfecta colección de conocimientos.” (Savater, F., 2006, p. 23)

No que concerne ao papel do professor, esta mudança de conceito de objectivos na aprendizagem implica modificar radicalmente as estratégias de ensino, dando mais relevo a uma participação mais activa do aluno. É o que denominamos de "ensino centrado no aluno" ou "aprender a aprender". Esse factor leva a que o docente, além de

dominar o conteúdo curricular, obtenha conhecimento dos processos implicados nesta nova forma de aprendizagem.

É aqui que também as novas tecnologias parecem ocupar um papel muito importante, apoiando os docentes nos processos dirigidos a superar as dificuldades que apresentam os alunos. E será exactamente esse, um dos motivos pelos quais os professores vivem um grande paradoxo, pois têm de preparar os aprendentes para um mundo que muitos não chegarão a conhecer completamente. Mas este não é um privilégio do professor moderno, não somos os primeiros a passar por isto. Gerações de professores nasceram na ditadura e tiveram que aprender a educar para a democracia. Muitos docentes que não têm “hábitos tecnológicos” terão que educar jovens que estão parcialmente ou completamente inseridos dentro de uma cultura mediática; jovens que dominam aparelhos de comunicação e que estão sempre conectados com o mundo.

Assim, um dos desafios principais para nós, professores, será reconhecer que o nosso aluno mudou e, decorrente deste facto, a escola e o ensino também devem mudar. Cabe a nós, então, pelos motivos que já foram mencionados, adaptar-nos a esta mudança necessária.

Inicialmente, a família é o espaço por excelência para os primeiros actos educativos do ser humano e são traçados aqui os primeiros esboços da construção da personalidade do individuo. Mais tarde, outros grupos, entre os quais a escola, ajudarão nesta tarefa. Ao professor, como um actor desse mesmo espaço, cabe uma parte muito importante de complementar o trabalho dos pais. Assim, parece caber-lhe uma função paralela, nunca iniciatória, pois o professor não deverá, em hipótese alguma, substituir um papel que cabe aos pais desenvolver. O professor, não sendo, como diz Teixeira (1993, p.5), “o centro do sistema educativo”, pois esse lugar cabe ao aluno, é uma peça fundamental para tornar a educação melhor, e através dela, o próprio País.

Mas se considerarmos o professor como uma peça fundamental do sistema de ensino, como um criador educativo, temos que o considerar também como uma pessoa com as suas angústias, necessidades, incertezas e sensibilidades pois, o que hoje lhe é exigido implica, cada vez mais, resistência, saber e criatividade.

Como afirma Dias, P. (2005, p.39), educar não pode ser mais um processo de “simples informação que ainda caracteriza o circuito ensino-aprendizagem do subsistema escola”

é necessária a transformação do processo em “verdadeira comunicação própria de um autêntico sistema educativo”. Comunicar com as crianças não se trata apenas de ensinar e aprender mas sim “criar condições para que elas próprias se tornem capazes e procurem crescer em todas as direcções”.

A nossa formação inicial incidiu, em termos científicos, na conclusão de uma licenciatura em ensino de Português e Inglês, para o 3º Ciclo e Ensino Secundário e na frequência de um estágio pedagógico, parte integrante da mesma, na Universidade de Évora, concluída em 2005. Esta foi, sem dúvida, um instrumento indispensável para o desempenho da nossa função enquanto educadora, visto termos contado com disciplinas ao nível da pedagogia, psicologia e didáctica. Relevamos por exemplo, as Didácticas do Português e Inglês, que nos permitiram planificar aulas e utilizar vários métodos capazes de fomentar o gosto pelas aprendizagens tanto da língua portuguesa como da língua inglesa; a disciplina de Pedagogia Geral (no âmbito desta disciplina tivemos o privilégio de tomar contacto com a obra do filósofo Fernando Savater), História da Pedagogia e da Educação, em que fizemos um recorrido através das várias etapas da pedagogia ao longo da história da civilização; Métodos e Técnicas de Acção Educativa, Técnicas de Expressão e Comunicação Pedagógica, Organização e Administração Escolar e Avaliação Escolar, entre outras disciplinas que contribuíram no seu todo para um conhecimento mais profundo e eficaz de todos os compartimentos inerentes ao cariz burocrático que envolve as práticas lectivas. De salientar ainda, as várias psicologias, nomeadamente do desenvolvimento, da aprendizagem e educacional, onde não só tomamos contacto com teorias inerentes ao processo evolutivo da educação, como também do processo cognitivo e de desenvolvimento do ser humano.

Contudo, todo este processo de aprendizagem inerente à licenciatura, só por si, não teria possibilidade de nos fornecer todas as ferramentas necessárias de que precisamos para os desafios com que nos vamos deparando no dia-a-dia, sendo, no nosso entender, fundamental uma prática efectiva e real em espaço educacional.

Consideramos, por isso, que foi essencial, para uma completa absorção do funcionamento do espaço escolar, a frequência do estágio pedagógico integrado.

A formação na área do Espanhol foi adquirida mediante a conclusão de licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas – perfil de Estudos Portugueses e Espanhóis, no mesmo

estabelecimento de Ensino Superior, sendo que a nossa habilitação profissional está a ser adquirida pela frequência de mestrado em ensino do Português no 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e de Espanhol dos Ensinos Básico e Secundário.

De referir ainda que, tal como salienta Costa, P. & Balça, A. (2012, p. 52), “o mestrado, referido anteriormente, tutelado pelo Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora, tem o seu enquadramento legal no Decreto-Lei nº 43/2007, de 22 de Fevereiro. É através desta formação que os professores de Português e Espanhol adquirem habilitação profissional para a docência, em Portugal, quer no ensino público quer no ensino particular e cooperativo.”

Assim, pelo atrás exposto, torna-se condição essencial a frequência do referido mestrado, “muito embora na maioria das vezes já tenham duas licenciaturas, e alguns até mesmo um mestrado académico” (Costa, P. & Balça, A., 2012, p.54).

No nosso caso pessoal, encontramos-nos de forma inegável em reconversão profissional, e para nós a concretização deste novo desafio, encontra-se sem dúvida aliado a uma possível situação profissional mais estável, contudo não nos identificamos inteiramente com a afirmação de a nossa “grande e única motivação é a profissionalização a qualquer custo.” (Costa, P. & Balça, A., 2012, p. 54).

De facto, sentimos que, apesar das dificuldades, a frequência deste mestrado serviu para nos actualizarmos e reflectirmos sobre as práticas de ensino, bem como nos documentos orientadores, dessas práticas, pois temos perfeita consciência que, no decurso da nossa actividade diária pessoal e profissional isso nem sempre é possível.

O presente relatório irá reportar-se ao ano lectivo transacto de 2012/2013, visto ter sido esta a última vez em que leccionámos a disciplina de Espanhol num estabelecimento de Ensino Publico Português, mais concretamente na Escola Secundária Rainha Santa Isabel, de Estremoz.

Antes do início das actividades lectivas, deparámo-nos com uma realidade algo diferente, a do Ensino Profissional, pois foi-nos atribuído um horário de Espanhol, nível iniciação em duas turmas de Ensino Profissional, nomeadamente *Técnico de Turismo Rural e Ambiental* e *Técnico de Viticultura e Enologia*, tendo também atribuição de funções de direcção de turma deste último.

Surgiu-nos então a absoluta necessidade de conhecer o Programa da disciplina de Espanhol e conseqüentemente a forma como ele se poderá enquadrar no plano de estudos dos Cursos Profissionais (CP).

Visto que não tomámos consciência da realidade deste tipo de ensino na nossa formação pedagógica e didáctica, pois entre outros motivos, este tipo de cursos, com os perfis actuais, são recentes no sistema educativo português, pese embora no passado tenham existido as escolas profissionais e industriais, onde eram ministrados cursos muito similares, os quais, através de uma vertente bastante prática, preparavam indivíduos para o mercado de trabalho. A própria escola onde trabalhámos este ano foi, em tempos, uma escola comercial e industrial. Nesse sentido, sentimos necessidade de aprofundar os nossos conhecimentos, por forma a compreender a forma como se encontram estruturados e conhecer os princípios orientadores, principalmente todo o conjunto de legislação que os norteia.

Como cada estabelecimento de ensino tem formas e documentos próprios de operacionalização, existiu, logo de início, a necessidade de articular com as docentes das outras disciplinas, com a coordenadora do Ensino Profissional e, principalmente, com a coordenadora do *Curso de Técnico de Viticultura e Enologia*, do qual fomos Directora de Turma.

A nossa inserção no Departamento de Línguas e a excelente articulação com todos os docentes do conselho de turma constituíram uma mais-valia para o exercício da nossa actividade.

Reportemo-nos então ao ano de 1986, em que se iniciou uma reforma educativa que deu origem à publicação da *Nova Lei de Bases do Sistema Educativo*, designada mais tarde por LBSE, lei nº 46/86 de 14 de Outubro de 1986. Nesse então, não se previa que com o passar do tempo iriam surgir tantas mudanças e reformas na educação, como aquelas que se têm vindo a constatar ultimamente.

A referida Lei estabelecia o quadro geral do sistema educativo e definia esse mesmo sistema como um conjunto de meios pelo qual se concretizava o direito à educação de todos os portugueses, garantindo uma permanente acção formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade.

Era também explicitado que o sistema educativo se desenvolvia segundo um conjunto organizado de estruturas e de acções diversificadas, por iniciativa e sob a responsabilidade de diferentes instituições e entidades públicas, particulares e cooperativas, e que o sistema educativo teria por âmbito geográfico a totalidade do território português – continente e regiões autónomas –, mas deveria ter uma expressão suficientemente flexível e diversificada, de modo a abranger a generalidade dos países e dos locais em que vivessem comunidades de portugueses ou em que se verificasse acentuado interesse pelo desenvolvimento e divulgação da cultura portuguesa. Por último, a coordenação da política relativa ao sistema educativo, independentemente das instituições que o compunham, incumbia a um ministério especialmente vocacionado para o efeito.

O documento consagrava, assim, o direito à educação e à cultura que, em democracia, seria da responsabilidade do Estado por forma a garantir de forma igualitária o acesso e sucesso escolares.

Encontravam-se também indicadas as finalidades do ensino básico, que visavam essencialmente assegurar uma formação geral comum a todos os cidadãos e promover a descoberta e o desenvolvimento das aptidões e interesses de cada um. Eram ainda definidas as grandes linhas a ser seguidas no primeiro, segundo e terceiro ciclos, assim como no ensino secundário e universitário.

Relativamente ao ensino profissional, no artigo 16º da supra citada LBSE, eram definidas as modalidades especiais de educação escolar – educação especial, formação profissional, ensino recorrente de adultos (quase sempre em horário pós laboral), ensino à distância (antigo ensino propedêutico) e ensino de português no estrangeiro. Cada uma destas modalidades era parte integrante da educação escolar, mas regia-se por disposições especiais.

Como desenvolvemos, no ano transacto, actividades lectivas em CP, considera-se pertinente salientar também o artigo 19º, da já referida lei, no que diz respeito à formação profissional:

- 1 – A formação profissional, para além de complementar a preparação para a vida activa iniciada no ensino básico, visa uma integração dinâmica no mundo do trabalho pela aquisição

de conhecimentos e de competências profissionais, por forma a responder às necessidades nacionais de desenvolvimento e à evolução tecnológica.

2 – Têm acesso à formação profissional:

- a) Os que tenham concluído a escolaridade obrigatória;
- b) Os que não concluíram a escolaridade obrigatória até à idade limite desta;
- c) Os trabalhadores que pretendam o aperfeiçoamento ou a reconversão profissionais.

3 – A formação profissional estrutura-se segundo um modelo institucional e pedagógico suficientemente flexível que permita integrar os alunos com níveis de formação e características diferenciados.

4 – A formação profissional estrutura-se por forma a desenvolver acções de:

- a) Iniciação profissional;
- b) Qualificação profissional;
- c) Aperfeiçoamento profissional;
- d) Reconversão profissional.

5 – A organização dos cursos de formação profissional deve adequar-se às necessidades conjunturais nacionais e regionais de emprego, podendo integrar módulos de duração variável e combináveis entre si, com vista à obtenção de níveis profissionais sucessivamente mais elevados.

6 – O funcionamento dos cursos e módulos pode ser realizado segundo formas institucionais diversificadas, designadamente:

- a) Utilização de escolas de ensino básico e secundário;
- b) Protocolos com empresas e autarquias;
- c) Apoios a instituições e iniciativas estatais e não estatais;
- d) Dinamização de acções comunitárias e de serviços à comunidade;
- e) Criação de instituições específicas.

7 – A conclusão com aproveitamento de um módulo ou curso de formação profissional confere direito à atribuição da correspondente certificação.

8 – Serão estabelecidos processos que favoreçam a recorrência e a progressão no sistema de educação escolar dos que completarem cursos de formação profissional. (p. 3073)

No entanto, a presente LBSE, aprovada pela Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro, veio a ser alterada pelas Leis n.º 115/97, de 19 de Setembro, 49/2005, de 30 de Agosto, e 85/2009, de 27 de Agosto.

As alterações introduzidas, pela primeira supra citada, visavam essencialmente os aspectos relacionados com o acesso ao ensino superior, o sistema de graus, atribuindo às instituições de ensino superior politécnico a capacidade para atribuição directa do grau de licenciado e o sistema de formação de professores.

Já as modificações visadas na Lei nº 49/2005 de 30 de agosto, referiam-se principalmente à organização da formação superior, com base no sistema de créditos europeu e a adopção de três ciclos de estudo, presentes no processo de Bolonha, conducentes aos graus de licenciado, mestre e doutor.

Por último, a Lei nº 85/2009, de 27 de agosto revogou a norma que estabelecia que a obrigatoriedade de frequência do ensino básico terminava aos quinze anos, alargando até aos dezoito anos essa mesma obrigatoriedade, numa tentativa de diminuir o alto índice de insucesso e abandono no ensino.

Paralelamente, o Ministério da Educação através da Escola Pública, procurou, colmatar algumas lacunas a nível económico das famílias em dificuldades financeiras, fornecendo refeições aos alunos do 1º, 2º e até 3º ciclo, (*Programa Pera*) inclusivamente nas pausas escolares (em alguns sítios e situações devidamente assinalados) e revendo os apoios escolares.

Tentou também resolver os problemas de preenchimento de horários lectivos, de modo a ajudar as famílias que não têm onde deixar os filhos, principalmente os pertencentes a uma faixa etária muito baixa, alargando a ocupação plena dos tempos escolares, através da oferta de actividades de enriquecimento curricular. Consideramos importante destacar o nosso envolvimento neste tipo de actividades, uma vez que as temos também vindo a desempenhar, no âmbito da língua inglesa, pois conseguimos, até ao final do ano transacto, conciliá-las com os horários de espanhol. Assim, como a nossa formação inicial foi no âmbito do ensino do inglês para anos posteriores, frequentámos duas acções de formação de 50 horas cada, em ensino do inglês para o primeiro ciclo do ensino básico, desenvolvidas pela Direcção Geral de Educação do Alentejo.

Finalmente, esta Lei de Bases permitiu um processo de revisão curricular através da elaboração de novos programas para as diferentes disciplinas culminando, em 2001, com a publicação do *Currículo Nacional do Ensino Básico-Competências Essenciais*, designado por CNEB.

O CNEB foi um documento resultante do processo de reorganização curricular do ensino básico, publicado pelo Ministério da Educação, doravante Departamento da Educação Básica (DEB), em 2001. Este documento, para além de enunciar as competências consideradas essenciais, distinguindo entre as que eram “gerais” e

próprias de um perfil do aluno à saída do ensino básico, enunciava também as que eram “específicas” de cada área disciplinar ou disciplina. O documento visava ainda explicitar os diversos tipos de experiências de aprendizagens que deveriam ser proporcionadas a todos os alunos. Existia também, no documento em questão, uma clara preocupação em explicitar o verdadeiro significado do termo “competência”, apresentando-se uma noção ampla que integra conhecimentos, capacidades e atitudes. Assim poderia ser entendido como sendo um “saber em acção” ou “saber em uso”. Estas competências essenciais deveriam ser promovidas e operacionalizadas de forma gradual e transversal ao longo dos nove anos que constituíam, à data da sua publicação, a educação básica entre as várias áreas disciplinares e as áreas curriculares não disciplinares (Área de Projecto, Formação cívica e Estudo Acompanhado).

Assim, as dez competências essenciais que norteavam este documento, sabendo que cada uma delas possuía competências específicas, encontram-se referidas no Anexo A.

Finalmente, para desenvolver as referidas competências, pretendia-se que cada professor das diferentes áreas curriculares actuasse de forma transversal, promovendo acções e/ou tarefas em contínua articulação, visando uma aquisição completa de saberes por parte dos aprendentes e permitir “que o aluno seja capaz de mobilizar capacidades e conhecimentos, seja capaz de mobilizar recursos (conhecimentos, capacidades, estratégias) em diversos tipos de situações, nomeadamente situações problemáticas” (DEB, 2001, citado por Balça & Figueiredo, 2012, p. 9).

Mas, se se julgava que o CNEB encerrava finalmente um conjunto de indicações que norteavam o ensino em Portugal, eis que o Despacho nº 17169/2011, de 12 de Dezembro, veio revogar esse documento abrindo assim caminho para as Metas Curriculares, sendo estas uma iniciativa do Ministério da Educação e Ciência. Neste momento, “conjuntamente com os actuais Programas de cada disciplina, as metas constituem as referências fundamentais para o desenvolvimento do ensino: nelas se clarifica o que nos Programas se deve eleger como prioridade, definindo os conhecimentos a adquirir e as capacidades a desenvolver pelos alunos nos diferentes anos de escolaridade” (cf. Despacho nº 5306/2012, de 18 de Abril).

As capacidades a desenvolver supra referidas constituirão a consecução ou não, dos objectivos previamente traçados pelo professor, as quais irão permitir a constatação daquilo que o aluno é capaz de fazer ou não, no final de um ciclo de aprendizagem. Será

então a partir desses descritores de desempenho que o profissional docente poderá avaliar o resultado da aprendizagem realizada.

O documento agora elaborado (apesar de não existir até ao momento para a disciplina concreta de Espanhol) serve também de apoio à planificação e à organização do ensino e explicita o que pode ser considerado como aprendizagem essencial a realizar pelos alunos em cada disciplina, por ano de escolaridade, ou, quando isso se justifique, por ciclo, assinalando o que nos actuais Programas deve ser objecto de ensino, representando um documento normativo de progressiva utilização obrigatória, por parte dos professores, tendo havido uma preocupação de formular de forma clara e precisa os conhecimentos a adquirir e as capacidades que se querem ver desenvolvidas, respeitando a ordem de progressão da sua aquisição, de modo a que os professores saibam exactamente o que se pretende que o aluno aprenda.

As metas visam proporcionar uma maior liberdade de movimentos ao professor, permitindo-lhe ir mais além, explorar novas aprendizagens e estimular o aluno para a aquisição de outros conteúdos, quando estiverem já atingidos os objectivos mínimos. Esses objectivos assumem-se como capacidades mais vastas que o aluno deve adquirir e que podem ser retomados em anos posteriores, funcionando como pré-requisitos de outras aprendizagens. Apesar de não estarem vocacionadas para o ensino profissional, poderemos encontrar algum ponto de referência nestas metas, uma vez que será o professor, na maior parte dos casos, o responsável por elaborar os apontamentos ou manuais, adequando-os à realidade económica, social, cultural e principalmente à área ou sector de trabalho a que se destina determinado curso. De salientar que, actualmente, a adopção de manuais escolares no presente ano lectivo para os CP foi altamente recomendada, tendo-se já procedido à análise e escolha de manuais para o módulo de Espanhol.

Deste modo, cingindo-nos ao caso das línguas estrangeiras e mais especificamente à disciplina de Espanhol, bem como ao Inglês, torna-se imprescindível o conhecimento de documentos tão importantes como os atrás referidos, bem como do Programa e Organização Curricular de Espanhol, que coexistem até hoje, devendo-se também atribuir especial importância ao Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, designado por QECRL, que “fornece uma base comum para a elaboração de

programas de línguas, bem como linhas de orientação curriculares” (Conselho da Europa, 2001, p. 19)

Neste documento encontram-se definidos o tipo de conhecimentos e competências que os aprendentes e/ou utilizadores devem ter a fim de comunicar de modo eficaz em uma Língua Estrangeira. Para isso, o QECRL divide os aprendentes e utilizadores em três categorias que se encontram subdivididos em seis níveis de descritores, como se pode comprovar no Anexo B.

Quantas mais línguas se conhecerem e dominarem, mais aumentará a integração entre os povos de diferentes continentes (e não só da Europa), a fim de facilitar as relações quer a nível cultural como político, comercial ou mesmo financeiro. “A competência plurilíngue e pluricultural é a capacidade para utilizar as línguas para comunicar na interacção cultural, na qual o indivíduo, na sua qualidade de actor social, possui proficiência em várias línguas, em diferentes níveis, bem como experiência de várias culturas.” (QECRL, 2001, p. 231)

Assim, como o principal objectivo do QECRL é, verdadeiramente, fornecer a tal base comum que facilite a elaboração de programas de ensino de línguas, a uniformização de currículos, a adequação de livros, textos e outros materiais por toda a Europa e construir o apoio que faltava para uma categorização pormenorizada de todos os falantes de Língua Estrangeira e a sua respectiva proficiência, não é, por isso, de estranhar que o nosso Ministério da Educação e Ciência, com a publicação do despacho nº 5306/2012, de 18 de Abril, tenha estabelecido novas metas de aprendizagem, agora levando em linha de conta aquele documento europeu para as LE. Faltava, de facto, a tutela encarar o QECRL como o documento orientador que é, sendo que, neste momento, a própria *Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular* (DGIDC) (s.d.) passou a afirmar no seu sítio da internet que

as metas curriculares estabelecem aquilo que pode ser considerado como a aprendizagem essencial a realizar pelos alunos, em cada um dos anos de escolaridade ou ciclos do ensino básico. Constituindo um referencial para professores e encarregados de educação, as metas ajudam a encontrar os meios necessários para que os alunos desenvolvam as capacidades e adquiram os conhecimentos indispensáveis ao prosseguimento dos seus estudos e às necessidades da sociedade actual. (ME, 2012)

Voltando ao caso específico dos CP que, como atrás referimos, visam a integração no mundo do trabalho, embora também permitam o prosseguimento de estudos, estes foram criados pelo Decreto-lei n.º 74/2004, de 26 de Março. O seu funcionamento seria desenvolvido em módulos de duração variável, combináveis entre si, segundo níveis de escolaridade e de qualificação profissional, progressivamente mais elevados. Teriam a duração de três anos lectivos, correspondentes a um mínimo de 2900 e um máximo de 3600 horas de formação. Os planos de estudo deveriam incluir:

- a) Componente de formação socio cultural, comum a todos os cursos;
- b) Componente de formação científica, comum a todos os cursos da mesma área de formação;
- c) Componentes de formação técnica, prática, artística e tecnológica, variáveis de curso para curso, cuja carga horária curricular não deve ultrapassar 50% do total estabelecido nos planos de estudo;

E, por último, deveriam obrigatoriamente conter um período de formação em contexto de trabalho directamente ligado a actividades práticas no domínio profissional respectivo e em contacto com o tecido socioeconómico envolvente, período que, sempre que possível, deve revestir a forma de estágio.

Paralelamente, a Portaria 550-C/2004, de 21 de Maio (posteriormente já alterada pela portaria nº 797/2006, de 10 de Agosto, e revogada completamente pela 74-A/2013, de 15 de Fevereiro), definiu a criação, organização e gestão do currículo dos cursos profissionais de nível secundário, bem como a avaliação e certificação das suas aprendizagens.

Esta portaria estipulava ainda que estes tipos de cursos deverão incluir no seu plano de estudos três componentes de formação:

- Componente de formação socio cultural;
- Componente de formação científica;
- Componente de formação técnica.

A Componente de formação socio cultural é comum a todos os cursos e nele encontram-se integradas as disciplinas de Português, Área de Integração, Língua Estrangeira I,II ou III (o aluno pode optar por uma língua de nível de iniciação, ou de continuação, sendo que se tiver frequentado apenas uma língua estrangeira, no ensino básico, terá obrigatoriamente de escolher uma segunda, no ensino secundário), Tecnologias de Informação e Comunicação e Educação Física.

No caso em particular do *Curso de Técnico de Viticultura e Enologia*, curso homologado através da Portaria nº 905/2005, de 26 de Setembro, e visto termos sido directora de turma, apresentamos, no Anexo D, tabelas com o respectivo plano de formação do ano transacto, ao qual se reporta este relatório, em que se exemplifica a forma como se encontra organizado neste estabelecimento de ensino em particular, uma vez que este tipo de cursos possui alguma flexibilidade, bem como a relação de módulos que compõem todo o Curso ao longo dos três anos. Embora observando-se certas regras, cada escola tem competência para estruturar e estipular a carga horária de cada disciplina, bem como a forma como esta se organiza ao longo dos três anos de duração do curso. No entanto, um CP terá de ter obrigatoriamente menos de 1100 horas de formação por ano.

Face ao exposto e actuando em conformidade, o regulamento interno de funcionamento dos cursos profissionais, é um documento em constante construção. Não obstante, no seu capítulo III, secção II define-se a estrutura e organização administrativa e pedagógica, bem como as estruturas de coordenação e supervisão, como se poderá comprovar no Anexo C.

O ciclo de formação de *Técnico de Viticultura e Enologia* (sobre o qual nos iremos debruçar mais pormenorizadamente uma vez que, a nossa relação didáctica foi mais além da leccionação de aulas) e de *Técnico de Turismo Ambiental e Rural*, encontra-se a decorrer desde 2011 e prolongar-se-á até 2014 e coube-nos leccionar o segundo ano, 2012/2013 da disciplina de espanhol, nível de iniciação, como já foi referido atrás.

No caso das LE, sejam elas de iniciação ou continuação, a carga horária será a mesma, 220 horas, sendo que no estabelecimento de ensino referido, optou-se por leccionar no primeiro ano 100 horas e no segundo ano 120 horas e é uma das disciplinas da componente de formação sociocultural, como se pode constatar no Anexo D.

O elenco modular de Espanhol continuação, encontra-se subdividido em 9 módulos (M), no *Programa de Espanhol*, da Direcção Geral de Formação Vocacional desde agosto de 2006, data em que foi homologado, distribuindo-se da seguinte forma:

-Aprender a aprender (M I); Pessoas e Relações (M II); Juventude e cidadania (M III); Saúde e cuidados corporais (M IV); Serviços e consumo (M V); Tempo de lazer (M VI); Temas da actualidade (M VII); O mundo do trabalho (M VIII); Língua e cultura (M IX).

No que se refere aos objectivos subjacentes a este programa, nomeadamente nas Componentes de Formação Sociocultural e Científica (ME, 2006), a disciplina de Espanhol deverá proporcionar ao aluno os meios que o levem a:

- Consolidar e alargar a competência comunicativa adquirida no ciclo anterior, de forma a usar apropriada e fluentemente a língua espanhola nas variadas situações de comunicação.
- Compreender mensagens orais ou escritas produzidas em contextos diversificados e adequadas ao seu nível de competência.
- Interpretar e produzir diferentes tipos de texto, demonstrando autonomia no uso das competências pragmática e estratégica.
- Desenvolver o gosto de ler e escrever em espanhol como meio de comunicação e expressão.
- Descobrir e contrastar o funcionamento da língua espanhola com a língua materna.
- Interagir a partir do aprofundamento na cultura espanhola e hispano-americana.
- Demonstrar atitudes positivas perante a língua espanhola e o universo sociocultural que veicula, numa perspectiva intercultural.
- Consolidar práticas de relacionamento interpessoal que favoreçam o sentido da responsabilidade e da solidariedade, assim como a consciência da cidadania europeia.
- Dominar estratégias de superação de dificuldades e resolução de problemas, valorizando o risco como forma natural de aprender.
- Utilizar adequadamente as novas tecnologias como meio de comunicação e informação. (p.3)

Para o elenco modular de espanhol iniciação, adoptam-se do programa dos Cursos de Educação e Formação de adultos, os seis primeiros módulos (M): Eu na Escola (M I); Vivências e convivências (M II); Lugares e transportes (M III); Serviços e consumo (M IV); Saúde e cuidados Pessoais (M V) e Organização do trabalho (M VI).

Assim, de acordo com o programa, “a cada módulo corresponde um tema que serve de domínio de referência para a realização das tarefas produtivas e das actividades de

aprendizagem. As temáticas seleccionadas estão em consonância com as vivências dos estudantes, assim como com a sociedade que os rodeia.” (ME, 2009, p. 3)

Como nos coube estruturar e elaborar os guiões de trabalho referentes ao módulo de espanhol iniciação, procurámos estruturá-los todos de forma idêntica em conformidade com as directrizes dos programas: definição de objectivos, apresentação de conteúdos/temas a desenvolver, propostas de tarefas e ou trabalhos susceptíveis de avaliação.

Em relação à avaliação, esta pode assumir “caracter diagnóstico, formativo e sumativo”, como estava regulamentado pela portaria nº 550-C/2004, de 31 de Maio, e actualmente pela 74-A/2013.

A avaliação diagnóstica (Anexo E) poderá realizar-se sempre que se considere necessário e não apenas no início do ano lectivo, pois poderá constituir um meio de constatação de aquisição ou não de aprendizagens. Por outro lado, a avaliação formativa deverá ser aplicada no decorrer das actividades como forma de consolidação de conhecimentos e a sumativa preferencialmente no final de cada módulo, pois constitui-se como meio essencial de realização de módulos e aferir a progressão nas aprendizagens. Contudo, para além de estar definido no regulamento da escola, está prevista também a realização de módulos em atraso.

Ainda outro aspecto importante relacionado com a avaliação será a assiduidade, pois o regime de faltas do ensino profissional é diferente do regime aplicado no ensino regular. O aluno que atinja mais de metade do limite de faltas a determinado módulo, terá de ser sujeito a prova de recuperação e obter nota positiva na tarefa destinada, por forma a colmatar o limite de faltas atingido.

A portaria nº 797/2006, de 10 de Agosto, já referida anteriormente, vinha, no seu artigo 35º referente ao cumprimento do plano de estudos, legislar que “para efeitos de conclusão do curso com aproveitamento, devem estar reunidos cumulativamente os seguintes requisitos:

- a) A assiduidade do aluno não pode ser inferior a 90% da carga horária do conjunto dos módulos de cada disciplina;
- b) A assiduidade do aluno, na FCT, não pode ser inferior a 95% da carga horária prevista.

2— Em situações excepcionais, quando a falta de assiduidade do aluno for devidamente justificada, as escolas deverão assegurar:

a) O prolongamento das actividades até ao cumprimento do número total de horas de formação estabelecidas;

ou

b) O desenvolvimento de mecanismos de recuperação tendo em vista o cumprimento dos objectivos de aprendizagem;

c) O prolongamento da FCT a fim de permitir o cumprimento do número de horas estabelecido. (p. 5783)

Assim, no regulamento interno da escola, no capítulo II - Comunidade Educativa, na sua subsecção IV relacionada com a assiduidade, pode ler-se:

Artigo 15

Excesso grave de faltas

1. As faltas injustificadas não podem exceder o dobro do número de tempos lectivos semanais, por disciplina, sem prejuízo do disposto no número seguinte.
2. Nos cursos profissionais a assiduidade do aluno não pode ser inferior a 90% da carga horária de cada módulo de cada disciplina;
3. Nos cursos profissionais a assiduidade do aluno na formação em contexto de trabalho não pode ser inferior a 95% da carga horária prevista.
4. Quando for atingido metade dos limites de faltas previstos nos números anteriores, por disciplina, os pais ou o encarregado de educação ou o aluno maior de idade são convocados à escola, pelo meio mais expedito, pelo director de turma ou pelo professor que desempenhe funções equiparadas ou pelo professor titular de turma, com o objectivo de os alertar para as consequências do excesso grave de faltas e de se encontrar uma solução que permita garantir o cumprimento efectivo do dever de frequência, bem como o necessário aproveitamento escolar.
5. Caso se revele impraticável o referido no número anterior, por motivos não imputáveis à escola, e sempre que a gravidade especial da situação o justifique, a respectiva comissão de protecção de crianças e jovens em risco deve ser informada do excesso de faltas do aluno menor de idade, assim como dos procedimentos e diligências até então adoptados pela escola e pelos encarregados de educação, procurando em conjunto soluções para ultrapassar a sua falta de assiduidade.
6. As faltas injustificadas às actividades de apoio ou complementares de inscrição ou de frequência facultativa não podem exceder o dobro do número de tempos lectivos semanais, por disciplina.
7. A ultrapassagem do limite de faltas estabelecido no ponto anterior implica a imediata exclusão do aluno das actividades em causa

8. Para os efeitos previstos nos pontos 2 e 3, o resultado de aplicação de qualquer das percentagens nele estabelecidas é arredondado por defeito, à unidade imediatamente anterior, para o cálculo da assiduidade, e por excesso à unidade imediatamente seguinte, para determinar o limite de faltas permitido aos alunos.

9. Quando a falta de assiduidade do aluno for devidamente justificada, nos termos da legislação aplicável, a escola assegura:

a) No âmbito das disciplinas do curso, o prolongamento das actividades até ao cumprimento do número total de horas de formação estabelecidas, ou o desenvolvimento de mecanismos de recuperação tendo em vista o cumprimento dos objectivos de aprendizagem;

b) No âmbito da FCT, o seu prolongamento a fim de permitir o cumprimento do número de horas estabelecido. (p. 16)

Muito recentemente, a Portaria 74-A/2013, de 15 de Fevereiro, já aludida atrás, veio reforçar a importância do ensino profissional no sentido de promover a competitividade e o crescimento do emprego, impondo contudo uma alteração no seu artigo 9º, com relação à assiduidade: “1. No cumprimento do plano de conclusão do curso com aproveitamento, devem estar reunidos, cumulativamente, os seguintes requisitos:

a) A assiduidade do aluno não pode ser inferior a 90% da carga horária de cada módulo de cada disciplina;

b) a assiduidade do aluno na FCT não pode ser inferior a 95% da carga horária prevista.” (p. 976-(4))

No nosso ponto de vista, poderá ser uma forma de treinar e responsabilizar os formandos para a sua vida activa no mercado de trabalho, uma vez que, já anteriormente, no Despacho nº 14758/2004 (2ª série), tinham sido definidas as condições essenciais de gestão pedagógica e organizacional a observar pelas escolas públicas que se dispunham ministrar cursos profissionais e, muito mais recentemente, no Decreto-lei nº 139/2012, de 5 de Julho, no seu artigo 6º (relacionado com as ofertas formativas no ensino secundário, na alínea D), se faz referência aos CP vocacionados para a qualificação profissional dos alunos, privilegiando a sua inserção no mercado de trabalho e permitindo o prosseguimento de estudos. Enfatiza-se também na secção III (organização do currículo no ensino secundário), no artigo 10º, alínea b) a componente de formação socio cultural (onde se insere o ensino da língua espanhola) nos cursos

profissionais, que visa contribuir para a construção da identidade pessoal, social e cultural dos alunos.

De salientar que os alunos só terminam o curso com os módulos todos feitos e que a especificidade e modelos desta escola são diferentes de outras pois, como já foi dito, os CP são uma modalidade de ensino que se rege pelas necessidades e pelo contexto da escola que os ministra.

É importante ainda destacar que, o Decreto-lei nº 91/2013, de 10 de Julho, veio alargar a carga horária da formação em contexto de trabalho, com vista a desenvolver a componente técnica da formação, permitindo aos alunos uma aplicação dos conhecimentos adquiridos e o desenvolvimento de novas aptidões que facilitam, quer a sua integração no mundo do trabalho quer o prosseguimento de estudos.

Assim, a componente sócio cultural continua a dispor de uma carga horária de 1000 horas, a componente científica conta com 500 horas e será na componente técnica que se irá registar o aumento da carga horária passando a ter 1.100 horas distribuídas por três ou quatro disciplinas de natureza tecnológica, técnica e prática, estruturantes da qualificação profissional visada e a Formação em Contexto de Trabalho passará a dispor entre 3200 a 3440 horas, o que, no nosso ponto de vista, poderá tornar-se algo excessivo, tendo em conta a já tão grande carga horária presente neste tipo de ensino.

Para finalizar a nossa pequena apresentação do que entendemos acerca do funcionamento e estruturação dos CP, com os quais tivemos a oportunidade de tomar contacto o ano transacto, referiremos ainda, a jeito de remate final, um último Despacho, o nº 9815 –A/2012, que no seu artigo 26º define o número mínimo de alunos por turma, como sendo de 24 elementos e um máximo de 30, excepto nos cursos profissionais, em que a sua especificidade imponha o limite de 14, excepto nos cursos profissionais de música. Também no ponto 26.1, determina-se que “as turmas de cursos profissionais do nível secundário de educação que integram jovens com necessidades educativas especiais de carácter permanente, necessidade de adequações curriculares e cujo programa educativo individual assim o determine são constituídas por um numero máximo de 20 alunos, não podendo incluir mais de dois alunos naquelas condições”

O referido Despacho vem assim no seguimento das actuais políticas de contenção de despesas a todo o custo do nosso ministério da educação, sendo que na nossa modesta

opinião, um grande número de elementos em sala de aula, poderá tornar as actividades menos rentáveis e eficazes em todos os níveis e tipos de ensino.

A jeito de conclusão, não poderemos, contudo, deixar de referir que a constante mudança e alterações verificadas na legislação em torno dos CP, veio de certo modo condicionar a nossa pratica lectiva, uma vez que as nossa funções enquanto directora de turma requereram sempre muito do nosso tempo, limitando o espaço de pesquisa, planificação e elaboração de novas actividades e tarefas.

Pensamos que seria muito proveitoso limitar as nossas tarefas a nível burocrático, de forma a podermos canalizar a nossa atenção e esforços em práticas inovadoras e potenciadoras de uma prática educativa cada vez mais eficaz.

2. PLANIFICAÇÃO E CONDUÇÃO DE AULAS E AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Paulo Freire

Perante uma sociedade cada vez mais diversificada, multicultural, em permanente transformação e interacção uns com os outros e com o meio, é necessário repensar continuamente a especificidade do papel do professor.

Quando a dezanove de Setembro nos foi atribuído o nível de iniciação da língua espanhola no ensino profissional, sentimo-nos algo apreensiva, pois, logo de início, fomos confrontada com a necessidade de adquirir conhecimentos relacionados com os aspectos técnicos e burocráticos inerentes aos Cursos Profissionais, nomeadamente, pautas de módulo, pautas de disciplina, fichas de informação individual, legislação relacionada, bem como todo o regulamento interno já explicitado anteriormente, visto que, como já referimos o funcionamento deste tipo de ensino rege-se por normas específicas. Outros documentos a ter bem presente serão os previstos pela *Agencia Nacional de Qualificação Profissional*, com vista à obtenção das competências essenciais necessárias previstas para este nível de ensino, para assim seleccionar metodologias adequadas a estas situações.

Hoje em dia, a tarefa de ensinar vai muito mais além da mera transmissão de conhecimentos, devemos desenvolver também a capacidade de preparar actividades, organizar conteúdos, colocar em prática o que foi planificado previamente e, finalmente, aferir os conhecimentos adquiridos pelos aprendentes. Claro que a relação estabelecida entre professor e alunos é tão ou mais importante que as referidas anteriormente, principalmente porque cada vez mais se constata, que os alunos provêm de núcleos familiares, económicos e culturais muito heterogéneos.

Torna-se, assim, essencial estabelecer uma relação saudável e aprazível, por forma a criar um ambiente favorável para a aprendizagem, tentando ao mesmo tempo conhecer

um pouco das motivações, interesses e ambições do público-alvo, de modo a adaptar as temáticas aos interesses e necessidades dos aprendentes, tendo sempre presente que “a organização do ensino é feita em função da análise dos vários tipos de alunos, do levantamento das necessidades de cada tipo e da definição dos objectivos, em função dessas necessidades.” (Mira. A.R.& Mira. M.I., 2002, p.17)

No ensino regular, num momento inicial, seria aplicado um questionário de interesses, mas para o ensino profissional não estava prevista a sua aplicação neste estabelecimento de ensino, pelo que aproveitámos, sempre que possível, tentar perceber quais seriam as tendências manifestadas pelos aprendentes com vista à sua inserção futura no mercado de trabalho. No âmbito do último módulo leccionado - *Organização do trabalho* - aproveitámos para os orientar na elaboração do *Curriculum Vitae* de cada um dos elementos da turma, o que nos permitiu conhecer um pouco das suas ambições futuras.

Procurámos, ao mesmo tempo, estabelecer sempre uma boa relação de entre ajuda e confiança com os aprendentes, funcionando muitas vezes como mediadora entre eles, as aprendizagens, alguns docentes e até com alguns encarregados de educação, pois alguns transitaram de ano já com imensas faltas a alguns módulos, o que motivou, pelo menos em dois casos, a aplicação de tarefas de recuperação de aprendizagens, por forma a recuperar a sua fraca assiduidade (Anexos F e G).

No que se refere à nossa direcção da turma de *Técnico de Enologia e Viticultura*, foi essencial o documento referente ao perfil e caracterização da turma (ver Anexo H) fornecido pelo gabinete de estatística da escola para dar a conhecer a sua realidade específica, pois, além de se tratar de ensino profissional, era também o grupo de alunos que tínhamos a nosso cargo que, de início, não estavam presentes, por se encontrarem em estágio, visto Setembro ser época de vindima e esta ser uma das fases constante da PCT (Prática em Contexto de Trabalho), tendo só iniciado as actividades lectivas em Outubro. Ainda assim, contámos com a ajuda e orientação da professora coordenadora de curso que nos confidenciou que, sendo uma turma maioritariamente masculina, era um pouco reticente a trabalhos em sala de aula, preferindo os trabalhos de campo. Assim, sentimos ainda uma maior necessidade de conhecer, o quanto antes, um pouco das capacidades e/ou dificuldades através da implementação da avaliação de diagnóstico, se bem que esse tipo de avaliação tenha sido feita ao longo de todo o ano lectivo, sempre que tal fosse necessário, especialmente para constatar se realmente os

objectivos estavam ou não a ser atingidos, pois são essas informações essenciais que irão colocar o aluno num determinado nível de desempenho e trabalhar com ele a partir daí, com vista ao desenvolvimento da sua competência comunicativa.

Consequentemente, mesmo antes do início das aulas e visto ser necessário elaborar um guião orientador de trabalho e actividades a realizar em sala de aula, pois neste ano não houve ainda adopção de manuais escolares para este tipo de ensino, elaboramos planificações de módulo, para cada um dos três previstos para este ano lectivo baseadas na planificação modular que já estava elaborada desde o ano anterior, pois como se trata de cursos de três anos divididos por módulos, não é possível alterar o que já está estabelecido. Nesses documentos (ver Anexo I) foram formulados os objectivos a alcançar, seleccionaram-se os conteúdos temáticos, morfosintácticos e comunicativos a desenvolver, as actividades e/ou estratégias e métodos de ensino mais adequados para a implementação e desenvolvimento das práticas lectivas e a avaliação das aprendizagens.

Nessas planificações estão bem especificados os tempos a utilizar em cada módulo, bem como as datas em que se devem realizar, pois o cumprimento das horas lectivas em tempo útil, além do mais porque se encontravam em ano terminal da disciplina de espanhol, tornava obrigatória a frequência integral de todas as horas previstas.

De referir que, tanto as planificações, como todos os documentos de trabalho e informativos fornecidos aos alunos tiveram como base os documentos orientadores apontados anteriormente.

Ao planificar as actividades, o professor mesmo antes de iniciar as aulas, organiza o seu trabalho, reflecte sobre os conteúdos a considerar, métodos a aplicar, materiais a utilizar, competências a desenvolver e expectativas a alcançar, para assim desenvolver um trabalho lógico, coerente e eficaz, tendo para isso as características dos aprendentes (motivações e interesses, atitudes e valores, capacidades e dificuldades apresentadas anteriormente).

Na escola onde leccionámos no ano transacto é obrigatório elaborar não só uma planificação dos três anos lectivos que compõem o elenco modular e respectivas horas do curso, como também planificações por módulo, as quais no nosso caso corresponderam aos três módulos terminais de língua espanhola iniciação.

Convém ainda salientar que, sempre que se julgou necessário se procedeu a alterações nos referidos documentos de forma a adaptar actividades ou estratégias em alturas ou momentos que não exactamente no planificado anteriormente, de modo a facilitar ou promover um melhor desempenho das actividades lectivas.

Mesmo até quando se planifica previamente uma aula com bastante pormenor (ver Anexo I), não significa que a mesma se mantenha hermeticamente fechada a alterações, pois o próprio desenrolar das actividades poderão levar a uma mudança de rumo, ou alteração de situações, quer por motivos de ordem interna, de comportamentos ou atitudes dos alunos; ou até mesmo motivos externos ou alheios ao ambiente de sala de aula, uma quebra de energia ou outro motivo de força maior poderão levar à necessidade de utilização de um plano B.

Apesar de se tratar de uma turma relativamente pequena, composta por 5 alunos do 11º J (*Técnico de Turismo Rural e Ambiental*) e 9 do 11º I (*Técnico de Enologia e Viticultura*), perfazendo um total de 3 raparigas e 11 rapazes, procuramos sempre elaborar e seleccionar materiais diversificados, articulando a competências a desenvolver e os objectivos a alcançar, com estratégias, actividades e vários tipos de avaliação, com os interesses, necessidades e também com as dificuldades apresentadas pelos aprendentes, como aliás já referimos, chegando mesmo a apoiar de forma mais individualizada algum caso ou outro requerente de mais atenção e ajuda. Não basta para isso basear-nos só no conhecimento profundo que tínhamos e temos das dos conteúdos temáticos gramaticais lexicais, como também no conhecimento acerca dos gostos e interesses dos nossos alunos. Só assim poderíamos perspectivar se os conhecimentos a partilhar lhes seriam interessantes e significativos e se ao mesmo tempo estariam preparados para os adquirir. Temos consciência que, para tal foi essencial partilhar informação com os coordenadores de curso de ambas as turmas, pois estes, possuíam já elementos do ano anterior, daí ser extremamente importante uma flexibilização constante dos nossos métodos de trabalho. Cada professor de acordo com os objectivos pretendidos, adaptar conceitos, actividades e/ou estratégias defendidas em diversos métodos ao planificar as suas aulas.

Por ser um público-alvo algo desmotivado, com pouca confiança em si mesmos, com um nível fraco de cultura geral e com uma auto estima muito baixa, utilizamos muitos documentários, acerca da geografia, tradições, cultura, costumes e história de Espanha,

de modo a dar a conhecer um pouco da língua e cultura hispana, bem como promovemos a visualização de filmes e audições em língua castelhana, tendo mesmo interagido com a professora de espanhol continuação, na visualização de pequenos episódios da série espanhola “Verano Azul”, em conjunto com os alunos de espanhol continuação, que seriam afinal os restantes colegas das duas turmas, que se encontravam desdobrados nestas duas disciplinas consoante o grau de proficiência que possuíam de espanhol, de modo a promover pequenos debates entre grupos das duas turmas, de perguntas e respostas acerca dos episódios visualizados, de forma a promover e desenvolver a oralidade, actividades assentes em metodologias com características do método áudio oral e audiovisual; já nas aulas em que foi fornecido e traduzido vocabulário relacionado com a temáticas de cada uma das turmas Vinho e Turismo, foi utilizado uma metodologia com características do método tradicional e na realização de actividades, como a apresentação de trabalhos em língua espanhola, utilizámos metodologias com características do método directo. Assim, na nossa opinião, as práticas lectivas baseadas num eclectismo metodológico serão as que melhor fomentarão uma abordagem comunicativa eficaz, que é afinal o principal objectivo do nosso trabalho.

Por se tratar de ensino profissional, em que o aluno deve ser mais autónomo na pesquisa de material para a elaboração das actividades propostas, na análise e escolha desse material ou informação recolhida e na aplicação dos conhecimentos adquiridos, cabendo ao professor o papel de mediador e facilitador das aprendizagens, a visualização de filmes em língua espanhola, com temáticas bastante direccionada para os temas em estudo para espanhol iniciação, para posterior debate, análise ou elaboração de guião ou ficha de trabalho revelaram-se bastante proveitosos.

Nomeadamente, no contributo de espanhol iniciação para o projecto de educação sexual da turma J do 11º ano, no âmbito da ética profissional e nas tendências sexuais de um profissional de saúde em relação a uma paciente, o filme “Habla con ella”, de Pedro Almodôvar é um exemplo bem ilustrativo de uma realidade bastante controversa de um cariz sexual, o mínimo perturbador e facilitador de uma extensa reflexão conjunta, sendo que este filme constituiu a nossa contribuição para o Projecto de Educação Sexual da turma. (Anexo J)

Também no âmbito das funções de direcção de turma, colaborámos em diversas visitas no âmbito da enologia e da viticultura, como se pode verificar através do plano de actividades em anexo (ver Anexo K), articulando essas visitas com as disciplinas de línguas, nomeadamente o Espanhol e o Português, e também com o Inglês, no caso dos alunos de turismo, pois foram elaborados relatórios e roteiros de viagem nas três línguas referidas.

No caso concreto da visita de estudo à Serra da Estrela, foram inclusivamente elaborados folhetos de divulgação de informação turística, dando especial destaque aos vinhos e viticulturas da nossa região, nos idiomas citados, para proceder á sua distribuição na zona a visitar.

O espaço exterior à sala de aula facilita aprendizagens e interacções diversificadas, pois permite o conhecimento de comunidades, valores e outras culturas que virão enriquecer o “background” cultural dos alunos.

Muitas vezes, o espaço fora da sala de aula torna-se tão, ou mais importante que as aulas ditas “normais”, pois são mais apazíveis, inovadoras e conseqüentemente mais eficazes, o sentido de captar mais facilmente a atenção, interesse e curiosidade do aluno. Claro que, para tornar mais eficaz essa motivação deveremos estar o mais possível, não só, a par dos gostos como também das dificuldades dos nossos alunos, recorrendo entre outras estratégias, à avaliação diagnóstica (já referida) para verificar conhecimentos ou pré requisitos necessários, que funcionem como ponto de partida para a preparação das novas aprendizagens, no início do ano lectivo e sempre que se julgue necessário, principalmente aquando da introdução de um novo módulo, ou temática. Desta forma, o professor poderá adequar de forma mais pertinente os conteúdos previstos, desenvolvendo ao mesmo tempo as competências necessárias, através de estratégias e actividades adequadas ao perfil de cada uma das turmas. Convém referir que se trata de alunos com uma faixa etária entre os dezasseis e os vinte e três anos, mas com uma baixa cultura geral e apresentando em alguns casos grandes dificuldades tanto a nível da oralidade com da escrita, bem como ao nível da compreensão, aquisição e aplicação de conhecimentos.

Assim, como já referimos atrás, as pesquisas na Internet, a realização de power points, a visualização de filmes ou documentários, além de terem uma grande aceitação por parte dos alunos, pareceram-nos ser estratégias diversificadoras e enriquecedoras, ao mesmo

tempo que sendo bem orientadas, são práticas didáticas eficazes e complementares das temáticas expostas em ambiente de sala de aula e sempre assentes em metodologias potenciadoras de “motivação dos sentidos” (Mira & Mira, p.44). Nas nossas aulas procurámos sempre que possível desenvolver técnicas levadas a cabo a partir de simulações de acções do quotidiano de forma a desenvolver a sua competência comunicativa, funcionando o professor como facilitador da aprendizagem facilitando um ensino por indução de conhecimentos. Com o passar do tempo, chegou-se à conclusão que, “não existe nem nunca existirá nenhum método perfeito” (Mira & Mira, 2002, p. 59), sendo que, “hoje em dia. Os objectivos que se propõem para a aprendizagem de uma língua estrangeira prevêm a aplicação de uma metodologia que pressuponha *um conjunto* de actividades que contribuindo para a estruturação e apropriação de regras e usos sociolinguísticos, motivem para uma aprendizagem comunicativa da língua estrangeira e favoreça o desenvolvimento intelectual, psicológico e social do aluno.” (Mira & Mira, 2002, p. 60).

Face ao exposto, caberá ao professor utilizar todas as técnicas, materiais, tecnologias e outros meios que considere necessários para motivar e canalizar a aprendizagem de forma eficaz, pois não existe uma fórmula, método ou metodologia indiscutivelmente eficiente e acertada para aplicar. Dever-se-á por tal motivo e com já foi referido atrás, adoptar um “método eclético, em que ressalte mais a importância do aluno do que a do professor e menos ainda a importância do próprio método.” (Mira & Mira, 2002, p. 60). Logo será até “mais adequado falar em metodologias do que em métodos. Metodologias susceptíveis de serem postas em prática no maior número de contextos de ensino-aprendizagem.” (ibidem).

A condução das aulas foi assim, uma das nossas maiores preocupações, pois tratava-se de um grupo com um fraco poder de concentração e com graves lacunas de conhecimentos, assim procurámos através destas estratégias, dar-lhes um papel mais activo, por forma a incrementar a sua motivação e envolvimento na disciplina. Assim, pareceu-nos fundamental também por vezes, em especial com conteúdos mais específicos do funcionamento da língua, a utilização de metodologias com características do método “didáctico”, como é definido no Dicionário de Metalinguagens da Didáctica, deitando mão de um “conjunto de procedimentos que viabilizam a aprendizagem pelo recurso a técnicas” impulsionadoras da aprendizagem. Contudo, e aludindo novamente ao referido dicionário temático, a escolha do método

ideal nem sempre se revela uma tarefa fácil, devido à grande diversidade e especificidade de situações e destinatários com que nos confrontamos. Por vezes, um método que se revela eficaz com determinado público, não resulta com outro, embora se deva levar em linha de conta que, o método tradicional “expositivo” “deverá ser complementado pelo método “demonstrativo” (ibidem) sob pena de comprometer o saber-fazer através da prática que se pretende que o aprendente domine.

O professor deverá para isso ter ao seu alcance e dominar um vasto conjunto de metodologias capazes de fomentar uma participação activa e eficaz no processo de aquisição de conhecimentos.

A realização de debates, inquéritos, sessões de perguntas e respostas intergrupais, por forma a fomentar o diálogo e participação activa em sala de aula, por exemplo, pareceu-nos ser, entre outras, algumas das técnicas e/ou metodologias a utilizar, deixando assim de parte metodologias ultrapassadas, que transformavam o professor num mero transmissor de conhecimentos, colocando-o no centro da condução das aulas, o que poderia motivar um distanciamento e desconcentração por parte dos alunos.

Na mesma linha de pensamento o Dicionário de Metalinguagens da Didáctica, explicita que “a metodologia consiste no processo lógico de orientar a investigação e compreende os princípios e as hipóteses que fundamentam os métodos. Assim sendo, no ensino das línguas, a metodologia é um espaço de confluências – os contributos, que aí convergem, provêm da linguística, da psicologia, da sociologia, da pedagogia, da tecnologia.” Logo, hoje em dia, o professor terá de estar sempre em correlação com diversas disciplinas e ciências da educação, bem como em permanente actualização a nível das tecnologias, por forma a encontrar a forma ideal de interacção com os aprendentes. Mais do que uma relação de professor aluno, teremos também de estabelecer uma relação de ajuda e estreita colaboração entre as partes integrantes do processo de ensino e aprendizagem.

Perante o exposto, procurámos comunicar sempre com os aprendentes utilizando uma linguagem cientificamente correcta (de acordo com a terminologia prevista nos textos legais) mas também simples e clara, ajustada à sua faixa etária, fomentando assim, o desenvolvimento máximo das aprendizagens a todos os membros da turma, inclusivamente em relação aos elementos com mais dificuldades de aprendizagem. Por vezes uma das metodologias que aplicámos, aquando da realização de algumas tarefas foi a distribuição dos alunos por pares ou grupos de trabalho, nos quais os alunos com

mais facilidade de aquisição de conhecimentos, apoiavam os que revelavam mais dificuldades. Essa estratégia/metodologia revelou-se sempre muito proveitosa, sendo que os objectivos e/ou metas definidas previamente pelas orientações programáticas e pelas planificações elaboradas a partir delas, pois planificar é essencial para o trabalho de qualquer docente, foram sendo ajustadas em função das necessidades, interesses e ritmos de trabalho do grupo de trabalho. Temos a convicção de que estimulámos a participação de todos os intervenientes, na concretização das actividades lectivas, pois valorizámos e incentivámos as suas intervenções em sala de aula e as prestações no trabalho desenvolvido. Todo este conjunto de metodologias levado a cabo durante todo o ano lectivo permitiu-nos aferir o interesse pelas actividades desenvolvidas, as intervenções adequadas e pertinentes, o empenho demonstrado, a participação activa nas aulas e nas tarefas propostas, a assiduidade, a pontualidade e as atitudes e valores, visto que, a avaliação não se poderá cingir somente aos testes de avaliação. Assim sendo, foram vários os instrumentos utilizados para avaliar as aprendizagens dos alunos, destacando-se a realização de testes de avaliação no final de cada módulo (ver Anexo L), trabalho de grupo, pares e/ou individuais (ver Anexo M), produção escrita, avaliação de leitura, exercícios de compreensão oral (ver Anexo N). Todos estes elementos tiveram como objectivo, não só a avaliação, como também a constatação de dificuldades, pois se só se aprende verdadeiramente uma língua, quando esta se domina tanto a nível da expressão e compreensão oral, como da expressão e compreensão escrita.

Logo no início do ano lectivo, demos a conhecer a alunos e encarregados de educação da nossa direcção de turma o regulamento interno da escola, colocando em evidência regras comportamentais, pois se é fundamental gerar um ambiente saudável em sala de aula, também é importante que existam regras a ter em conta e a respeitar, pois se os alunos têm direitos, também terão de observar os deveres. Somente mediante o cumprimento de regras, se poderá criar um ambiente em sala de aula propício à aprendizagem.

O desenvolvimento de rotinas em momentos específicos da aula, será outra das técnicas a colocar em prática sendo a elaboração do sumário uma das práticas a adoptar, funcionando como elemento estruturador da pensamento e revelador daquilo que foi efectivamente importante e pertinente durante a aula. Esse resumo, ou síntese da aula deverá ser realizado no nosso ponto de vista, no final da aula, para se evitar destruir o elemento surpresa, que afinal deverá funcionar como mais um meio de motivação para o

aluno. Um sumário no início da aula não deverá ser considerada como um verdadeiro sumário pois “praticado nesse momento da aula, ele serve para preparar os alunos, motivá-los, prevenir actos de indisciplina, criar ambiente para a aula, ligar uma determinada aula à aula anterior” e “ Nada disto é função do sumário” (Mira, A.R. & Lino, M.S., 2007, pp. 299-300). Assim sendo, no início de cada lição deverá existir um breve momento dedicado à revisão e reflexão do que foi feito na aula anterior, de forma a constatar e/ou relembrar o que foi correctamente apreendido ou não, construindo uma ponte para a aula actual. Promove-se assim a consciencialização do que foi realmente adquirido ou não.

Este procedimento poderá ainda servir como uma espécie de guião para o desenrolar da lição, pois “ a aula como contrato aponta os aspectos essenciais a trabalhar na aula que se inicia, esclarecendo os fundamentos que os justificam e o modo como eles se irão concretizar, ao longo do tempo/espaço disponível” (Mira, A.R. & Lino, M.S., 2007, p. 300). O aluno, ficará assim, informado daquilo que se irá falar ou abordar seguidamente ao momento inicial, partindo para a “construção da aula” propriamente dita, altura em que o professor procura conduzir os alunos nas suas apreensões de conhecimentos, tendo sempre presente que, uma determinada planificação poderá ser sempre alterada no decorrer da aula. Quantas vezes, seja por falta de empenho ou disposição dos alunos, ou de meios logísticos (falta e energia ou outros contratemplos) nos vemos confrontados com uma reviravolta no nosso plano de aula, tornando-se fundamental ter sempre na “manga” um plano B, ou ter o discernimento necessário para proceder de imediato a uma mudança de estratégia e continuar a motivação dos alunos para outra situação.

Finalmente a poucos minutos do final “ cada aula deverá terminar, naturalmente, com a realização do seu sumário que decorrerá da síntese final estabelecida com/pelos alunos, sendo reservado para esse sumário o tempo que o professor considerar adequado – tanto mais longo (10, 15 minutos) quanto mais baixo for o nível de escolaridade ou essenciais as matérias tratadas”. Sendo o professor o verdadeiro canalizador e promotor da prática de ensino e aprendizagem em sala de aula, deverá nos últimos momentos da aula, pedir a colaboração dos alunos para a elaboração do sumário. Poderá até pedir a um deles que o faça/registe no quadro, para constatar possíveis erros e/ou lacunas. Consequentemente a gestão do tempo, (apesar de estar pensada e planeada nas planificações e planos de aula) poderá sofrer pequenas alterações, ora por imprevistos supra referidos, ora por pequenas adaptações necessárias sempre que se considere necessário voltar atrás ou até

interromper o ritmo da sala de aula para dedicar algum tempo a um ou mais aprendentes que apresentem mais ou menos dificuldades ou erros.

Ainda em relação ao erro, pensamos ser ajustado tecer algumas considerações acerca da importância didático pedagógica do erro, funcionando este como indicador da forma como a aquisição de conhecimentos se concretiza de forma eficaz, ou não, tornando assim necessário, por vezes, o ajuste de metodologias mais ou menos eficientes.

Também segundo Mira e Mira (2002, p.16) “O erro é, hoje em dia, e muito bem considerado inevitável e necessário pois aceita-se que o processo de aprendizagem vai passando por etapas sucessivas de estruturação dos conhecimentos, entre os quais a tentativa e o erro”.

A aquisição de conhecimentos deverá ser concretizada através de tentativas e exercícios práticos, de modo a permitir uma reflexão persistente e continua acerca do processo de apreensão de conhecimentos, que poderá resultar de forma mais ou menos eficazes e rápidas, não devendo o aprendente ser repreendido pelos erros cometido, mas sim incentivado a continuar a trabalhar, por forma a superar as dificuldades. O professor não deverá penalizar o aluno pelo erro cometido, mas sim incentivá-lo, de modo a não gerar desmotivação e desinteresse pela concretização das tarefas, adoptando e/ou experimentando novas metodologias passíveis de se revelarem mais eficientes. O reforço positivo e consequentemente a valorização da sua auto estima, parece-nos ser a postura adequada a adoptar sempre que se verifique uma situação menos bem conseguida, de forma a incrementar o empenho do aluno. Um exemplo prático da forma com tentámos tirar partido do erro, foi a observação de trabalhos apresentados em sala de aula, por todos os elementos da turma, em que tinham de proceder a uma análise da apresentação por forma a preencher uma grelha de auto e hetero avaliação (Anexo O). Assim, além de ser o professor a detectar e apontar erros e consequentemente apontar estratégias de remediação, toda a turma se encontrava envolvida nessa tarefa. Julgamos ter sido uma estratégia bastante eficaz no aproveitamento do erro, com o objectivo de melhorar as prestações, pois por vezes aos alunos são os melhores juízes deles próprios. De sublinhar ainda que, foi imprescindível manter uma boa relação pedagógica com os alunos, ajudando-os e auxiliando-os e proporcionando-lhes sempre o apoio necessário, não só em actividades com a descrita anteriormente como em todas as desenvolvidas ao longo do ano lectivo. Ao longo do ano lectivo, o conhecimento de cada um dos alunos foi sendo aprofundado, através de um diálogo aberto e construtivo, participando em todos

os eventos que me foi possível participar como a Feira de Industria, Artesanato e Pecuária de Estremoz (FIAPE) e a Futurália, no Parque da Nações em Lisboa, na qual acompanhei e informei os meus alunos sobre as ofertas formativas aí existentes, tentando auxiliá-los nas suas escolhas, tendo em conta as suas expectativas e capacidades, ou seja, tentei, da maneira que me foi possível, orientá-los vocacionalmente.

A modo de conclusão, convém por ultimo referir que, foram ministrados vários momentos e tipos de avaliação sendo que a diagnóstica, já referida anteriormente, foi realizada no início do ano lectivo e sempre que se julgou necessário, pois será através dela que o professor se apercebe do grau de aprendizagem em que se encontram os seus alunos, das suas capacidades e dificuldades. Como não é atribuída classificação, poder-se-á apenas tecer um breve comentário para alertar o aluno para as dificuldades detectadas.

A avaliação formativa será a mais relevante no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que, é realizada no decorrer de todo o ano lectivo servindo como indicador do progresso das aprendizagens, sendo que todas as tarefas desenvolvidas são objecto de avaliação. Assim, os trabalhos de pares, de grupo ou individuais, e fichas de trabalho (Anexo P) realizados de acordo com as várias competências de compreensão oral e escrita, expressão oral e escrita, leitura e funcionamento da língua, bem como a observação directa, serão objecto de avaliação. Todas estas modalidades de avaliação foram registadas em grelhas específicas, nomeadamente de leitura, compreensão oral e escrita, expressão oral e escrita, funcionamento da língua, testes de avaliação formativa, trabalhos individuais, pares ou grupo e participação em sala de aula. No que concerne à oralidade, foi também construída a grelha de avaliação da oralidade de acordo com os critérios estabelecidos no departamento de línguas. (Anexo Q) Foi ainda promovida a auto e hétéro avaliação, para que os aprendentes se consciencializem do seu valor individual, de uma forma critica e imparcial. Desta forma, o aprendente toma consciência das suas capacidades reais, o que lhe permitirá resolver de uma forma mais eficaz e fácil as suas dificuldades, pois através de um trabalho cooperativo entre professor e aluno, o primeiro apresentará meios e/ou formas de superação e/ou remediação, através de tarefas a realizar.

No final do ano transacto, apesar de não ter sido uma tarefa fácil, pois com já foi referido, o grupo apresentava características muito heterogéneas, aliadas a uma forte desmotivação e ausência de expectativas futuras derivadas tanto de uma fraca auto estima, como da falta de concentração, empenho e ambição, conseguimos obter uma sensação de sentimento de dever cumprido, pois conseguimos que todos (à excepção de uma aluna) conseguissem obter aprovação na sua grande maioria, a quase todos os módulos (ver grelha dos módulos em atraso, no Anexo R) a quase todas as disciplinas, tendo transitado para o 3º ano dos Cursos.

No nosso ponto de vista, a tarefa de professor torna-se por vezes e cada vez mais frequentemente, muito difícil de desenvolver e só através de um trabalho conjunto e contínuo entre professor e aluno, de uma contínua adaptação, esforço e aprendizagem de ambas as partes, se poderá alcançar a concretização dos objectivos propostos inicialmente, dado que, na nossa opinião, a avaliação será talvez o ponto mais débil na organização destes cursos. O facto de cada módulo ser uma unidade independente causa, muitas vezes nos alunos, insatisfação face a um expectável reconhecimento ao nível da evolução das suas aprendizagens. Logo, caberá ao professor mais uma vez, direccionar o aluno num movimento de constante evolução, de modo que seja capaz de mobilizar conhecimentos anteriormente adquiridos e os aplique posteriormente, por forma a atingir o perfil esperado no final do ciclo de formação. Devemos ter sempre presente que lidamos diariamente com seres humanos portadores de vontade própria, características, gostos, interesses e sentimentos, o mais diversificado possível e não sendo a educação uma ciência exacta, cabe-nos a nós, professores, estabelecer essa ponte necessária entre as expectativas e necessidades pessoais de cada aluno e a concretização plena e eficaz do processo de ensino e aprendizagem.

3. ANÁLISE DA PRÁTICA DE ENSINO

Ninguém é tão ignorante que não tenha algo a ensinar. Ninguém é tão sábio que não tenha algo a aprender.

Blaise Pascal

A ajuda do professor tornou-se fundamental para definir metas realistas e que estão de acordo com as capacidades dos alunos. Esta pode ser uma das formas de orientação dos alunos. Nos Cursos Profissionais essa preocupação deverá ser ainda maior, pois os jovens ficam, por vezes, algo perdidos na altura de tomar decisões de forma racional e adequada ao contexto social em que se encontram inseridos.

Nestes casos em concreto, educar e ensinar implicará sempre estabelecer uma relação de compreensão, de forma a compreender os comportamentos dos alunos.

O professor deverá estar sempre consciente da influência que tem sobre os alunos e que a imagem que estes constroem dele depende, em muito, do tipo de comunicação que todos estabelecem, pois o professor tanto pode transmitir confiança e compreensão, como o contrário.

Ao longo do ano transacto, pensámos ter conseguido transmitir esses valores, embora tenhamos consciência que foi essencial compreendermo-nos a nós própria antes, pois de outra forma não teríamos conseguido encontrar as estratégias adequadas para cimentar uma boa relação de cooperação entre professora e alunos.

Mesmo com fraquezas, emoções, alegrias, receios, forças e dificuldades, cabe ao professor o papel de ajudar os alunos a solucionar os seus problemas e ansiedades, gerando um clima de confiança e estabilidade. Só desta forma nos parece ser possível que a vida escolar possa potenciar e colaborar na formação um ser humano completo que se aceite, e aceite o outro, de forma responsável e capaz de se preparar para o futuro. É essencial não esquecer que estes são os trabalhadores e profissionais do futuro e que, por isso, devem ser dotados de capacidades e competências que os ajudem a dar resposta a qualquer situação, de forma autónoma e eficaz.

O professor deverá, assim, possibilitar ao aluno a independência necessária, para aprender a aprender, funcionando como guia, promovendo o seu crescimento e desenvolvimento afectivo, moral e social no espaço escolar e fora dele.

Por outro lado, e não menos relevante, outra das funções de instruir, prevista no Estatuto da Carreira Docente (ECD) será o dever de avaliar os alunos. Assim, ao longo deste ano lectivo, logo que finalizámos um módulo, e até mesmo sempre que julgámos necessário constatar a apreensão de determinados conteúdos, aplicámos avaliações diagnósticas, formativas e, por último, sumativas ou certificativas, por forma a obtermos o *feedback* necessário ao prosseguimento do processo de ensino e de aprendizagem. A avaliação, nesta perspectiva, consistirá também em planificar, compor e corrigir provas e atribuir uma nota final pois, uma das funções essenciais da profissão docente será a de “avaliar com imparcialidade, seriedade e rigor (...) avaliar de forma a tranquilizar ou mobilizar os pais sem os envolver na gestão da sala de aula; conservar rotinas de avaliação; [e] usar a avaliação modelando os programas para obter resultados pessoais positivos; (...)” (Ferreira.A.M.,2009, pp. 31-32)

No espaço de sala de aula, há ainda que ter em linha de conta o papel fundamental desempenhado pela observação directa como outra forma de avaliação, visto permitir uma recolha de informação contínua e sistemática acerca dos desempenhos dos alunos. Esta recolha de informação pode ser por observação do aluno dentro e fora da sala de aula, pelas suas acções e reacções, trabalhos realizados individualmente, comunicação com os pais, testes, relatórios de progressos do aluno e trabalhos de grupo e de pesquisa. A própria palavra pesquisa implica uma procura da verdade em termos educativos, uma vez que implica uma procura das teorias e práticas que melhor contribuem para aprendizagens significativas dos alunos. O professor, consciente desta necessidade de procura, e que interioriza os resultados e o processo de investigação, estará em melhores condições para responder às necessidades educativas dos alunos e para poder realizar mudanças, com confiança, e, conseqüentemente, tomar decisões. É inegável que o ensino por tarefas (conhecido como *task-based learning*) aportou às nossas aulas uma nova dinâmica, facilitando uma pesquisa de informação mais autónoma e efectiva, dinamizando uma partilha quase constante de ideias, experiências e conhecimentos. Por outro lado, na perspectiva do aprendente, a realização de actividades com sentido, aproximadas às que realizará no mundo real, transporta para a sala de aula a verosimilhança contextual que só por si é potenciadora de um muito maior estímulo e

motivação. Assim, a sala de aula poderá tornar-se, pelo atrás referido, um local privilegiado para que o professor possa testar as suas hipóteses e avaliá-las. Uma vez que o professor permanece longos períodos de tempo com os mesmos alunos, é possível verificar se um acontecimento actual está relacionado com um anterior e as situações em que ocorrem os factos e daí fazer a sua avaliação. O professor, consciente das múltiplas fontes de dados relativamente a um aluno e/ou uma turma, pode tomar as suas decisões para ajudar o aluno a alcançar os seus objectivos.

Ao longo de todo o ano, procurámos que as actividades desenvolvidas contribuíssem de forma geral, para o bom funcionamento das nossas aulas, bem como para a obtenção de resultados positivos, procurando sempre que as tarefas desenvolvidas tivessem sempre um carácter prático e gerador de um envolvimento potencialmente eficaz de aquisição de conhecimentos.

4. PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA

Ensinar é acordar a criatura humana dessa espécie de sonambulismo em que tantos se deixam arrastar. Mostrar-lhes a vida em profundidade. Sem pretensão filosófica ou de salvação - mas por uma contemplação poética, afetuosa e participante.

Cecília Meirelles

A escola secundária Rainha Santa Isabel de Estremoz, onde trabalhámos no ano transacto, possui contrato de autonomia. Está situada no distrito de Évora em que o nível de escolaridade é maioritariamente baixo. Por se tratar de uma zona rural, a maior parte da população trabalha no sector terciário e secundário. Existem no concelho variadas empresas ligadas ao sector agrícola, como a criação e comercialização animal, empresas ligadas à agricultura e a grande maioria ligada à produção vinícola. Logo, a criação do Curso de *Técnico de Enologia e Viticultura*, do qual fomos directora de turma, teve a maior pertinência e aceitação por parte das inúmeras empresas e adegas vinícolas da região. Ainda outro sector com grande preponderância na região será a extracção e transformação de mármore que, a par do sector vinícola, detém a maior fatia de empregabilidade.

Pelo atrás exposto, é de extrema importância ressaltar que, a par do ensino regular (básico e secundário), a Escola apostou, e no nosso ponto de vista muito acertadamente, em percursos e currículos escolares alternativos, como são óptimo exemplo os Cursos Profissionais, sendo que, à altura da elaboração do presente relatório, o referido estabelecimento de ensino estava centrado também numa candidatura à abertura de um *Centro de Novas Oportunidades*, de forma a apostar ainda na escolarização da população adulta que, apesar de estar já na sua grande maioria integrada no mercado de trabalho, possui um nível de escolaridade e cultural muito baixos.

Voltando aos nossos jovens, convém salientar que o espaço escolar é, actualmente, o local onde passam a maior parte do tempo, socializando e interagindo tanto com os seus pares como com professores, formadores e outros membros da comunidade educativa.

Assim, será de extrema importância que esse mesmo espaço seja dinâmico, empreendedor, activo e aberto às inúmeras solicitações da sociedade actual.

De igual forma, todos os órgãos de gestão escolar deverão ter sempre presente estes factores de motivação, sob pena de afastar potenciais alunos, algo que a nosso ver o órgão de gestão da escola tem levado em linha de conta, sendo bastante empenhado e preocupado em assumir-se como elo de ligação entre toda a comunidade educativa e o meio envolvente, ainda mais porque possui alunos de inúmeras localidades próximas, como Arcos, Avis, Borba, Cano, Casabranca, Ervedal, Évoramonte, Fronteira, Glória, Orada, Rio de Moinhos, Sousel, Veiros, Vimieiro, entre outras. (Anexo S)

O órgão de gestão encontra-se dividido entre departamentos, organizados pelas várias áreas disciplinares, o conselho pedagógico e o conselho geral.

Com relação às nossas atribuições de direcção de turma, procurámos sempre estabelecer uma relação de cooperação e orientação com os aprendentes; reunimos sempre com os encarregados de educação sempre que necessário e oportuno, quer presencialmente, quer por telefone, de forma a fomentar a sua participação na vida escolar dos seus educandos.

No nosso conselho de turma, tentámos estabelecer um ambiente de trabalho em equipa, por forma a trabalhar conjuntamente na solução de problemas e situações pontuais, com que nos fomos deparando ao longo do ano lectivo. Convém não esquecer que o conselho de turma constrói o projecto curricular de turma que deve ser adaptado às características evidenciadas pelos vários elementos que compõem o grupo turma.

Quanto ao atrás referido, julgamos ter conseguido estabelecer e construir um elo de ligação entre todos os colegas do conselho de turma, encarregados de educação e direcção da escola, ao desenvolver uma colaboração assídua, activa e construtiva nas reuniões, procurando sempre desenvolver o sucesso educativo dos alunos.

Tentámos lidar, da melhor forma, com problemas de indisciplina e de aproveitamento que foram surgindo, nomeadamente na área de biologia, através da promoção de encontros entre a docente da disciplina e os representantes dos pais, na procura de atitudes concertadas que promovessem o sucesso educativo e um ambiente mais salutar em sala de aula.

Procurámos auxiliar os alunos na orientação e elaboração dos seus trabalhos; promovemos duas reuniões de articulação, bem como presidimos a todas as reuniões de avaliação convocadas, dinamizando sempre o trabalho colaborativo com vista a uma gestão adequada dos currículos, dos tempos de formação e da progressão das aprendizagens.

Com vista ao enriquecimento não só curricular mas também cultural dos formandos, organizámos ainda várias visitas de estudo e actividades no exterior: à Serra da Estrela, com passagem pelo museu do pão e pela vila de Manteigas, por forma a contactar com outras culturas vinícolas; ao Festival Islâmico de Mértola, para contactar com a arte e cultura islâmica presentes na região; à exposição *Futurália*, no parque das nações em Lisboa, onde além da participação em diversas actividades, os alunos tiveram oportunidade de mostrar algumas das técnicas utilizadas na cultura vinícola, bem como dar a conhecer o vinho produzido e engarrafado pelos mesmos-Vinho da Rainha (Anexos T e U); à Feira de São João em Évora, onde os alunos tiveram *stand* representativo da escola e dos cursos profissionais; e à *Fiape* (Feira Internacional de Agro-Pecuária de Estremoz), onde participaram num *Workshop* acerca de empregabilidade na região.

Na comemoração do *Dia do Patrono*, os formandos participaram também activamente em colaboração com o clube de protecção civil, contudo, nem sempre as actividades onde participámos foram programadas por nós. No simulacro de incêndio achámos por bem participar, apesar de ter sido efectuado no nosso dia livre, por ser necessário disponibilizar esse tempo para acompanhar os alunos. Aliás, sempre que fomos convidadas, apesar de não existir, por vezes, alguma relação com a nossa disciplina desenvolvemos sempre esforços para participar de modo a existir sempre um acompanhamento dos alunos.

Como membros pertencentes ao departamento de línguas, fomos responsáveis pela planificação, adequação e aplicação das planificações de língua espanhola, bem como dos critérios de avaliação, em conjunto com todos os restantes membros do departamento.

Para as reuniões de Departamento ou de Grupo Disciplinar, procurámos sempre articular e reflectir sobre as práticas educativas e o seu contexto, de forma a colaborar

activamente em sugestões e práticas eficazes, de forma a melhorar as práticas educativas.

Outras experiencias verdadeiramente gratificantes foram a visita à feira do livro, integrada no Dia Mundial do Livro e um almoço convívio de final de segundo período, pois no nosso ponto de vista é essencial existir uma articulação e interacção não só entre os docentes que detêm os módulos que fazem parte do plano de estudos do curso, bem entre todos os outros pares que fazem parte da comunidade educativa do estabelecimento de ensino onde nos encontramos inseridos. Uma relação saudável entre funcionários, professores, órgãos de gestão e administrativos, alunos e encarregados de educação é no nosso ponto de vista, essencial para desenvolver uma prática lectiva eficaz e promotora de realização e concretização plena dos objectivos traçados pelos aprendentes.

.

5. DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida.

John Dewey

Tal como referimos no início do nosso relatório, o ensino hoje em dia encontra-se em permanente mudança e actualização, tal como a sociedade onde nos encontramos inseridos, o que preconiza uma constante actualização, desenvolvimento e até reconversão de um processo continuamente evolutivo e dinâmico.

Logo, parece-nos que a frequência de *Mestrado em Ensino do Português no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário e do Espanhol nos ensinos Básico e Secundário, especialidade em Ensino do Português no 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário*, funciona já como um dos maiores meios de desenvolvimento profissional e para a construção de uma identidade como professora de espanhol.

Assim, consideramos que o mestrado que nos encontramos a realizar se poderá encarar como uma formação complementar, onde temos a oportunidade de aprofundar a nossa prática pedagógica, desenvolver o nosso património cultural e rever conhecimentos pedagógico-didácticos, agora no âmbito do espanhol. De salientar, inclusivamente, que a frequência do referido mestrado constitui-se como condição indispensável à obtenção de qualificação profissional para o ensino do Espanhol.

Hoje em dia, ser professor implicará dominar cientificamente a área que lecciona, assumindo sempre um papel activo e de interdisciplinaridade com as diversas áreas do saber, de modo a promover um ambiente de trabalho salutar e eficaz.

Contudo, enquanto cidadão activo da sociedade onde se encontra inserido, deverá também assumir um papel moralizante ao promover uma atmosfera de abertura, respeito e compreensão de/e para com seus pares e aluno, pois, cada vez mais é necessário além de transmitir conhecimento, transmitir valores, tendo para isso participado num *Coaching Educativo*, inserido no *Projecto Fénix +Sucesso*, promovido pelo

Agrupamento Vertical de Escolas de Avis e dinamizado pelo núcleo de apoio psicológico do estabelecimento. (Anexo V)

Urge, assim, investir na actualização e desenvolvimento das nossas práticas pedagógicas, sendo que sempre que nos apercebemos de alguma acção de formação seja por nossa iniciativa, seja por iniciativa do estabelecimento de ensino, temo-nos empenhado na sua frequência, como são exemplo acções de formação referentes à apresentação dos novos manuais de Língua Espanhola, promovidas pela Porto Editora.

Tal com já referimos atrás, temos vindo a aliar às nossas aulas de espanhol, as actividades de enriquecimento curricular, no âmbito do inglês, e como não possuíamos na nossa formação inicial, de *Ensino em Português e Inglês*, os conhecimentos necessários para a sua leccionação, procurámos frequentar duas acções de formação em ensino do inglês para o ensino básico, promovidas pela Direcção Regional do Alentejo, inicialmente direccionada para o 3º e 4º anos e posteriormente para o 1º e 2º anos, que se revelaram essenciais tanto a nível de actividades como de meios para o ensino da língua inglesa, numa faixa etária para a qual não tínhamos recebido formação inicial.

Nos tempos difíceis que correm para nós docentes, torna-se cada vez mais urgente transformarmo-nos em seres multifacetados e abertos a novas experiências e formas de trabalhar. Deveremos ser capazes de nos adaptar, absorver e colocar em prática novas técnicas de ensino e actividades adequadas aos mais diversos níveis, idades e patamares escolares, assim como será de extrema importância alargar o nosso leque de profissionalização em diferentes áreas, por forma a conseguir enquadrar-nos num posto de trabalho. Infelizmente, o mercado de trabalho encontra-se hoje em dia tão sobrecarregado de profissionais de ensino que a reflexão sobre nós próprios, as nossas motivações com relação à nossa profissão, as nossas escolhas e aptidões, as nossas atitudes com relação aos outros, deixaram de ocupar um lugar de destaque na nossa vida profissional, tal é a pressão a que estamos sujeitos actualmente.

Assim, o enriquecimento curricular tornou-se fundamental no nosso percurso profissional pois permitiu-nos manter contacto com a língua da nossa formação inicial, o Inglês, enquanto paralelamente dávamos os primeiros passos no ensino do Espanhol.

Voltando ao tópico do nosso desenvolvimento profissional, estamos convicta que se deverá evitar a frequência e integração de formação só para fazer número, em vez de

servirem para nos preparar e actualizar tanto científica, como pedagógica ou didacticamente. Dever-se-á, por isso, olhar para o desenvolvimento profissional de qualquer docente, não de forma individual, mas em grupo, interagindo e trabalhando em conjunto, quer no grupo disciplinar de espanhol, quer com o departamento de línguas, sem nunca esquecer o próprio conselho de turma onde estamos inseridos. A partilha de experiências, situações problemáticas, angústias, ou sucessos, torna-se fundamental para o enriquecimento e desenvolvimento pessoal e profissional, bem como aquando da produção e preparação quer de aulas, quer de materiais didácticos, planificações e/ou planos de aula.

No nosso caso pessoal, as formações frequentadas são muito diversificadas e de grau e natureza diferentes, mas por tudo o atrás referido, penso que contribuíram para melhorar e diversificar o nosso desempenho de função docente, pois todas se prendem com trabalho ou actividades envolvidas no âmbito da educação, que deverá, como já referimos, ser uma área em constante actualização, o que nos proporcionará um contacto com novas realidades e caminhos para os quais nós deveremos estar preparados se os quisermos trilhar com sucesso.

CONCLUSÃO

Quando iniciámos esta reconversão para o âmbito do espanhol, sentimo-nos algo desmotivadas e desencorajadas, sem perspectivas de futuro ou de conseguir um posto no mercado de trabalho. O facto de possuímos já formação profissional para dois grupos de ensino, levou-nos a questionar se seria justo submetemo-nos novamente a um processo de aprendizagem e de avaliação quando já deveríamos estar num patamar cómodo e definitivo no ensino.

Contudo, o presente relatório levou-nos a reflectir e investir novamente em nós própria e no nosso desempenho enquanto profissionais para a docência.

Quando antigamente nos perguntavam, a nós professores, qual era a nossa profissão, respondíamos com orgulho “professor”, mas hoje em dia a instabilidade e o desencanto com a profissão é tal, que tendemos inclusivamente evitar tal palavra. Dizemos simplesmente “profissional de docência ou de ensino”, evitamos quase inadvertidamente balbuciar o nome da nossa profissão.

Não raramente sentimo-nos como se fôssemos o resultado de uma mistura de sociólogos, psicólogos, analistas, críticos...enfim os intervenientes que julgamos necessários para levar a bom porto uma prática educativa cada vez mais exigente e absorvente, pelos desafios cada vez maiores com que nos confrontamos a diário... mas, também somos aprendizes, também sentimos dúvidas e angústias, pois estamos sempre em contínua formação, aprendizagem e por vezes reconversão, tal é a necessidade de actualização às novas técnicas e formas de ensino, bem com a uma actividade cada vez mais complexa e inesperada.

Assim, reflectir acerca de toda esta parafernália de materiais, metodologias, teorias, paradigmas... e outros tantos aspectos que compõem as práticas de ensino, foi fundamental para nos enriquecermos enquanto pessoa e profissional docente, apesar de ter sido até aqui um caminho bastante árduo de percorrer, caminho esse que, por enquanto não deixa vislumbrar qualquer porto de abrigo, onde soltar âncora.

Resta-nos continuar a lutar por uma profissão que, afinal, foi aquela pela qual optámos, com a mesma tenacidade e empenho que temos mantido até aqui, apesar de todas as provas a que estamos sujeitos e todas as justificações que nos são constantemente exigidas, olhando sempre para a frente y *sín volver la vista atrás* *pués como ha dicho un día nuestro anhelado poeta* António Machado en su tan bien conocido poema *Caminante*

Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace el camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante no hay camino
sino estelas en la mar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Balça, A. & Figueiredo, M.C. (2003). *Formação de Professores, leitura e práticas em contexto de supervisão*, In: RDP – Revista Profissão Docente, n.26 (jan/jun. 2012) Uberaba, pp.40-60.
- Conselho da Europa. (2001). *Quadro europeu comum de referência para as línguas. Aprendizagem, ensino, avaliação*. Porto, Edições Asa.
- Costa, P. & Balça, A. (2012). *O mestrado em ensino do português*, In Revista Tejuelo, nº 14, Revista de Didáctica de la Lengua y la Literatura, Año V (Junio de 2012) Consejería de Educación, Ciencia y Tecnología. Trujillo-Miajadas, pp. 51 -57.
- Dias, P. (2005). *Avaliação reguladora no ensino secundário. Processos usados pelos alunos em investigações matemáticas*. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa.
- Lamas, E. (Coord). (2000). *Dicionário de Metalinguagens da Didáctica, dicionários temáticos*. Porto, Porto editora.
- Ferreira, A.M.B. (2009). *Ser professor - Dissertação de Mestrado em Educação*. Porto
- Ministério da Educação, [ME], (2001a). *Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências Essenciais*. Lisboa: DEB.
- Mira, A.R. & Mira, M.I. (2002). *Programação dos ensinos de línguas estrangeiras – Metodologias de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras – perspectiva diacrónica*. Évora: Universidade de Évora.
- Mira, A.R & Lino, M.A. (2007). *Questões sobre o ensino e a Aprendizagem da Leitura e da Escrita – Educação: Temas e Problemas* nº 4 Ano 2. Évora:

Universidade de Évora – Centro de Investigação em Educação e Psicologia. Edições Colibri.

- Ponte, J.P., Oliveira, H., Brunheira, L. & Varandas, J.M. (1999). *O trabalho do professor numa aula de investigação matemática-Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Centro de Investigação em Educação - Universidade de Lisboa.*
- Roldão, M.C. (2005). *Estudos de práticas de Gestão do Currículo, que qualidade de ensino e de aprendizagem.* Universidade Católica Portuguesa.
- Savater, F. (1997). *Valor de ensinar.* Lisboa. Edições Presença (a obra foi republicada pelas Edições Dom Quixote em 2006)
- Tavares, J. & Alarcão, I. (1990). *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem.* Coimbra. Livraria Almedina.
- Teixeira, M. (1993). *O professor e a escola, Abordagens organizacionais.* Braga. Dissertação de doutoramento.
- Teixeira, M. (1995). *O professor e a escola, Perspectivas organizacionais,* Amadora, McGraw-Hill
- Teixeira, M. (2001). *Os professores face à profissão gosto ou desgosto?* In M. Teixeira (org). *Ser professor no limiar do séc.XXI.* Porto ISET.
- Teixeira, M. (2002). *O estado da educação pela voz dos seus profissionais, Análise dos resultados da consulta nacional da FNE.* Porto ISET

LEGISLAÇÃO

- Decreto Lei 139/2012 de 5 e Julho
- Decreto Lei nº 74/2004 de 26 de Março
- Decreto Lei nº 91/2013 de 10 de Julho
- Despacho 14758/2004 (2ª série)
- Despacho nº 17169/2011 de 12 dezembro
- Despacho nº 17169/2011 (em vigor), Diário da República, 2ª série – Nº 245, 12 de dezembro de 2011. Dispõe sobre a revogação do Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais. (recuperado em a 1 de março, 2013)
- Despacho nº 5306/2012 (em vigor), Diário da República, 2ª série, Nº 77, 18 de abril de 2012. Dispõe sobre a homologação das Metas Curriculares. Consultado a 1 de março, 2013, de <http://www.dre.pt/pdf2sdip/2012/04/077000000/1395213953.pdf>
- Despacho nº 5306/2012 de 18 de abril
- Despacho nº 9815-A/2012
- Lei n.º 115/97, de 19 de Setembro
- Lei n.º 49/2005, de 30 de Agosto
- Lei n.º 85/2009, de 27 de Agosto
- Lei nº 46/1986 (revogada), Diário da República, I Série, nº 237, 14 de outubro de 1986. Dispõe sobre a publicação da *Lei de Bases do sistema Educativo*. Recuperada a 1 de março, 2013, de http://portal.ipvc.pt/images/ipvc/sas/pdf/legis/lei46_1986.PDF
- Portaria 74-A/2013 de 18 de Fevereiro
- Portaria 797/2006 de 10 de Agosto
- Portaria 905/2005 de 26 de Setembro (Cria o Curso de Técnico de Viticultura e Enologia, p.5794)
- Portaria n.º 550-C/2004 de 21 de Maio
- Portaria nº 1287/2006 de 21 de Novembro (Cria o curso profissional de técnico de turismo ambiental e rural, p.7996)

- *Ambiente de aprendizagem construtivista*. Recuperado em 29 de Junho de 2013, de <https://penta.ufrgs.br/~luis/Ativ1/Construt.html>
- *I. Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional, IP.* (s.d). Recuperado em 18 de Julho de 2013 de www.anqep.gov.pt/aaaDefault.aspx?back=1&f=1&ws=1
- *behavioristas.htmlisao2008.wdfiles.com/.../TEXTOSCIENTI.BEHAVIORIS...Recuperado em Agosto 2013*
- Becker et al. (s.d.). *Ambiente de aprendizagem construtivista I - Construtivismo - uma apresentação teórica*. Recuperado em <https://penta.ufrgs.br/~luis/Ativ1/Construt.html>
- *Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Centro de Investigação em Educação, Universidade de Lisboa.* (s.d.). P.3. Recuperado em 6 Agosto de 2013 de www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/03%20JP-H
- Ministério da Educação, [ME], (2012). *Metas Curriculares*. Lisboa: DGE. Recuperado em 16 de Fevereiro de 2013, de <http://www.dge.mec.pt/index.php?s=noticias¬icia=396>
- *Página do Regulamento Interno da Escola.* (PDF_www.esrsi.edu.pt).
- *Programa de Espanhol (continuação) pdf – Elenco modular – Programas de formação geral de espanhol.* Recuperado em 18 de Julho de 2013) de www.esgp.edu.pt/attachments/081_FSC_5.Espanhol_
- Savater, F. (1997). *Cadernos de Pedagogia. O valor de Educar*, p. 12 – PDF. Recuperado em 14 de Julho de 2013 de [://woc.uc.pt/fluc/getFile.do?tipo=6&id=7464](http://woc.uc.pt/fluc/getFile.do?tipo=6&id=7464)

- Tavares et al. (1989). *grupo1supervbehaviorismo.weebly.com/teorias*. Recuperado em Agosto de 2013

- *www.um.es/glosasdidacticas/GD14/mcerl/cap08.pdf*. Recuperado em Junho de 2013

ANEXOS

ANEXO A – Dez Competências Essenciais do CNEB

- 1) Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano;
- 2) Usar adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber cultural, científico e tecnológico para se expressar;
- 3) Usar correctamente a língua portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar pensamento próprio;
- 4) Usar línguas estrangeiras para comunicar adequadamente em situações do quotidiano a para apropriação de informação;
- 5) Adoptar metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagens adequadas a objectivos visados;
- 6) Pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável;
- 7) Adoptar estratégias adequadas à resolução de problemas à tomada de decisões;
- 8) Realizar actividades de forma autónoma, responsável e criativa;
- 9) Cooperar com outros em tarefas e projectos comuns;
- 10) Relacionar harmoniosamente o corpo com o espaço, numa perspectiva pessoal e interpessoal promotora da saúde e da qualidade de vida.

ANEXO B – Categorias e Descritores do QECRL

Categorias:

A - Utilizador Elementar		B – Utilizador independente		C- Utilizador Proficiente	
A1 Iniciação	A2 Elementar	B1 Limiar	B2 Vantagem	C1 Autónomo	C2 Mestria

Descritores:

Utilizador proficiente

C2 É capaz de compreender, sem esforço, praticamente tudo o que ouve ou lê. É capaz de resumir as informações recolhidas em diversas fontes orais e escritas, reconstruindo argumentos e factos de um modo coerente. É capaz de se exprimir espontaneamente, de modo fluente e com exactidão, sendo capaz de distinguir finas variações de significado em situações complexas.

C1 É capaz de compreender um vasto número de textos longos e exigentes, reconhecendo os seus significados implícitos. É capaz de se exprimir de forma fluente e espontânea sem precisar de procurar muito as palavras.

É capaz de usar a língua de modo flexível e eficaz para fins sociais, académicos e profissionais. Pode exprimir-se sobre temas complexos, de forma clara e bem estruturada, manifestando o domínio de mecanismos de organização, de articulação e de coesão do discurso.

Utilizador independente

B2 É capaz de compreender as ideias principais em textos complexos sobre assuntos concretos e abstractos, incluindo discussões técnicas na sua área de especialidade. É capaz de comunicar com um certo grau de espontaneidade e de à-vontade com falantes nativos, sem que haja tensão de parte a parte. É capaz de exprimir-se de modo claro e

pormenorizado sobre uma grande variedade de temas e explicar um ponto de vista sobre um tema da actualidade, expondo as vantagens e os inconvenientes de várias possibilidades.

B1 É capaz de compreender as questões principais, quando é usada uma linguagem clara e estandardizada e os assuntos lhe são familiares (temas abordados no trabalho, na escola e nos momentos de lazer, etc.). É capaz de lidar com a maioria das situações encontradas na região onde se fala a língua alvo. É capaz de produzir um discurso simples e coerente sobre assuntos que lhe são familiares ou de interesse pessoal. Pode descrever experiências e eventos, sonhos, esperanças e ambições, bem como expor brevemente razões e justificações para uma opinião ou um projecto.

Utilizador elementar

A2 É capaz de compreender frases isoladas e expressões frequentes relacionadas com áreas de prioridade imediata (p. ex.: informações pessoais e familiares simples, compras, meio circundante). É capaz de comunicar em tarefas simples e em rotinas que exigem apenas uma troca de informação simples e directa sobre assuntos que lhe são familiares e habituais.

Pode descrever de modo simples a sua formação, o meio circundante e, ainda, referir assuntos relacionados com necessidades imediatas.

A1 É capaz de compreender e usar expressões familiares e quotidianas assim como enunciados muito simples, que visam satisfazer necessidades concretas. Pode apresentar-se e apresentar outros e é capaz de fazer perguntas e dar respostas sobre aspectos pessoais como, por exemplo, o local onde vive, as pessoas que conhece e as coisas que tem. Pode comunicar de modo simples, se o interlocutor falar lenta e distintamente e se mostrar cooperante. (in QECRL p:48 e 49)

ANEXO C – Regulamento Interno da Escola Secundária Rainha Santa Isabel de Estremoz (excerto)

Artigo 66 **Director de Curso**

O director de curso é designado pela direcção executiva da escola, ouvido o conselho pedagógico e o departamento curricular próprio, preferencialmente de entre os professores profissionalizados que leccionam as disciplinas da componente de formação técnica.

Artigo 67

Atribuições e competências dos directores de curso

Incumbe ao director de curso:

- b) Assegurar a articulação pedagógica entre as diferentes disciplinas e componentes de formação do curso;
- c) Organizar e coordenar as actividades a desenvolver no âmbito da formação técnica;
- d) Participar nas reuniões do conselho de turma, no âmbito das suas funções;
- e) Intervir no âmbito da orientação e acompanhamento da prova de aptidão profissional (PAP);
- f) Assegurar a articulação entre a escola e as entidades de acolhimento na formação em contexto de trabalho (FCT), nomeadamente:
 - i) Identificando e seleccionando as entidades;
 - ii) preparando protocolos e contratos de formação com as entidades de acolhimento, bem como a outorga destes por todos os intervenientes;
 - iii) participando na elaboração dos planos de trabalho;
 - iv) procedendo à distribuição dos formandos pelas entidades em conformidade com os critérios estabelecidos;

v) Coordenando o acompanhamento dos alunos/formandos em estreita relação com o orientador e o monitor responsáveis.

g) Assegurar a articulação com os serviços com competência em matéria de apoio socioeducativo;

h) Coordenar o acompanhamento e a avaliação do curso;

i) Contactar com entidades formadoras e empregadoras exteriores à escola com vista ao estabelecimento de parcerias.

Capítulo 4 – Funcionamento

Secção 2 – Gestão de currículos e actividades educativas

Subsecção III – Disposições específicas dos cursos profissionais e dos cursos de educação e formação

Artigo 107, Provas de aptidão

1. Por provas de aptidão entendem-se as áreas não disciplinares dos cursos profissionais e cursos de educação e formação, que compreendem a realização de um projecto de trabalho autónomo por parte dos alunos, os quais são apreciados por um júri em provas públicas.
2. As provas de aptidão assumem as seguintes denominações particulares:
 - a) Provas de aptidão profissional (PAP) – nos cursos profissionais;
 - b) Provas de avaliação final (PAF) – nos cursos de educação e formação.
3. O projecto da Prova de Aptidão Profissional a apresentar pelos alunos consubstancia-se num

produto, material ou intelectual, numa intervenção ou numa actuação, em consonância com a natureza de cada um dos cursos bem como do respectivo relatório final de realização e apreciação crítica, demonstrativo de conhecimentos e competências profissionais adquiridas ao longo da formação e estruturante do futuro profissional do aluno.

4. Os projectos que consubstanciam uma prova de aptidão profissional centram-se em termos e problemas perspectivados e desenvolvidos pelo aluno em estreita ligação com os contextos de trabalho e realizam-se sob orientação e acompanhamento de um ou mais professores.

Artigo 108, Fases de concretização do projecto.

1. A concretização do projecto compreende três momentos essenciais: concepção, fases de desenvolvimento e auto-avaliação e elaboração do relatório final.

2. O relatório final a eu se refere o ponto 1 do presente artigo íntegro, nomeadamente:

- a) A fundamentação da escolha do projecto;
- b) Os documentos ilustrativos da concretização do projecto;
- c) A análise crítica global da execução do projecto, considerado as principais dificuldades e obstáculos encontradas e as formas de os superar;
- d) Os anexos, designadamente os registos de auto-avaliação das diferentes fases do projecto e das avaliações intermédias do professor ou professores orientadores.

Artigo 109. Critérios de designação dos professores orientadores e acompanhantes

Os professores orientadores e acompanhantes do projecto conducentes à PAP são designados

pelo director de entre os professores que leccionam as disciplinas da componente de formação técnica.

Artigo 110, Atribuições e competências dos professores orientadores e acompanhantes

1. Aos professores orientadores e acompanhantes compete:

- a) Orientar o aluno na escolha do projecto a desenvolver, na sua realização e na redacção do relatório final;
- b) Informar os alunos sobre os critérios de avaliação;
- c) Decidir se o produto e o relatório estão em condições de serem presentes ao júri;
- d) Orientar o aluno na preparação da apresentação a realizar ;
- e) Registar a classificação da prova de aptidão na respectiva pauta.

2. Constituem direitos e deveres dos professores orientadores e acompanhantes os previstos nos artigos 26º e 27º do presente regulamento interno.

Artigo 111, Organização e calendarização da PAP

1. Sem prejuízo do disposto no número seguinte, a apresentação da prova de aptidão profissional decorre após a conclusão das aulas, previsivelmente até 15 de julho.

2. Compete ao director de curso propor para aprovação do conselho pedagógico as datas de apresentação da prova de aptidão profissional, depois de ouvidos os professores das disciplinas da componente de formação técnica.

3. A apresentação da PAP não pode ultrapassar, para cada aluno, a duração de 60 minutos.

4. Os alunos terão no seu horário até dois tempos semanais para concretização do projecto;

5. São aceites como justificação de falta à apresentação da PAP:

a) Os motivos previstos nas alíneas b), c) e k) do artigo 13º do presente regulamento;

b) Doença do aluno, desde que comprovada por atestado médico;

c) Outro facto impeditivo da presença do aluno desde que, comprovadamente, não seja imputável ao aluno e seja considerado atendível pelo presidente do júri;

6. O aluno que falte à apresentação da PAP e justifique a sua ausência nos termos do número anterior poderá realizar a sua apresentação em época especial, a considerar para o efeito.

7. Em articulação com os restantes elementos do júri, o coordenador de curso marcará a nova data para apresentação da PAP, que terá lugar durante o 1º período do ano lectivo seguinte à conclusão do respetivo ciclo de formação.

Artigo 112, Classificação final da Prova de Aptidão Profissional

1. A classificação final da PAP de cada aluno formando efectua-se numa escala de 1 a 20 valores.

2. Sem prejuízo do disposto no número quatro do presente artigo, e para efeitos do previsto no número anterior, a classificação final é o resultado da média ponderada, arredondada às unidades, das pontuações obtidas nos seguintes parâmetros, a observar pelos elementos do júri:

a) Pertinência do tema no contexto do curso, com uma ponderação de 10%;

b) Qualidade da investigação, com uma ponderação de 10%;

c) Fundamentação das diferentes opções, com uma ponderação de 10%;

d) Criatividade e inovação, com uma ponderação de 10%;

e) Grau de complexidade do projecto e nível de conhecimentos aplicados, com uma ponderação de 10%;

f) Capacidade de desenvolvimento/concretização, com uma ponderação de 15%;

g) Organização da informação e apresentação gráfica, com uma ponderação de 10%;

h) Comunicação escrita e oral, com uma ponderação de 10%;

i) Capacidade de dar resposta a questões formuladas pelo júri, com uma ponderação de 15%;

3. Cada um dos elementos de ponderação referidos no número anterior é avaliado numa escala de 1 a 20 valores.

4. Tendo em atenção as especificidades de cada curso, compete ao director de curso propor para aprovação pelo Conselho Pedagógico, ouvidos os professores da componente técnica, eventuais adaptações aos parâmetros e/ou respectivas ponderações previstas no ponto 2 do presente artigo.

Artigo 113, Critérios de negociação, aceitação e acompanhamento dos projectos

1. Todas as propostas de projecto de PAP devem ser claras, objectivas e precisas.

2. A proposta deve conter os seguintes elementos:

a) identificação do aluno;

b) tema ou assunto que o aluno deve desenvolver;

- c) objectivos que se propõe atingir;
- 3. O projecto da PAP deve ser previamente submetido aos professores orientadores.

Artigo 114, Direitos e deveres dos alunos que realizam a PAP

- 1. Constituem direitos e deveres dos alunos que realizam a prova de aptidão profissional os previstos nos artigos 3º e 5º do presente regulamento interno.

Artigo 115, Âmbito, organização e desenvolvimento da Formação em contexto de trabalho e formação em alternância

- 1. Por “formação em contexto de trabalho” (adiante designada pela sigla FCT) entende-se o conjunto de actividades profissionais desenvolvidas sob a coordenação e acompanhamento da escola, que visam a aquisição ou o desenvolvimento de competências técnicas, relacionais e organizacionais relevantes para o perfil de desempenho à saída do curso frequentado pelo aluno;
- 2. Por “formação em alternância” entende-se o processo de formação em que se alternam sequências de aprendizagem em sala na escola com sequências de formação realizadas em contexto de trabalho.
- 3. A FCT tem a duração de 420 horas, distribuídas ao longo do terceiro e/ou segundo anos do curso.
- 4. São objectivos gerais da FCT:
 - a) Desenvolver e consolidar, em contexto real de trabalho, os conhecimentos e as competências profissionais adquirida durante o curso;

- b) Proporcionar experiências de carácter socio-profissional que facilitem a futura integração dos alunos no mundo do trabalho;

- c) Desenvolver aprendizagens no âmbito da saúde, higiene e segurança no trabalho.

- 5. A FCT realiza-se numa entidade pública ou privada, designada genericamente por empresa, na qual se desenvolvem as actividades profissionais relacionadas com a área de formação do curso e da especificação em causa.

- 6. A concretização da FCT é antecedida e prevista em protocolo enquadrador celebrado entre a escola e as entidades de acolhimento.

- 7. A organização e o desenvolvimento da FCT obedecem a um plano de trabalho individual elaborado com a participação das partes envolvidas e assinado pelo órgão competente da escola, pela entidade de acolhimento e pelo aluno e ainda pelo encarregado de educação.

- 8. O plano de formação previsto no número anterior subordina-se aos objectivos gerais enunciados no ponto 4 do presente artigo, aos objectivos específicos decorrentes da respectiva formação e às características próprias da empresa em que se realiza.

- 9. O plano referido no ponto anterior é considerado como parte integrante do contrato de formação subscrito entre a escola e o aluno e identifica:

- a) os objectivos gerais e específicos;
- b) os conteúdos a abordar
- c) a programação das actividades;
- d) o período ou períodos em que a FCT se realiza, fixando o respectivo calendário;
- e) o horário a cumprir pelo aluno;
- f) o local ou locais de realização das actividades;

g) as formas de monitorização e acompanhamento do aluno, com a identificação dos responsáveis;

h) os direitos e deveres dos diversos intervenientes, da escola e da entidade onde se realiza a FCT (empresa).

10. A FCT é supervisionada pelo professor orientador, em representação da escola, e pelo monitor, em representação da entidade de acolhimento (empresa).

Artigo 116, Responsabilidade da escola

Constitui responsabilidade da escola:

1. Assegurar a realização da formação em contexto de trabalho (FCT) nos termos definidos nas disposições legais e regulamentares especificamente aplicáveis.
2. Estabelecer os critérios e distribuir os alunos pelas entidades de acolhimento, de acordo com os critérios estabelecidos;
3. Distribuir os alunos pelos locais da formação em contexto de trabalho;
4. Assegurar a elaboração dos protocolos com as entidades de acolhimento;
5. Assegurar a elaboração e a assinatura dos contratos de formação com os alunos e os seus encarregados de educação;
6. Assegurar a elaboração do plano de trabalho do aluno, bem como a respectiva assinatura por parte de todos os intervenientes;
7. Assegurar o acompanhamento da execução do plano de trabalho do aluno;
8. Assegurar a avaliação de desempenho dos alunos, em colaboração com a entidade de acolhimento;
9. Assegurar que o aluno se encontra coberto por seguro em todas as actividades da FCT;

10. Assegurar, em conjunto com a entidade de acolhimento e o aluno, as condições logísticas necessárias à realização e ao acompanhamento da FCT.

Artigo 117, Critério de designação do Professor orientador de formação em contexto de trabalho

O professor orientador da Formação em Contexto de Trabalho é designado pela direcção executiva da escola, ouvido o director de curso, de entre os professores que leccionam as disciplinas da componente de formação técnica.

Artigo 118, Critério de distribuição dos alunos formandos pelas entidades de acolhimento

1. Constituem critérios de distribuição dos alunos formandos pelas entidades de acolhimento os seguintes:
 - a) Adequação da entidade de acolhimento ao perfil de desempenho à saída do curso;
 - b) Disponibilidade da entidade de acolhimento;
 - c) Caso o número de alunos formandos seja inferior ao número de lugares de formação em contexto de trabalho disponíveis, terão prioridade as entidades com as quais existam anteriores protocolos e/ou parcerias.
2. Sem prejuízo do disposto na alínea a) do artigo 21º do presente regulamento, a decisão final de integração de cada aluno formando numa entidade de acolhimento depende da concordância expressa do responsável da entidade, do coordenador de curso e da escola.

Artigo 119, Atribuições e competências dos professores orientadores da formação em contexto de trabalho

Incumbe ao professor orientador da Formação em Contexto de Trabalho:

- a) Colaborar na elaboração do plano de formação em contexto de trabalho;
- b) Acompanhar a execução do plano de trabalho do aluno, nomeadamente através de deslocações periódicas aos locais de realização da mesma, pelo menos duas vezes por período de FCT.
- c) Avaliar, em conjunto com o monitor designado pela entidade de acolhimento, o desempenho do aluno;
- d) Acompanhar o aluno na elaboração dos relatórios da FCT;
- e) Propor ao conselho de turma de avaliação, ouvido o tutor, a classificação do aluno na FCT;

Artigo 120, Responsabilidades específicas da entidade de acolhimento

São responsabilidades específicas da entidade de acolhimento:

- a) Designar o tutor;
- b) Colaborar na elaboração do plano de trabalho da FCT;
- c) Atribuir ao aluno tarefas que permitam a execução do seu plano de trabalho;
- d) Colaborar no acompanhamento e na avaliação do desempenho do aluno na FCT;
- e) Assegurar no acesso à informação necessária ao desenvolvimento da FCT, nomeadamente no que diz respeito à integração socioprofissional do aluno na entidade;
- f) Controlar a assiduidade e a pontualidade do aluno;

g) Assegurar, em conjunto com a escola e o aluno, as condições logísticas necessárias à realização e ao acompanhamento da FCT;

h) Fazer cumprir as normas de higiene e segurança previstas na lei, nomeadamente, fornecendo todo o equipamento de segurança à realização das diferentes tarefas exigidas.

Artigo 121, Responsabilidades do aluno formando

Constituem responsabilidades do aluno formando:

- a) Diligenciar no sentido de estabelecer contactos com potenciais entidades de acolhimento para a formação em contexto de trabalho (FCT), sob supervisão e orientação do professor orientador;
- b) Colaborar na elaboração do plano da FCT;
- c) Participar nas reuniões de acompanhamento e avaliação da FCT;
- d) Cumprir, no que lhe compete, o plano de formação;
- e) Respeitar a organização do trabalho na entidade de acolhimento e utilizar com zelo os bens, equipamentos e instalações;
- f) Cumprir todas as normas de higiene e segurança da empresa e utilizar os equipamentos de segurança;
- g) Não utilizar, sem prévia autorização da entidade de acolhimento, a informação a que tiver acesso durante a FCT;
- h) Ser assíduo e pontual e assinar diariamente a folha de presenças;
- i) Estabelecer comportamentos assertivos nas relações de trabalho;
- j) Justificar as faltas dadas perante o director de turma, o director de curso e o tutor, de acordo

com as normas internas da escola e da entidade de acolhimento;

k) Elaborar os relatórios intercalares e o relatório final da FCT de acordo com o estabelecido nas normas aprovadas.

Artigo 122, Classificação da FCT

1. A avaliação no processo de formação em contexto de trabalho assume carácter contínuo e sistemático e permite, numa perspectiva formativa, reunir informação sobre o desenvolvimento das aprendizagens possibilitando, se necessário, o reajustamento do plano de formação.

2. A avaliação assume também um carácter sumativo, conduzindo a uma classificação final da formação em contexto de trabalho.

3. A avaliação final da formação em contexto de trabalho tem por base o respectivo relatório, que é elaborado pelo aluno e deve descrever as actividades desenvolvidas no período de formação, bem como a sua avaliação da mesmas, face ao definido no plano de formação.

4. O relatório final da formação em contexto de trabalho é apreciado e discutido com o aluno, pelo orientador e pelo monitor, que elaboram uma informação conjunta sobre o aproveitamento do aluno formando, com base no referido relatório, na discussão subsequente e nos elementos recolhidos durante o acompanhamento da formação em contexto de trabalho.

5. Na sequência da informação referida no número anterior, o professor orientador propõe ao conselho de turma, ouvido o monitor, a classificação do aluno na formação em contexto de trabalho.

6. A classificação final da Formação em Contexto de Trabalho de cada aluno formando efectua-se numa escala de 1 a 20 valores.

7. Para efeitos do previsto no número anterior, a classificação final é o resultado da média aritmética simples, arredondada às unidades, das pontuações obtidas nos seguintes parâmetros:

- a) Integração na entidade de estágio;
- b) Apreensão dos conhecimentos;
- c) Aprendizagem de novos conhecimentos;
- d) Interesse pelo trabalho que realiza;
- e) Rapidez na execução do trabalho;
- f) Qualidade do trabalho realizado;
- g) Sentido de responsabilidade;
- h) Autonomia no exercício das suas funções;
- i) Facilidade de adaptação a novas tarefas;
- j) Relacionamento com a chefia;
- k) Relacionamento com os colegas;
- l) Assiduidade e pontualidade;
- m) Capacidade de iniciativa;
- n) Organização do trabalho;
- o) Aplicação de normas de segurança e higiene no trabalho.

8. Cada um dos elementos de ponderação referidos no número anterior é avaliado numa escala de 1 a 20 valores.

Artigo 123, Regime aplicável às modalidades para operacionalização da FCT

1. A FCT pode desenvolver-se numa das seguintes modalidades:

- a) Fase única, a decorrer do terceiro ano do ciclo de formação;
- b) Duas fases, uma a decorrer no segundo ano do ciclo de formação e outra a decorrer no terceiro ano;

c) Três fases, a primeira a decorrer no segundo ano do ciclo de formação e as outras duas a decorrer no terceiro ano.

2. Nos termos do ponto anterior, a operacionalização da formação em contexto de trabalho em cada fase cumpre o número de horas estipulado no respectivo plano de formação.

Artigo 124, Concessão de equivalências

1. Um formando que tenha frequentado um curso profissional com aproveitamento em alguns módulos numa outra escola (ou na ESRSI) e que esteja a frequentar um novo Curso Profissional na ESRSI, deve requerer a concessão de equivalências através de requerimento dirigido ao Director Executivo.
2. Este requerimento deve ser apresentado pelo encarregado de educação ou pelo aluno, quando maior de idade, até ao dia 31 de Dezembro do ano lectivo em que foi efectuada a matrícula no curso.
3. No requerimento deve constar, de forma clara, a identificação completa do interessado e as habilitações académicas de que é detentor.
4. As habilitações académicas declaradas devem ser acompanhadas por documentos comprovativos dos módulos realizados.
5. A concessão prevista no número 1 não determina equivalências na assiduidade do formando, pelo que o mesmo não fica isento de frequentar qualquer aula/ disciplina/ módulo.
6. Nos termos do número anterior, a assiduidade do aluno formando não pode ser inferior a 90% da carga horária do conjunto

dos módulos de cada disciplina, pelo que, nas aulas referentes a módulos que foram objeto de equivalência, e apenas nestes, o aluno tem oportunidade de fazer melhoria de classificação.

7. Para classificação final de cada módulo que se encontre nas condições previstas no número anterior deve ser considerada a melhor das duas classificações em causa.

Artigo 125, Condições de ingresso na Formação em Contexto de Trabalho

1. Nos cursos em que a FCT ocorre integralmente no final do terceiro ano o aluno formando ingressa na FCT quando conclui 90% do total de módulos da componente técnica do curso.
2. Nos cursos em que a FCT ocorre integralmente ao longo de todo o terceiro ano o aluno formando ingressa na FCT quando conclui 90% do total de módulos da componente técnica do curso lecionados até à data.
3. Nos cursos em que a FCT se inicia no segundo ano e ocorre em duas fases distintas:
 - a) O formando ingressa na primeira fase da FCT se tiver concluído 85% total de módulos da componente técnica do curso realizados até à data;
 - b) O formando ingressa na segunda fase da FCT se tiver concluído 90% total de módulos da componente técnica do curso realizados até à data;
4. Nos cursos em que a FCT se inicia no segundo ano e ocorre em três fases distintas:
 - a) O formando ingressa na primeira fase da FCT se tiver concluído 80% total de

- módulos da componente técnica do curso realizados até à data;
- b) O formando ingressa na segunda fase da FCT se tiver concluído 85% total de módulos da componente técnica do curso realizados até à data;
- c) O formando ingressa na terceira fase da FCT se tiver concluído 90% total de módulos da componente técnica do curso.
5. Para efeitos do disposto no número anterior, deve o formando ser informado do valor absoluto de módulos da componente técnica a que corresponde a percentagem prevista no número anterior.
- i) *até final do ano civil em que termina o ciclo de estudos;*
- ii) *e ainda uma vez por cada ano lectivo, durante a época de exames de junho/julho, com inscrição no mês de Março.*

Artigo 126, Recuperação de módulos nos cursos profissionais

1. Os alunos formandos:
- a) Podem recuperar módulos em atraso durante cada período lectivo através de negociação directa com o professor da disciplina, estabelecendo o professor o momento e o tipo de trabalho a realizar para conclusão do módulo em causa;
- b) Podem realizar até dois módulos em atraso por negociação directa com o professor através da realização de uma prova no final do primeiro ou do segundo período lectivos;
- c) Podem recuperar até quatro módulos em atraso na primeira quinzena de Setembro, em data a definir pela escola, fazendo, para tal, uma inscrição até final do ano lectivo anterior.
- d) Podem ainda realizar módulos em atraso em época especial a definir, por decisão do director, quando o mesmo considerar relevante para o cumprimento do plano de estudos/conclusão do curso.

2. Os alunos formandos que concluíam o ciclo de estudos sem terminar todos os módulos que integram o plano de estudos:
- a) Podem realizar módulos em atraso na época de recuperação do mês de Setembro do ano civil em que termina o ciclo de formação, nas condições previstas na alínea c) do número 1 do presente artigo;
- b) Podem ainda realizar módulos em atraso em época especial a definir, nas condições previstas na alínea d) do número 1 deste artigo:

Artigo 127, Reclamações e recursos

1. Após a afixação das pautas referentes à última reunião de conselho de turma de avaliação de cada ano lectivo, o encarregado de educação, ou o aluno, quando maior de idade, poderá requerer a revisão de classificação de módulo, ou módulos, atribuída ao longo do referido ano.
2. Os pedidos de revisão são apresentados em requerimento devidamente fundamentado em razões de ordem técnica, pedagógica ou legal, dirigido ao Director, no prazo máximo de cinco dias úteis a contar da data da afixação das pautas referidas no ponto anterior.
3. O requerimento referido no ponto anterior pode ser acompanhado de documentação considerada pertinente.
4. Os requerimentos recebidos depois de expirado o prazo fixado no ponto 2., bem

- como os que não estiverem fundamentados, são liminarmente indeferidos.
5. O Diretor convoca, nos cinco dias úteis após a aceitação do requerimento, para apreciação do pedido, uma reunião extraordinária do conselho de turma.
 6. O conselho de turma, reunido extraordinariamente, aprecia o pedido e emite parecer sobre o mesmo, elaborando a ata onde deve constar a respetiva fundamentação.
 7. O processo aberto pelo pedido de revisão é enviado pelo Diretor ao conselho pedagógico para decisão final, que deve ser fundamentada, devendo ser anexados ao processo os seguintes documentos:
 - a) Requerimento do encarregado de educação (ou do aluno) e documentos apresentados com o mesmo;
 - b) Fotocópia da ata da reunião extraordinária do conselho de turma;
 - c) Fotocópia da ata da reunião do conselho de turma de avaliação correspondente ao momento de avaliação do módulo, ou módulos, em causa;
 - d) Ficha de informação modular do aluno relativa à reunião de conselho de turma referida no ponto 1 do presente artigo.
 8. Da deliberação do conselho pedagógico e respetiva fundamentação é dado conhecimento ao interessado, através de carta registada com aviso de receção, no prazo máximo de 30 dias contados a partir da data da receção do pedido de revisão.

ANEXO D – Plano de Formação do Curso de Técnico de Viticultura e Enologia

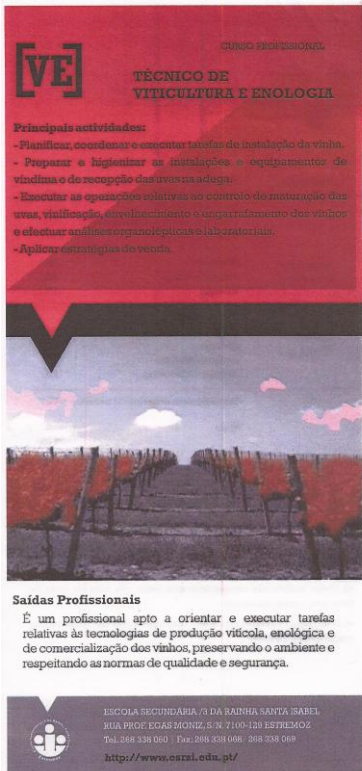
APRESENTAÇÃO DO PLANO DE FORMAÇÃO - CURSOS PROFISSIONAIS

CURSO Técnico de Viticultura e Enologia

DISCIPLINAS	1.º ANO				2.º ANO				3.º ANO				TOTAL			
	Horas de Formação				Horas de Formação				Horas de Formação				Horas de Formação			
	Plano Curricular	Desdobramentos	Total	FCT	Plano Curricular	Desdobramentos	Total	FCT	Plano Curricular	Desdobramentos	Total	FCT	Plano Curricular	Desdobramentos	Total	FCT
Português	106		106		108		108		106		106		320	0	320	0
Espanhol cont./Espanhol inic.	100	100	200		120	120	240				0		220	220	440	0
Área de Integração	73		73		73		73		74		74		220	0	220	0
TIC	100		100				0				0		100	0	100	0
Educação Física	47		47		47		47		46		46		140	0	140	0
Matemática	75		75		75		75		50		50		200	0	200	0
Física e Química	50	25	75		70		70		30		30		150	25	175	0
Biologia	60	30	90		54		54		36		36		150	30	180	0
Viticultura	146	146	292		112	112	224		102	102	204		360	360	720	0
Enologia	150	150	300		120	120	240		120	120	240		390	390	780	0
Química Analítica	100	100	200		100	100	200		100	100	200		300	300	600	0
Gestão e Marketing			0		76	76	152		54	54	108		130	130	260	0
FCT			0				0	140			0	280	0	0	0	420
			0				0				0		0	0	0	0
			0				0				0		0	0	0	0
			0				0				0		0	0	0	0
Total	1007	551	1558	0	955	528	1483	140	718	376	1094	280	2680	1455	4135	420

FCT - Formação em Contexto de Trabalho

Este quadro deverá ser preenchido para cada curso proposto.



[VE] CURSO PROFISSIONAL
TÉCNICO DE VITICULTURA E ENOLOGIA

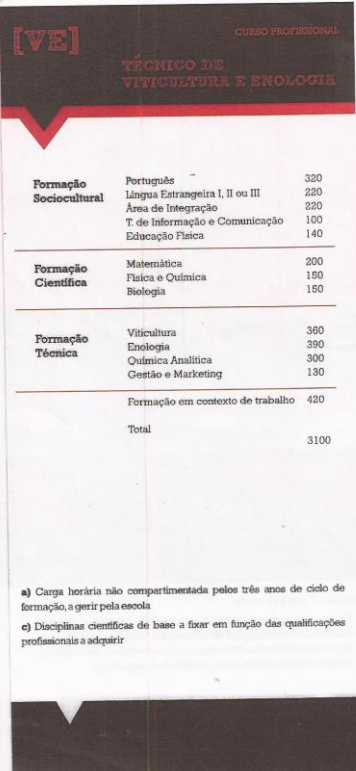
Principais actividades:

- Planificar, coordenar e executar tarefas de instalação da vinha.
- Preparar e higienizar as instalações e equipamentos de vinificação e de recepção das uvas na adega.
- Executar as operações relativas ao controlo de maturação das uvas, vindificação, envelhecimento e emparramento dos vinhos e efectuar análises organolépticas e laboratoriais.
- Aplicar estratégias de venda.

Saídas Profissionais

É um profissional apto a orientar e executar tarefas relativas às tecnologias de produção vitícola, enológica e de comercialização dos vinhos, preservando o ambiente e respeitando as normas de qualidade e segurança.

ESCOLA SECUNDÁRIA 3 DA RAINHA SANTA ISABEL
RUA PROFA EGAS MONIZ, S.N. 7100-129 ESTREMOZ
Tel. 266 338 050 | Fax: 266 338 066 | 266 338 019
<http://www.ceszi.edu.pt/>



[VE] CURSO PROFISSIONAL
TÉCNICO DE VITICULTURA E ENOLOGIA

Formação Sociocultural	Português	320
	Língua Estrangeira I, II ou III	220
	Área de Integração	220
	T de Informação e Comunicação	100
Formação Científica	Educação Física	140
	Matemática	200
	Física e Química	150
Formação Técnica	Biologia	150
	Viticultura	360
	Enologia	390
	Química Analítica	300
Gestão e Marketing	130	
Formação em contexto de trabalho		420
Total		3100

a) Carga horária não compartimentada pelos três anos de ciclo de formação, a gerir pela escola

e) Disciplinas científicas de base a fixar em função das qualificações profissionais a adquirir



TÉCNICO DE VITICULTURA E ENOLOGIA*
ESTREMOZ

É um profissional apto a orientar e executar tarefas relativas às tecnologias de produção vitícola, enologia e de comercialização dos vinhos, preservando o ambiente e respeitando as normas de qualidade e segurança.

* CURSO PROFISSIONAL

ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL

UMA FORMAÇÃO DEMARCADA

Para quem:
Tenha 9º ano ou formação equivalente.

Procura um ensino mais prático e voltado para o mundo do trabalho.

Este curso possibilita, igualmente o prosseguimento de estudos (curso de especialização tecnológica e ensino superior).

Duração:
Três anos letivos, com correspondência ao 12º ano de escolaridade.

Certificação:
Confere um Diploma de 12º ano com qualificação de nível 4.

PLANO DE ESTUDO
(3100 h)

Formação Sociocultural
Português
Língua Estrangeira I, II e III
Área de Integração
TIC
Educação Física

Formação Científica
Matemática
Física e Química
Biologia

Formação Técnica
Viticultura
Enologia
Química Analítica
Gestão e Marketing
Formação em Contexto de Trabalho

Vinhos | Os domínios de Baco
Situado no centro do Alentejo, com um subsolo rico em argila e calcário, o concelho de Estremoz possui elevada aptidão para a produção de vinhos de marcada qualidade e tipicidade.

A paisagem rural povoa-se de vastos vinhedos, ao longo de extensas planícies levemente onduladas, sob o sol escaldante que ilumina e amadurece as uvas que se transformam nos vinhos de Estremoz. O território tem as características ideais para a plantação de um conjunto diversificado de castas e a consequente produção de um vinho de qualidade e com especificidade própria. Estas características determinam a existência de cerca de duas dezenas de adegas na área do concelho de Estremoz, cada uma com uma série de rótulos tintos, brancos e rosé, pelo que o difícil será conseguir escolher que vinho levar.

Alliada à produção de vinho, observa-se o desenvolvimento do Enoturismo, proporcionando aos visitantes um conjunto diversificado de serviços entre os quais: visitas guiadas, provas de vinhos e produtos regionais, exposições e loja de vendas.

Fonte: Câmara Municipal de Estremoz

<http://www.esrsi.edu.pt/>








ANEXO E – Avaliação Diagnóstica



DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO ALENTEJO
ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643
ESTREMOZ



Prueba de diagnóstico

Curso Profissional de Técnico de Viticultura e Enologia – 11º I / Curso Profissional de Técnico de Turismo Ambiental e Rural – 11º J
2012 - 2013

Nombre y Apellidos: _____

Curso: ____ Clase: ____ Nº ____ Fecha (por extenso): _____, ____ de _____ de _____

Profesora: _____ Observaciones: _____ Tutor: _____

Grupo I

Lee atentamente el texto siguiente.

El primer día de clases

Me llamo Juan y estoy muy nervioso porque hoy empiezan mis clases de español. La profesora parece que se retrasa un poco. Dicen que los españoles siempre llegan tarde a todos los sitios.

Finalmente aparece. Se llama Carmen y es joven. Creo que tiene menos de treinta años.

-¡Vamos a ver! ¿Quién quiere ser el primero en hablar? ¡Empecemos por presentarnos!

- ¡Yo, yo! – dice María.

Empieza diciendo que es italiana y que quiere estudiar español para viajar a Cuba porque le gustan mucho las playas.

Luego se presentan todos y la campana suena.

-¡Hasta mañana!

1. De acuerdo con el texto, di si las afirmaciones son verdaderas (V) o falsas (F).

- Es el último día de clases. ____
- Los españoles siempre son muy puntuales. ____
- La profesora parece muy vieja. ____
- María es la primera en presentarse. ____
- María es inglesa y quiere estudiar español para viajar a Cuba. ____



2. Contesta a las siguientes preguntas de forma completa:

a) ¿Cómo se llama la profesora del texto?

b) ¿Por qué María quiere estudiar español?

c) ¿De dónde es María?

Grupo II

1. Escribe los nombres de las consonantes que te presento.

L _____

H _____

K _____

F _____

V _____

Q _____

W _____

Y _____



2. Escribe por extenso los siguientes nombres:

a) Elle – a – uve – e _____

b) Be – u – ceta – o – ene _____

c) Hache – u – e – uve – o _____

d) E – ese – ce – u – e – ele – a _____

3. Escribe las preguntas.

a) ¿_____?

Me llamo Carlos.

b) ¿_____?

Tengo 12 años.





4. Completa con los interrogativos.

- ¿_____ viste ayer por la tarde? Mi hermana.
- ¿_____ cuestan los lápices?
- ¿_____ vas a hacer hoy?
- ¿_____ vas a ir a recoger José al aeropuerto?
- ¿_____ eres?
- ¿_____ es tu color preferido?

5. ¿Cómo se llaman los siguientes signos de puntuación?

- , _____
- ... _____
- ¡! _____
- ; _____

6. Completa las siguientes frases con los verbos “ser” y “tener”.

- ¿ De dónde _____ tú?
- ¿Cuántos años _____ tu hermana?
- Vosotros os llamáis Juan y Jorge. _____ mexicanos.
- Yo me llamo *Joana* y _____ portuguesa. _____ 12 años.
- Nosotros _____ 15 años y _____ ingleses.

7. Completa con los verbos en presente de indicativo.

¡Hola! Me _____ (llamarse) Pedro González. _____
(tener) catorce años y _____ (estudiar) en Madrid.
_____ (vivir) con mis padres y mi hermano. _____ (hablar)
español y portugués. Me gustan los deportes.

Mi hermano _____ (cursar) el quinto ciclo. Él _____ (estudiar)
alemán. Como España _____ (formar) parte de la Unión Europea,
_____ (ser) muy importante que aprendamos varias lenguas. My hermano y yo
_____ (trabajar) mucho.





Grupo III

1. Los saludos y las despedidas: ¿Cómo saludarías en las siguientes situaciones?

a) Saludas a un compañero tuyo, por la mañana:

b) Saludas a las 22:00 una señora en un restaurante.

c) Saludas a la señora Ramírez, a las 17:00.

2. HAZ TU PRESENTACIÓN UTILIZANDO LOS SIGUIENTES TÓPICOS DE APOYO:

- Saludos;
- nombre;
- edad;
- ...
- despedida.


¡Qué te vaya bien!

La Profesora


M^{ra} Amélia Alpalhão



ANEXO F – Tarefa de recuperação de aprendizagens 1



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643
ESTREMOZ



Ministério da
Educação

Ano Letivo: 2012/2013

Nº 13 11ºI

Disciplina: Matemática
Módulo A7: Probabilidades

U

1. Lançou-se um dado perfeito com as faces numeradas de 1 a 6 e anotou-se o número da face que ficou voltada para cima. Determina a probabilidade de obteres:

1.1 Um número ímpar $P(\text{sair um número ímpar}) = \frac{3}{6}$ ✓

1.2 Um número inferior a quatro $P(\text{sair um número inferior a 4}) = \frac{3}{6}$

1.3. Um número divisor de seis 2, 3, 6 $\frac{3}{6}$ ✓

1.4. Um número múltiplo de três 3, 6 $\frac{2}{6}$ ✓


2. Considere a experiência que consiste na extração de uma carta de um baralho de 52 cartas. Determine, na forma de fracção irredutível, a probabilidade de:


a) obter uma carta de copas; $P(\text{obter uma carta de copas}) = \frac{10}{52}$ ✓

b) obter um rei; $P(\text{obter um rei}) = \frac{4}{52}$ ✓


c) obter uma figura; $P(\text{obter uma figura}) = \frac{16}{52}$ ✓

d) obter o ás de paus. $P(\text{obter o ás de paus}) = \frac{1}{52}$ ✓





UNIÃO EUROPEIA



ANEXO H – Perfil e Caracterização da Turma

Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel - Estremoz

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DE TURMA

Ano letivo 2012/2013

Turma: **Nº alunos:** **Respostas:** **Média ano anterior:** ¹⁾

Idade média dos alunos da turma: **Sexo (%):** Masculino: Feminino:

A) - Contexto familiar dos alunos da turma

1. Residência familiar

Por freguesias(%)

Arcos	Borba_Mtz	Borba_SBar	Glória	Orada	SBenAmx
5,3%	5,3%	5,3%	21,1%	10,5%	5,3%
ETZ_StaMar	StoAleix	Veiros			
26,3%	10,5%	10,5%			

2. Encarregado de educação (em %)

Mãe	Aluno	Outro	Pai
84,2%	5,3%	5,3%	5,3%

3. Estado civil dos pais (em %)

Casados	Divorciados	União facto	Separados	Viúvo
93,33%				6,67%

4. Escalão etário dos pais (em %)

Até 40	41 - 50	51 - 60	> 60	Mãe
21,43%	64,29%	14,29%		
Até 40	41 - 50	51 - 60	> 60	Pai
	71,43%	28,57%		

5. Hab. literárias dos pais (em %)

1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Sec	Méd/Sup	Mãe
5,56%	33,33%	22,22%	33,33%	5,56%	
1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Sec	Méd/Sup	Pai
29,41%	29,41%	29,41%	11,76%		

6. Situação profissional dos pais (em %) (2)

Desemp	C.Prazo	Quadro	Reforma	C.Própria	Mãe
15,38%	23,08%	46,15%	7,69%		
Desemp	C.Prazo	Quadro	Reforma	C.Própria	Pai
7,14%	14,29%	57,14%	14,29%	7,14%	

7. Setor actividade dos pais (em %)

Prim	Sec	Terc	Mãe
31,25%	12,50%	56,25%	
Prim	Sec	Terc	Pai
68,75%		31,25%	



Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel - Estremoz

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DE TURMA

Ano letivo 2012/2013

Turma: N° alunos: Respostas: Média ano anterior: ¹⁾

Idade média dos alunos da turma: Sexo (%): Masculino: Feminino:

A) - Contexto familiar dos alunos da turma

1. Residência familiar

Por freguesias(%)

Arcos	Borba_Mtz	Borba_SBar	Glória	Orada	SBenAmx
5,3%	5,3%	5,3%	21,1%	10,5%	5,3%
ETZ_StaMar	StoAleix	Veiros			
26,3%	10,5%	10,5%			

2. Encarregado de educação (em %)

Mãe	Aluno	Outro	Pai
84,2%	5,3%	5,3%	5,3%

3. Estado civil dos pais (em %)

Casados	Divorciados	União facto	Separados	Viúvo
93,33%				6,67%

4. Escalão etário dos pais (em %)

Até 40	41 - 50	51 - 60	> 60	Mãe
21,43%	64,29%	14,29%		
Até 40	41 - 50	51 - 60	> 60	Pai
	71,43%	28,57%		

5. Hab. literárias dos pais (em %)

1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Sec	Méd/Sup	Mãe
5,56%	33,33%	22,22%	33,33%	5,56%	
1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Sec	Méd/Sup	Pai
29,41%	29,41%	29,41%	11,76%		

6. Situação profissional dos pais (em %) (2)

Desemp	C.Prazo	Quadro	Reforma	C.Própria	Mãe
15,38%	23,08%	46,15%	7,69%		
Desemp	C.Prazo	Quadro	Reforma	C.Própria	Pai
7,14%	14,29%	57,14%	14,29%	7,14%	

7. Setor actividade dos pais (em %)

Prim	Sec	Terc	Mãe
31,25%	12,50%	56,25%	
Prim	Sec	Terc	Pai
68,75%		31,25%	

ANEXO I – Planificações Modulares e Plano de Aula



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643
ESTREMOZ



PLANIFICAÇÃO MODULAR
ANO LETIVO 2011 / 2012 e 2012/2013

CURSO/CICLO DE FORMAÇÃO	Técnico de Viticultura e Enologia 2011~2014	
DISCIPLINA:	ESPAÑHOL - Iniciação	
Docente	1º ano – Francisco Costa	2º ano – Mª Amélia Alpalhão

N.º TOTAL DE MÓDULOS DE 1º/2º/3º anos	6
--	---

1º ano

N.º Módulo	N.º DE HORAS	Blocos de 45 m	Início Módulo	Final Módulo (Previsão)	DESIGNAÇÃO DO MÓDULO
1	36	48	15 de Setembro de 2011	15 de Dezembro de 2011	“Yo en la escuela”
2	36	48	3 de Dezembro de 2012	10 de Abril de 2012	“Vivencias y convivências”
3	28	38	12 de Abril de 2013	21 de Junho de 2012	“Lugares y transportes”

2º ano

N.º Módulo	N.º DE HORAS	Blocos de 45 m	Início Módulo	Final Módulo (Previsão)	DESIGNAÇÃO DO MÓDULO
4	45	60	Setembro de 2012	Dezembro de 2012	“Servicios y consumo”
5	45	60	Dezembro de 2012	Abril de 2013	“Salud y Cuidados Personales”
6	30	40	Abril de 2013	Junho de 2013	“Organización del trabajo”



UNIÃO EUROPEIA
FUNDO SOCIAL EUROPEU
Eixo 1.2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643
ESTREMOZ



Grupo
Critérios de Avaliação para os Cursos Profissionais
Secundário

AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA POR MÓDULOS		
Atitudes	Material e conservação do material	
	Participação	
	Cooperação	
	Respeito	
	Empenho e interesse	
	Autonomia	
	Pontualidade	
	Total	
Competências e saberes	Testes	
	Trabalhos	
	Total	

Nota: No caso de não se realizarem trabalhos por parte dos alunos, os testes corresponderão ao total da avaliação de cada módulo e vice-versa.

A ordem dos módulos definida para a lecionação dos módulos corresponde à proposta do programa homologado pelo Ministério da Educação?

Sim Não

Observações / Recomendações:

O Professor

O Diretor de Curso



UNIÃO EUROPEIA
FUNDO SOCIAL EUROPEU
Eixo 1.2





MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643
ESTREMOZ



PLANIFICAÇÃO MODULAR
ANO LETIVO 2012 / 2013

CURSO/CICLO DE FORMAÇÃO	Técnico de Viticultura e Enologia 2011/2014
DISCIPLINA:	Espanhol Iniciação
Docente	M ^o Amélia Alpalhão

N.º TOTAL DE MÓDULOS DE 2 anos	6
--------------------------------	---

N.º Módulo	N.º DE HORAS	Blocos de 45 m	Início Módulo	Final Módulo (Previsão)	DESIGNAÇÃO DO MÓDULO
4	45	60	Setembro de 2012	Dezembro de 2012	“Servicios y consumo”

OBJETIVOS DA APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS	SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM / Instrumentos de avaliação	RECURSOS	CUSTOS
<ul style="list-style-type: none"> ☞ Adquirir y desarrollar las competencias básicas de comunicación en la lengua española. ☞ Producir mensajes orales y escritos, adecuados a sus intereses a su desarrollo cognitivo, lingüístico, psicológico y social. ☞ Comprender e interpretar textos orales y escritos de naturaleza diversificada, utilizando contextos simulados del cotidiano y expresiones actuales de los medios de comunicación. ☞ Conocer la diversidad cultural y social de España y valorizar su 	<p>Temáticos:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Servicios y consumo - Moda y imagen; - Productos y servicios; - Productos de consumo – Publicidad <p>Morfosintácticos</p> <ul style="list-style-type: none"> -Genero y número de los sustantivos y de los adjetivos -Adjetivos comparativos y superlativos -Los artículos definidos e indefinidos: -Los números 	<ul style="list-style-type: none"> -Diagnóstica -1 prueba oral -Formativa -2 trabajos -Sumativa -1 prueba -Lectura expresiva 	<ul style="list-style-type: none"> -Fichas de trabajo. -Documentos auténticos orales y escritos (anuncios, entrevista, noticias...) -Diccionario -Gramática -Radio, video, DVD's y CD's 	



UNIÃO EUROPEIA
FUNDO SOCIAL EUROPEU
Eixo 1.2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643
ESTREMOZ



riqueza social, cultural e idiomática.	<ul style="list-style-type: none"> -Los indefinidos -Los determinantes - Pronombres personales -Pronombres relativos -Pronombres interrogativos -Verbos: -Presente de indicativo -Pretérito perfecto -Pretérito indefinido -Pretérito imperfecto -Futuro imperfecto -Imperativo -Condicional. - Expresar deseos - Expresar opiniones, acuerdo y desacuerdo - Preposiciones - Los posesivos - Perífrasis con gerundio - Juicios de valor - Conjunctiones coordinativas y subordinadas Comunicativos - Contar y describir experiencias relacionadas con temas habituales o situaciones - Expresar obligación - Preparar y realizar una composición simple - Justificar, describir finalidades, explicar opiniones, acciones y proyectos - Expresar intención y acciones futuras 	<ul style="list-style-type: none"> -Diálogos (Profesor-Alumno/ Alumno-Profesor) - Cuestionarios (interpretación, verdadero o falso) - Dictados - Búsqueda del intruso/ error - Trabajos individual/ en pareja/ de grupo - Ejercicios de transformación y repetición - Composición - Ejercicios audiovisuales - Diversos juegos (dramatizaciones, tarjetas, mímica...) - Exámenes de autoevaluación - Exámenes de heteroevaluación. - Observación directa - Deberes, participación en clase, asiduidad. 	<ul style="list-style-type: none"> - Transparencias, fotos -Pizarra y tiza -TIC (documentos en Powerpoint, webQuests, Internet...) 	
--	--	---	---	--



UNIÃO EUROPEIA
FUNDO SOCIAL EUROPEU
Eixo 1.2





MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643
ESTREMOZ



	<ul style="list-style-type: none"> - Hacer breves anuncios sobre temas cotidianos de su conocimiento - Establecer contactos sociales en situaciones habituales (formal e informalmente) - Utilizar formas de cortesía - Expresar gustos y preferencias, ofrecer ayuda, invitar, aceptar o rechazar y disculparse - Evaluar y hacer comparaciones- - Justificar/argumentar - Expresar acuerdo/desacuerdo, hipótesis y posibilidades - Dar y seguir instrucciones 		
--	---	--	--



UNIÃO EUROPEIA
 FUNDO SOCIAL EUROPEU
 Eixo 1.2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643
ESTREMOZ



Grupo
Crítérios de Avaliação para os Cursos Profissionais
Secundário

AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA POR MÓDULOS		
Atitudes	Material e conservação do material	3
	Participação	3
	Cooperação	3
	Respeito	3
	Empenho e interesse	3
	Autonomia	3
	Pontualidade	2
	Total	20
Competências e saberes	Testes	35
	Trabalhos	25
	Oralidade	20
	Total	80

Nota: No caso de não se realizarem trabalhos por parte dos alunos, os testes corresponderão ao total da avaliação de cada módulo e vice-versa.

A ordem dos módulos definida para a lecionação dos módulos corresponde à proposta do programa homologado pelo Ministério da Educação?

Sim Não

Observações / Recomendações:

O Professor

O Diretor de Curso



UNIÃO EUROPEIA
 FUNDO SOCIAL EUROPEU
 Eixo 1.2





PLANIFICAÇÃO MODULAR
ANO LETIVO 2012 / 2013

CURSO/CICLO DE FORMAÇÃO	Técnico de Viticultura e Enologia 2011/2014
DISCIPLINA:	Espanhol Iniciação
Docente	M ^o Amélia Alpalhão

N.º TOTAL DE MÓDULOS DE 2 anos	6
--------------------------------	---

N.º Módulo	N.º DE HORAS	Blocos de 45 m	Início Módulo	Final Módulo (Previsão)	DESIGNAÇÃO DO MÓDULO
5	45	60	Dezembro de 2012	Abril de 2013	“Salud y cuidados personales”

OBJETIVOS DA APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS	SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM / Instrumentos de avaliação	RECURSOS	CUSTOS
<ul style="list-style-type: none"> Adquirir y desarrollar las competencias básicas de comunicación en la lengua española Comprender e interpretar textos orales y escritos de naturaleza diversificada, utilizando contextos simulados del cotidiano y expresiones actuales de los medios de comunicación. Fomentar y utilizar estrategias personales de aprendizaje y de comunicación, que le permitan superar dificultades de comprensión u de expresión, y que le sirvan para rentabilizar el estudio y la progresión en la lengua meta. 	<p>Temáticos:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Salud y cuidados personales <ul style="list-style-type: none"> .Alimentación, cocina y platos típicos . Enfermedades y estado físico . Deporte y bien-estar <p>Morfosintácticos</p> <ul style="list-style-type: none"> -Genero y número de los sustantivos y de los adjetivos -Adjetivos comparativos y superlativos 	<ul style="list-style-type: none"> -Diagnóstica <ul style="list-style-type: none"> -1 prueba oral -Formativa <ul style="list-style-type: none"> -2 trabajos -Sumativa <ul style="list-style-type: none"> -1 prueba -Lectura expresiva 	<ul style="list-style-type: none"> -Fichas de trabajo. -Documentos auténticos orales y escritos (anuncios, entrevista, noticias...) -Diccionario -Gramática -Radio, video, DVD's y CD's 	



<ul style="list-style-type: none"> Expresar, con alguna creatividad, su intención de comunicar. Ser sensible a los aspectos estéticos de la lengua española. Conocer la diversidad lingüística de España y de los países hispanohablantes, y valorizar su riqueza idiomática y cultural. Poseer la competencia analítica necesaria para percibir, categorizar y almacenar las características de la lengua española, desarrollando el espíritu crítico y la identidad personal y social. 	<ul style="list-style-type: none"> -Los artículos definidos e indefinidos: -Los determinantes -Pronombres personales -Pronombres posesivos -Pronombres interrogativos -Verbos: <ul style="list-style-type: none"> .Presente de indicativo .Pretérito indefinido . Pretérito perfecto . Pretérito imperfecto . Imperativo . Condicional . Presente de subjuntivo . Pretérito imperfecto de subjuntivo - Expresar deseos - Expresar opiniones, acuerdo y desacuerdo - Preposiciones - Adverbios - Perífrasis con gerundio - Juicios de valor - Conjunciones coordinativas y subordinativas <p>Comunicativos.</p> <ul style="list-style-type: none"> -Contar y describir experiencias relacionadas con temas habituales o situaciones -Expresar y preguntar sobre la obligación -Expresar posibilidad e imposibilidad 	<ul style="list-style-type: none"> -Diálogos (Profesor-Alumno/ Alumno-Profesor) - Cuestionarios (interpretación, verdadero o falso) - Dictados - Búsqueda del intruso/ error - Trabajos individual/ en pareja/ de grupo - Ejercicios de transformación y repetición - Composición - Ejercicios audiovisuales - Diversos juegos (dramatizaciones, tarjetas, mimica...) - Exámenes de autoevaluación - Exámenes de heteroevaluación. - Observación directa - Deberes, participación en clase, asiduidad. 	<ul style="list-style-type: none"> - Transparencia s, fotos -Pizarra y tiza -TIC (documentos en Powerpoint, webQuests, Internet...) 	
--	--	---	--	--





MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643
 ESTREMOZ



	-Expresar aprobación/desaprobación de una acción -Justificar, describir finalidades, explicar opiniones, acciones y proyectos. -Dar instrucciones o orientar otros -Expresar gustos y preferencias, ofrecer ayuda, invitar, aceptar o rechazar y disculparse. -Solicitar y expresar opiniones, gustos y preferencias -Justificar/argumentar -Invitar y hacer propuestas -Expresar una secuencia temporal -Cumplimentar, disculparse, agradecer, despedirse.			
--	---	--	--	--



UNIÃO EUROPEIA
 FUNDO SOCIAL EUROPEU
 Eixo 1.2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643
 ESTREMOZ



Grupo
 Critérios de Avaliação para os Cursos Profissionais
 Secundário

AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA POR MÓDULOS		
Atitudes	Material e conservação do material	3
	Participação	3
	Cooperação	3
	Respeito	3
	Empenho e interesse	3
	Autonomia	3
	Pontualidade	2
	Total	20
Competências e saberes	Testes	35
	Trabalhos	25
	Oralidade	20
	Total	80

Nota: No caso de não se realizarem trabalhos por parte dos alunos, os testes corresponderão ao total da avaliação de cada módulo e vice-versa.

A ordem dos módulos definida para a lecionação dos módulos corresponde à proposta do programa homologado pelo Ministério da Educação?

Sim Não

Observações / Recomendações:

O Professor

O Diretor de Curso



UNIÃO EUROPEIA
 FUNDO SOCIAL EUROPEU
 Eixo 1.2





MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643
ESTREMOZ



PLANIFICAÇÃO MODULAR
ANO LETIVO 2012 / 2013

CURSO/CICLO DE FORMAÇÃO	Técnico de Viticultura e Enologia 2011/2014
DISCIPLINA:	Espanhol Iniciação
Docente	Mª Amélia Alpalhão

N.º TOTAL DE MÓDULOS DE 3 anos	6
-----------------------------------	---

N.º Módulo	N.º DE HORAS	Blocos de 45 m	Início Módulo	Final Módulo (Previsão)	DESIGNAÇÃO DO MÓDULO
6	30	40	Abril de 2013	Junho de 2013	“Organización del trabajo”

OBJETIVOS DA APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS	SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM / Instrumentos de avaliação	RECURSOS	CUSTOS
<ul style="list-style-type: none"> ☞ Adquirir e desenvolver las competencias básicas de comunicación en la lengua española ☞ Comprender e interpretar textos orales y escritos de naturaleza diversificada, utilizando contextos simulados del cotidiano y expresiones actuales de los medios de comunicación. ☞ Producir mensajes orales y escritos, adecuados a sus intereses a su desarrollo cognitivo, lingüístico, psicológico y social ☞ Fomentar y utilizar estrategias personales de aprendizaje y de 	<p>Temáticos:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Organización del trabajo . Recordar lo que sabemos . Las tareas diarias . Las profesiones . Formas de aprender y de trabajar <p>Morfosintácticos</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Diagnóstica -1 prueba oral -Formativa -2 trabajos -Sumativa -1 prueba -Lectura expresiva 	<ul style="list-style-type: none"> -Fichas de trabajo. -Documentos auténticos orales y escritos (anuncios, entrevista, noticias...) -Diccionario -Gramática -Radio, video, DVD's y CD's 	



UNIÃO EUROPEIA
FUNDO SOCIAL EUROPEU
Eixo 1.2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643
ESTREMOZ



<p>comunicación, que le permitan superar dificultades de comprensión u de expresión, y que le sirvan para rentabilizar el estudio y la progresión en la lengua meta.</p> <ul style="list-style-type: none"> ☞ Expresar, con alguna creatividad, su intención de comunicar. ☞ Ser sensible a los aspectos estéticos de la lengua española. ☞ Conocer la diversidad lingüística de España y de los países hispanohablantes, y valorizar su riqueza idiomática y cultural. ☞ Poseer la competencia analítica necesaria para percibir, categorizar y almacenar las características de la lengua española, desarrollando el espíritu crítico y la identidad personal y social. ☞ Conocer la diversidad cultural y social de España y valorizar su riqueza social, cultural e idiomática 	<ul style="list-style-type: none"> -Genero y número de los sustantivos y de los adjetivos -Adjetivos comparativos y superlativos/ Adjetivos antepuestos -Los artículos definidos e indefinidos: -Los determinantes -Pronombres personales -Pronombres posesivos -Pronombres interrogativos -Verbos: . Presente de indicativo . Pretérito indefinido . Pretérito perfecto . Imperativo . Condicional . Presente de subjuntivo . Pretérito imperfecto de subjuntivo - Expresar deseos - Expresar opiniones, acuerdo y desacuerdo - Preposiciones - Adverbios - Perífrasis con infinitivo y gerundio - Juicios de valor - Conjunciones coordinativas y subordinativas <p>Comunicativos.</p> <p>-Contar y describir experiencias relacionadas con temas habituales o situaciones</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Diálogos (Profesor-Alumno/ Alumno-Profesor) - Cuestionarios (interpretación, verdadero o falso) - Dictados - Búsqueda del intruso/ error - Trabajos individual/ en pareja/ de grupo - Ejercicios de transformación y repetición - Composición - Ejercicios audiovisuales - Diversos juegos (dramatizaciones, tarjetas, mimica...) - Exámenes de autoevaluación - Exámenes de heteroevaluación. - Observación directa - Deberes, participación en clase, asiduidad. 	<ul style="list-style-type: none"> - Transparencias, fotos -Pizarra y tiza -TIC (documentos en Powerpoint, webQuests, Internet...) 	
---	--	---	---	--



UNIÃO EUROPEIA
FUNDO SOCIAL EUROPEU
Eixo 1.2





MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643
 ESTREMOZ



	-Expresar y preguntar sobre la obligación -Expresar posibilidad e imposibilidad -Expresar aprobación/desaprobación de una acción -Justificar, describir finalidades, explicar opiniones, acciones y proyectos. -Hacer anuncios o previsiones. -Describir hechos y conocimiento. -Dar instrucciones o orientar otros -Expresar gustos y preferencias, ofrecer ayuda, invitar, aceptar o rechazar y disculparse. -Solicitar y expresar opiniones, gustos y preferencias -Justificar/argumentar -Invitar y hacer propuestas -Expresar una secuencia temporal -Cumplimentar, disculparse, agradecer, despedirse.			
--	--	--	--	--



UNIÃO EUROPEIA
 FUNDO SOCIAL EUROPEU
 Eixo 1.2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643
 ESTREMOZ



Grupo
 Critérios de Avaliação para os Cursos Profissionais
 Secundário

AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA POR MÓDULOS		
Atitudes	Material e conservação do material	3
	Participação	3
	Cooperação	3
	Respeito	3
	Empenho e interesse	3
	Autonomia	3
	Pontualidade	2
	Total	20
Competências e saberes	Testes	35
	Trabalhos	25
	Oralidade	20
	Total	80

Nota: No caso de não se realizarem trabalhos por parte dos alunos, os testes corresponderão ao total da avaliação de cada módulo e vice-versa.

A ordem dos módulos definida para a leção dos módulos corresponde à proposta do programa homologado pelo Ministério da Educação?

Sim Não

Observações / Recomendações:

O Professor

O Diretor de Curso



UNIÃO EUROPEIA
 FUNDO SOCIAL EUROPEU
 Eixo 1.2





PLAN DE LA CLASE DE ESPAÑOL (Iniciación)
Curso Profissional de Técnico de Viticultura e Enologia/Curso Profissional de Técnico de Turismo Ambiental e Rural – 11º ano

Lecciones nº	Fecha	Módulo 5	Profesor(a)
66 y 67	23/Enero/2013	Salud y cuidados personales.	Maria Amélia Alpalhão

MOTIVACION Y CONOCIMIENTOS PREVIOS	Saludos y acogida a los alumnos : -Pequeña charla con los alumnos acerca de sucesos ocurridos en la clase o en la escuela; -Acuerdo para el desarrollo de actividades en equipos de trabajo; - Preguntas abiertas sobre el tema a iniciar.
INTRODUCCIÓN AL TEMA	La dieta mediterránea en nuestra salud.
PRESENTACIÓN DE LAS TAREAS INICIALES Y COMIENZO DE LAS ACTIVIDADES ORIENTADAS A LA CONSTRUCCION DE SABERES.	Entrega, lectura y explicación de las actividades: -Escuchar y completar un cuadro con información acerca de alimentos y bebidas saludables; -Escoger un tipo de restaurante y preparar su carta de comidas y de vinos. -Organizar un dialogo en un restaurante entre el camarero y un cliente.
MEDIACION DEL DOCENTE	Explicaciones individuales o grupales; Supervisión del desarrollo de las actividades.
TRABAJO INDIVIDUAL Y COOPERATIVO	Actividades de trabajo individual y colaborativo: -Grupales: análisis de textos, lecturas, expresiones, vocabulario conectado con la comida y bebida en España. -Individuales: producción textual, evaluaciones, evidencias de las actividades desarrolladas.
PRESENTACIÓN DE LA TAREA FINAL	Un anuncio publicitario llamativo donde se presente un tipo de restaurante con su carta de comida y vinos.
EVALUACIÓN	Al finalizar la actividad se realizan los siguientes criterios y tipos de evaluación: 1- Evaluación de competencias laborales (puntualidad, responsabilidad, dinamismo, colaboración.) 2- Evaluación de competencias ciudadanas (comportamiento)



PROCEDIMENTOS: Apenas terminar la acogida y los saludos, se cuestionarán los alumnos acerca de sus platos favoritos para introducir el tema de la dieta mediterránea. A continuación se visionará un documental acerca del tema, con algunos tipos diferentes de restaurantes, como: cantinas, bares, cafeterías, parrillas... Enseguida se invitará los alumnos a hacer una lectura de algunos textos acerca de la gastronomía de las regiones españolas, sin olvidar sus vinos y las regiones demarcadas en España, con el propósito de seleccionar informaciones importantes. Se pretende que ya estén organizados en grupos y que empiecen a escoger cada uno, su tipo de restaurante con sus platos típicos y tapas; seleccionen algunos tipos de vinos para producir pequeños textos escritos orientados partiendo de imágenes y de palabras usando el Imperativo, para ilustrar los carteles publicitarios. Para finalizar, los alumnos tendrán que presentar su propuesta con la finalidad de llamar la atención para su tipo de comida y de lugar y además tendrán de actuar como se estuviesen en un restaurante presentando un dialogo entre camarero y clientes para desarrollar la competencia comunicativa.

CONSOLIDACIÓN: Durante este bloque se pretende lograr el conocimiento de algunas reglas del uso del Imperativo, del uso del lenguaje periodístico y publicitario, de los signos de puntuación presentes en un dialogo, del vocabulario referente a las comidas típicas de España y sus vinos. Asimismo se intenta que el alumno reconozca y diferencie algunos de los diferentes tipos de restaurantes, haciendo énfasis de los vinos españoles y sus regiones demarcadas. Igualmente se busca que el alumno reconozca los alimentos presentes en la dieta mediterránea y diferencie entre una comida saludable y comida “basura”. En el final se propondrá a los alumnos después de todo lo que han aprendido y discutido y partiendo de las imágenes presentadas que redacten un pequeño texto subordinado al tema « ¿Somos lo que comemos? ».

CONTENIDOS: El Imperativo afirmativo y negativo;
 Los signos de puntuación;
 Vocabulario relacionado con el tema.



Relatório Final de Educação Sexual da turma I do 11º ano
2012/2013

Nº horas	Disciplinas/ Docentes	Parcerias/ Convidados	Aspectos relevantes		Sugestões	Acções de Formação (Docentes interessados)
			Positivos	Negativos		
5	Prof. António Ramalho -Área de Integração	Utilização de material audiovisual do PESES.	- Interesse dos alunos pelos temas abordados.	- Alguns comentários despropositados nas aulas em que foram abordados os assuntos previstos no projecto.	-Incrementação de atividades em que os alunos tenham uma participação mais ativa: Jogos , debates, ou outras	- Só se a sua realização se efectuar na localidade ou na escola.
2	Prof. Anabela Pinto		- Várias abordagens de discriminação de géneros.			
2	Prof. Catarina Coimbra -Biologia		- Aspectos gerais do aparelho reprodutor.			
5	Prof. Mª Amélia Alpalhão – Espanhol (iniciação) Prof. Elsa Beira –Espanhol (continuação)		- Cumprimento da planificação.			
2	Prof. Fernando Pinto -Português					

O(A) Professor(a) responsável pela Ed. para a Saúde e Ed. Sexual da turma

ANEXO K – Plano de Actividades da Turma



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643
ESTREMOZ



Plano de Actividades
ANO LECTIVO 2012 / 2013

Curso Profissional de Técnico de Viticultura e Enologia
Triénio 2011-2014 – 11º I

Actividade	Objectivos	Intervenientes	Data	Orçamento
- Aula no Exterior – Adega Tiago Cabaço	- Conhecer uma adega moderna; - Conhecer o processo de obtenção do vinho tinto e branco; - Perceber a organização da adega até ao escoamento do produto.	- Professores de viticultura e enologia - M. Antónia Aldeagas e Américo Dias. - Alunos do 11º I	- Novembro de 2012	0 €
- Visita de estudo Empresa “Vale da Rosa” Ferreira do Alentejo e Escola Superior Agrária de Beja.	- Conhecer uma exploração de uva de mesa; - Perceber a vantagem da protecção das culturas; - Observar algumas práticas oferecidas na ESA.	- Professores de viticultura e enologia - M. Antónia Aldeagas e Américo Dias. - Alunos do 11º I	- 15 de Novembro de 2012	300 €
Visita de estudo Região da Serra da Estrela	- Contatar com os diferentes tipos de vinho oferecidos na região; - Observar algumas	- Professores de Espanhol (continuação e iniciação) e Inglês. - Alunos do 11º I e 11º J.	- 25 e 26 de Fevereiro de 2013	



UNIÃO EUROPEIA
FUNDO SOCIAL EUROPEU
Eixo 1.2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643
ESTREMOZ



	práticas de hotelaria; Conhecer alguns tipos de vinha presentes na região.			
- Dia Aberto	Demonstrar as actividades desenvolvidas no curso. - Incentivar os alunos para a escolha dos cursos profissionais.	- Professores de Viticultura e Enologia. - Alunos do 11º ano do curso Prof. de Viticultura e Enologia.	- 23 de maio de 2013	0 €
-Visita de Estudo – Adega Mayor – Campo Maior.	- Conhecer uma realidade actual da vitivinicultura; - Comparar o funcionamento e sistema de produção da exploração; - Relacionar as actividades desenvolvidas na adega, assim como os seus equipamentos.	- Professores de Viticultura e Enologia. - Alunos do 11º ano do curso Prof. de Viticultura e Enologia.	- Abril de 2013 Não se realizou	- 250€ Transporte
- Aula no Exterior – FIAPE 2013	- Observar a maquinaria destinada à viticultura; - Contactar com um certame agrícola e agro-alimentar da região.	- Professores de Viticultura e de Enologia.. - Alunos do 11º I	- Maio de 2013	- Entrada gratuita por ofício de permissão.
Visita de estudo a Mértola	-Contactar com a língua e cultura espanholas; -Conhecer diferentes	- Professores de espanhol, inglês e geografia;	17 Maio de 2013	



UNIÃO EUROPEIA
FUNDO SOCIAL EUROPEU
Eixo 1.2





MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643
 ESTREMOZ



	tipos de restauração e hotelaria e dar a conhecer um pouco das ofertas turísticas da nossa região.	-- Alunos dos cursos profissionais		
- Certame "Futurália" Lisboa	- Convite da Direção de Serviços do Alentejo; - Representar a escola; - Demonstrar algumas atividades do curso; - Participar com atividades para o peddy paper.	- Alunos e professores do curso. - Mestrados de Artes Visuais.	- 15 e 16 de Março de 2013	- Transporte.
- Participação na Feira de S. João	- Convite da Direção de Serviços do Alentejo; - Representar a escola; - Demonstrar algumas atividades do curso.	- Alunos e professores do curso.	- 28 de Junho de 2013	- Transporte

A Directora de turma

O Director de Curso



UNIÃO EUROPEIA
 FUNDO SOCIAL EUROPEU
 Eixo 1.2



ANEXO L – Teste de Avaliação



DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO ALENTEJO
ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643
ESTREMOZ



3ª Prueba de español – Módulo 6

Curso Profissional de Técnico de Viticultura e Enologia – 11º I / Curso Profissional de Técnico de Turismo Ambiental e Rural – 11º J
2012 - 2013

Nombre y Apellidos: _____

Curso: ____ Clase: ____ Nº ____ Fecha (por extenso): _____, ____ de _____ de _____

Profesora: _____ Calificación: _____ Tutor: _____

Lee el texto con atención.

¿Qué tal cambiar de vida?

- 1 - ¿Qué tal el trabajo, Nuria?
- No veas la de problemas que he tenido este año. Sonríe, sonrío, me decían todo el rato, tienes que sonreír. Y yo, que soy muy seria, no podía. Me esforzaba pero no me salía... ¿Y tú? ¿Cuándo vas a empezar a trabajar?
- Yo, mientras no le falte dinero a mi padre, estoy tranquilo. Tengo mi pequeño sueldo de heredero potencial.
- 10 - Pero no puedes vivir así toda tu vida. En algún momento tendrás que independizarte y vivir por tu cuenta.
- Yo estoy bien así. No me importa vivir y no me gusta trabajar.
- 15 - ¿Tú crees que a mí me gusta trabajar? Ni a mí ni a nadie, pero hay que hacerlo. No se puede ser como tú y tus amigos durante toda la vida. No sois más que hijos de papá, niños monos que tenéis nada que hacer más que gastaros el dinero de vuestros padres en copas y en drogas.
- Ellos tienen el dinero. Esa es la realidad. Qué
- 30 - Eso a ti no te importa, Nuria. Es mi vida, no la tuya.
- Pues me importa y me importa mucho soy tu amiga y no quiero verte siempre así. Quiero que evoluciones. Hay más cosas que tu pequeña vida egoísta. Están los demás y sus vidas, y tienes que tomarlas un poquito en cuenta.
- Comienzas a parecerme a mi padre.
- Me da igual parecerme a tu padre. A ver si sales de tu cáscara egoísta y maduras.
- Déjame un poco en paz, Nuria.
- ¿Tienes novia?
- No.
- Pues a ver si te echas novia. Por ahí se empieza a madurar. (...)
- Me levanto y me voy hacia la puerta. Ya he aguantado suficientes sermones por hoy. Estoy harto de que todo el mundo se dedique a decirme lo que tengo que hacer.
- Antes de salir, oigo cómo Nuria exclama a mis espaldas: "huye, escápate como siempre".

Verso em branco



UNIÃO EUROPEIA
FUNDO SOCIAL EUROPEU
Eixo 1.2



1



- más les da darnos un poco.
 - Pero ellos se lo han ganado, han trabajado.
 ¿Qué es lo que has hecho tú? (...) no pongas esa
 25 cara, Carlos. Lo que te pasa es que te molesta que
 te digan la verdad, pero no puedes seguir en
 perpetua huida.

José Ángel Mañas, *Historias del Kronen*, 1994 (adaptado)



GRUPO I

COMPRENSIÓN ORAL

Escucha el deletreo y **escribe** los apellidos españoles

- | | |
|------------------|------------------|
| 1. (Pérez)_____ | 3. (Ramón)_____ |
| 2. (García)_____ | 4. (Ibañez)_____ |

GRUPO II

1. Une las dos columnas para obtener el resumen del texto. Escribe la letra en el cuadrado correspondiente.

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Nuria es una joven que... | a. de trabajar mientras pueda evitarlo. |
| <input type="checkbox"/> Su mayor dificultad es... | b. es absolutamente normal. |
| <input type="checkbox"/> Carlos no tiene intenciones... | c. a las críticas y consejos de los demás. |
| <input type="checkbox"/> Según Nuria, él es así... | d. es una actitud típica de su generación. |
| <input type="checkbox"/> Su forma de estar en la vida... | e. ha empezado a trabajar hace poco tiempo. |
| <input type="checkbox"/> Para él, vivir a expensas de sus padres... | f. tener que sonreír siempre. |
| <input type="checkbox"/> Carlos no está receptivo... | g. porque es hijo único. |



DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO ALENTEJO
ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643
ESTREMOZ



2. Busca en el texto la expresión sinónima correcta para cada una de las siguientes afirmaciones. No olvides escribir también el número de la línea dónde la encuentres.

2.1. ¡Imagínate cuántos problemas he tenido este año!

2.2. Recibo dinero por cuenta de mi legado.

2.3. No sois más que niños bonitos.

3. Contesta ahora a las siguientes cuestiones sin repetir las frases del texto.

3.1. ¿Qué críticas hace Nuria a Carlos?

3.2. ¿Cómo reacciona Carlos ante esas críticas?

3.3. Lee otra vez el título del texto. ¿A qué te imaginas que se refiere?

GRUPO II

1. Completa las siguientes frases utilizando el presente de subjuntivo.

- a) Hágame el favor de llamarme cuando (usted/terminar) _____ el trabajo.
- b) Es probable que no le (gustar) _____ lo que le voy a contar.
- c) Siempre les digo a mis hijos que no (hacer) _____ ruido a la hora de la siesta.
- d) Exijo de mis hijos que me (obedecer) _____.
- e) Les traigo la cuenta a menos que (ustedes/querer) _____ tomar algo más.





2. Utiliza las siguientes frases para contestar a cada pregunta. No olvides utilizar el presente de subjuntivo.

No creo que...	Espero que...
No me parece que...	Dudo que...
No es seguro que...	(No) es probable que...



¿Crees que el niño va a conseguir abrir el frasco?

¿Por qué el hijo no acepta el dinero de su padre?



¿Crees que esta mujer conoce a quien la asusta?

¿Te parecen hermanos?



1. Detecta los errores presentes en las siguientes frases y reescribe las palabras correctamente. ¡Ojo! puede haber más de un error en cada frase.

- a) Marta tene catorce anos.
- b) Julia e Paula son ermanas.
- c) Estoi sentada en el sofá.
- d) En el futuro habrá mucha contaminación.
- e) No gusto de las películas de acción.

GRUPO IV

Escribe un texto entre 90 – 120 palabras.

Imagina que también tú eres amigo de Carlos y lo encuentras en la calle. Dale algunos consejos y cuéntale tus planes para influenciarlo a despertarse para una vida más activa. Cuando le cuentes tus planes, aprovecha para hablar un poco sobre las profesiones que te parecen más interesantes para motivarlo a elegir una.

¡Qué te vaya bien!

ANEXO M – Trabajos Prácticos

Living Science Center
 Centro de Ciencia Viva
 Centro de ciência viva
 Course of the Solar System at Scale in Estremoz
 Roteiro do Sistema Solar à Escala em Estremoz
 Enrutamiento escala del sistema Solar en Estremoz

This is a very interesting course because you can move across the whole Estremoz area and learn about its history and landscape and, at the same time, learn about the solar system and how it was possible to fit all of it in our district. Plus, if you come at the entrance of the Living Science Center there is a great coffee machine you can use as many times as you'd like and it's very cheap! Come and try our coffee. :)

Este é um roteiro muito interessante pois podes andar por toda a área de Estremoz e aprender sobre a sua história e, ao mesmo tempo, aprender sobre o sistema solar e como foi possível que ele coubesse, todo, no nosso concelho. E ainda mais, se vires, à entrada do Centro de Ciência Viva há uma ótima máquina de café que podes usar as vezes que quiseres e é muito barato! Vem experimentar o nosso café. :)

Este es un guión muy interesante pues puedes ir por toda la parte en Estremoz e interesarte uno más acerca de su historia y, al mismo tiempo, conocer acerca del sistema solar y como ha sido posible el hecho de que cupiera, en la totalidad, en nuestro condado. Y aún más, si vienes, en la entrada del Centro de Ciencia Viva hay una máquina de café que puedes usar siempre que quieras y no es muy caro! Vem experimentar o nosso café. :)



Contactos
 Contactos

Email: sc@cienciaviva.org
 Tele: 268 334 285/
 268 333 246



Living Science Center
 Centro de Ciência Viva
 Centro de Ciência Viva
 Course of the Solar System at Scale in Estremoz
 Roteiro do Sistema Solar à Escala em Estremoz
 Enrutamiento escala del sistema Solar en Estremoz

This is a very interesting course because you can move across the whole Estremoz area and learn about its history and landscape and, at the same time, learn about the solar system and how it was possible to fit all of it in our district. Plus, if you come at the entrance of the Living Science Center there is a great coffee machine you can use as many times as you'd like and it's very cheap! Come and try our coffee. :)

Este é um roteiro muito interessante pois podes andar por toda a área de Estremoz e aprender sobre a sua história e, ao mesmo tempo, aprender sobre o sistema solar e como foi possível que ele coubesse, todo, no nosso concelho. E ainda mais, se vires, à entrada do Centro de Ciência Viva há uma ótima máquina de café que podes usar as vezes que quiseres e é muito barato! Vem experimentar o nosso café. :)

Este es un guión muy interesante pues puedes ir por toda la parte en Estremoz e interesarte uno más acerca de su historia y, al mismo tiempo, conocer acerca del sistema solar y como ha sido posible el hecho de que cupiera, en la totalidad, en nuestro condado. Y aún más, si vienes, en la entrada del Centro de Ciencia Viva hay una máquina de café que puedes usar siempre que quieras y no es muy caro! Vem experimentar o nosso café. :)



Contactos
 Contactos

Email: sc@cienciaviva.org
 Tele: 268 334 285/
 268 333 246



Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel
 Módulo 9 – Lengua y cultura española

Barcelona

Trabalho hecho por:
 Pablo Escobedo
 Pedro Castellano
 Ruben Albiagós

INTRODUCCIÓN

En este trabajo vamos a hablar sobre la ciudad de Barcelona y esperamos aprender más sobre ella.

Caracterización: Barcelona

NÚMERO DE HABITANTES

La ciudad de Barcelona es habitada por 1.621.000 de personas.

LOCALIZACIÓN

Se sitúa en la Comunidad Autónoma de Cataluña y es capital de provincia.



LENGUA

Las lenguas que hablan son catalán y español.



COSTUMBRES

Las costumbres de Barcelona son "Los Castells" en algunas fiestas donde se hacen torres humanas de 8 a 9 pisos.



MONUMENTOS A VISITAR

Catedral de Barcelona (Sagrada Família):



MONUMENTOS A VISITAR

Mercado da Boqueria:



MONUMENTOS A VISITAR

Museu Dalí:



FIESTAS

Las fiestas que son más conocidas son "El Festival de la Mercè" y el "11 de noviembre" donde se conmemora el final de la dictadura de Franco en 1976.



TRADICIONES

La tradición más conocida es pasear por "Las Ramblas".



GASTRONOMIA

Verduras, legumbres y hortalizas:

Faves a la Catalana: Legumbres típicas de Catalunya cocinadas en una cazuela con varios tipos de carnes, como jamón, butifarra negra y con ensalada, hortalizas y "boletos". Cocinado y servido preferiblemente en cazuela de barro.

Calçots: Variante de la cebolla que se cocina a la brasa y se aliña con una salsa elaborada con tomate, pimienta, menta y avellanas, entre otros ingredientes. Ideal para acompañar comidas familiares o con amigos.

Escalivada: Sencillo plato elaborado a base de berenjena y pimiento rojo y aliñado con sal, aceite de oliva y vinagre. Antes de elaborar el plato es necesario estar al fuego todos los ingredientes para refinar su sabor.



GASTRONOMIA

Carnes y pescados:

Butifarra con mongetes: Sencillo plato cocinado con la típica butifarra de "pagès" catalana, alubias, ajo y perejil.

Esqueixada de Bacallà: Exquisita ensalada elaborada con bacalao, tomate, cebolla, aceitunas, pimiento y huevo duro.

Pa amb tomàquet i selecció de embudits: Rebanada de pan de hogaza restregada con la pulpa del tomate y sazonada con aceite, sal y pimienta. Se acompaña con embudidos.



GASTRONOMIA

Carnes y pescados:

Fricandó: Filetes de ternera cocinados con ciruelas, piñones, tomates, cebolla y "rovellons" (tipo de setas).

Escudella y Carn d'olla: Guiso cocinado con diferentes carnes del cerdo y la gallina, garbanzos, verduras, hortalizas, patatas y especias. Con el suco del caldo se prepara la escudilla.

Mer y Muntanya: La carne y el pescado se presentan en un mismo plato. Se puede elaborar con diferentes variedades de ambos alimentos.



GASTRONOMIA

Salsas:

Sanfaina: Sofrito a medio cocer elaborado con tomate, pimiento y berenjena.

Sofrito: El Sofrito, salsa hecha a base de cebolla, ajo, tomate y perejil.

All i oli: Aderezo compuesto por aceite de oliva y ajo. Se sirve como acompañamiento de la carne y el pescado.

Romesco: Combinación de tomates, cebollas, fiores guindillas secas, almendras y avellanas tostadas.



GASTRONOMIA

Postres:

Crema Catalana: Postre elaborado con huevo, leche, azúcar quemado, ralladura de limón y harina de maíz.

Mel i mató: Pasta suave cocinada con leche, cuajo y agüa y cubierta por una capa de miel.

Coca de Sant Joan: Dulce típico del solsticio de verano que puede encontrarse en formas y gustos muy variados.

Panellets: Pastelitos elaborados con almendra molida, azúcar, patata, limón, piñones, coco y cacao.



GASTRONOMIA

Vinos con Denominación de Origen:

- Cava Catalán
- Alella
- Ampurdán-Costa Brava
- Terra Alta
- Pla de Bages
- Priorat
- Costers del Segre
- Montsant
- Tarragona
- Catalunya
- Penedés
- Conca de Barberà



CONCLUSIÓN

En este trabajo hemos aprendido más sobre la ciudad de Barcelona y así esperamos que vosotros habéis aprendido también más sobre Barcelona a través de nuestra presentación.


BIBLIOGRAFIA

- http://www.barcelona-on-line.co.uk/cas/reserves/Any_Gastronomia.htm
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Barcelona>

ANEXO N – Ejercicios de Comprensión Oral

	<p>ESCOLA SECUNDÁRIA/3º RAINHA SANTA ISABEL ESTREMOZ Curso 2012 / 2013</p>	<p>ESPAÑOL Iniciación COMPRESIÓN ORAL</p> 
---	--	---

1. Laura es una chica rumana que está viviendo y estudiando en España. Escucha la entrevista que le hicieron y señala sus respuestas.

<p>Nombre: Laura Mihaela Stoian Edad: 17 años Lugar de origen: Alejandría (Rumanía) Domicilio actual: Madrid Profesión: estudiante de 1.º de Bachillerato Lengua materna: rumano Lenguas que habla: rumano, español y un poco de inglés Nivel de español: avanzado</p>	 <p>Laura con sus amigas</p>
--	---

- a. Laura lleva viviendo en España...
 3 años. 5 años.
- b. A Laura el instituto...
 le gusta. le fastidia.
- c. Las principales diferencias entre los institutos rumanos y españoles son...
 la relación con los amigos y los profesores.
 la relación con los profesores y la evaluación.
- d. El primer día de clase, Laura se puso nerviosa porque no conocía...
 las costumbres españolas.
 a sus nuevos compañeros.
- e. A la hora de presentarse, Laura dijo primero...
 su nombre de pila. sus apellidos.
- f. Cuando los profesores hablan en clase, Laura...
 lo entiende todo. entiende lo esencial.
- g. En su clase, los alumnos son...
 españoles y extranjeros.
 todos extranjeros.
- h. Para Laura, es bueno tener clases con otros alumnos extranjeros porque es una forma de...
 conocer otras culturas. aprender otros idiomas.
- i. Según Laura, los españoles son...
 desorganizados pero más liberales. organizados y rígidos.

<p>Nombre: _____ nº ____ 11º ____</p>	<p>Profesora: _____</p>
<p>Fecha: ____/____/____</p>	<p>Tutor: _____ Calificación: _____</p>

ANEXO O – Grelha de Auto e Hetero Avaliação



DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO ALENTEJO
ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643
ESTREMOZ



Auto e Hetero- Avaliação da Expressão Oral

CRITÉRIOS		pontos
A Âmbito	Vocabulário pobre e insuficiente Frases soltas e curtas	1
	Vocabulário suficiente e médio Frases simples, mas razoavelmente articuladas	2
	Vocabulário rico e alargado Frases complexas, variadas e bem ligadas	3
B Correcção	Pronúncia e entoação pouco claras e pouco naturais	1
	Pronúncia e entoação claras e naturais, embora com algumas hesitações de articulação e dicção	2
	Pronúncia e entoação claras e naturais, sem hesitações	3
C Fluência	Demasiado rápido ou demasiado lento	1
	Um pouco rápido ou um pouco lento	2
	Ritmo adequado	3
D Desenvolvimento Temático	Informação limitada e incompleta Discurso repetitivo e lacunar	1
	Informação pertinente e progressão/estrutura coerente, embora com omissões	2
	Discurso coerente, bem estruturado e completo	3
E Interação	Nervosismo / inexpressividade / Sem contactar visualmente com o auditório / Dependente de apontamentos	1
	Alguns nervosismo / Pouca expressividade Com pouco contacto visual e pouco à-vontade	2
	Postura natural e aberta, expressiva e adequada Estabelecimento de contacto visual (sem se perder no discurso)	3

AVALIAÇÃO

- **15 pontos**- Expressas-te bem oralmente.
- **De 11 a 14 pontos**- Tens de aperfeiçoar a tua capacidade de expressão oral.
- **De 7 a 10 pontos**- Expressas-te oralmente ainda com incorrecções.
- **De 4 a 6 pontos**- Expressas-te oralmente com muitas incorrecções; tens de “treinar mais” e de fazer com frequência a avaliação da tua expressão oral.

Ano: _____ Turma: _____

Verso em branco



UNIÃO EUROPEIA
FUNDO SOCIAL EUROPEU
Eixo 1.2



ANEXO P – Ficha de Trabalho

	<p style="text-align: center;">ESCOLA SECUNDÁRIA/3ª RAINHA SANTA ISABEL ESTREMOZ Curso 2012 / 2013</p>	<p style="text-align: center;">ESPAÑOL Nivel II  REPASO</p>
---	---	---

PRETÉRITO IMPERFECTO DE SUBJUNTIVO
1. Paseando por Retiro-Centro

Estoy en un programa de español en Madrid, pero no conozco muy bien la ciudad. Por eso, le pedí consejo a mi profesor de español, quien me dio algunas ideas antes de viajar a España. Me dijo que _____ (visitar) el Parque del Retiro.

Mi profesor me dijo que cuando _____ (llegar) a la estación de Atocha, no _____ (coger) un taxi, sino que _____ (seguir) caminando hasta la Glorieta de Atocha (del Emperador Carlos V) y que, desde allí, _____ (subir) por el Paseo del Prado.



Insistió mucho en que, aunque _____ (estar) cansado, no _____ (sentarse) en los bancos del Paseo, y que _____ (continuar) hasta el Museo del Prado. Mi profesor me recomendó las salas de Goya y de Velázquez, sus dos pintores preferidos. Me dijo también que yo no iba a tener tiempo suficiente para ver todos los cuadros, y que _____ (volver) otro día.

Hice lo que dijo mi profesor. Cuando salí del Prado, fui hasta la Plaza de la Cibeles, donde está el Palacio de Comunicaciones, la sede central de Telefónica. Allí eché unas cartas para mi familia y después subí a la Plaza de la Independencia, donde está la Puerta de Alcalá. Allí vi a mis amigos del programa de Madrid, con quienes estuve el resto del día.

Ellos pensaban que era una buena idea que todos _____ (andar) al Estanque del Retiro. Yo prefería que todos _____ (poner) dinero para ir a comer por allí cerca, porque mi profesor me había dicho que "en Madrid no había ninguna calle que no _____ (tener) un bar o restaurante de buen precio". Al final, mis amigos me convencieron de que _____ (ir) juntos a remar. Después de tanto ejercicio, fuimos a comer. Fue un día muy entretenido.

2. Completa los huecos con los verbos en pretérito imperfecto de subjuntivo.

- a) No sabía que a ella le _____ (gustar) bailar.
- b) No creía que tú _____ (poder) terminar la tarea.
- c) El profesor recomendó que yo _____ (hacer) más ejercicios.
- d) Era evidente que ellas _____ (venir) siempre temprano.
- e) Me gustaba que Uds. _____ (tener) cuidado.
- f) Era imposible que nosotros _____ (ir) a Europa.
- g) Era bueno que tú _____ (decir) la verdad.
- h) Temía que tú no _____ (ser) bastante fuerte.
- i) Mandaron que nosotros _____ (leer) la lección.
- j) No dudaba que yo _____ (poner) la mesa.
- k) Noté que todos _____ (correr) del edificio.
- l) Me molestaba que ella _____ (fumar).

FORMACIÓN

El radical del pretérito imperfecto de subjuntivo es el infinitivo sin la terminación *-ar*, *-er* o *-ir*.

	1ª Conjugación	2ª Conjugación	3ª Conjugación
Yo	-ara/-ase	-iera/-iese	-iera/-iese
Tú	-aras/-ases	-ieras/-ieses	-ieras/-ieses
El	-ara/-ase	-iera/-iese	-iera/-iese
Nosotros	-áramos/-ásemos	-iéramos/iésemos	-iéramos/iésemos
Vosotros	-arais/-aseis	-ierais/-ieseis	-ierais/-ieseis
Ellos	-aran/-asen	-ieran/-iesen	-ieran/-iesen

Hay que tener cuidado con las formas irregulares de la tercera persona plural del pretérito. Si hay un cambio en la tercera persona plural, este cambio existe en el imperfecto del subjuntivo también:

Verbo	Imperfecto del Subjuntivo	Verbo	Imperfecto del Subjuntivo
dar	diera	decir	dijera
estar	estuviera	hacer	hiciera
ir	fuera	poder	podiera
poner	pusiera	querer	quisiera
saber	supiera	ser	fuera
tener	tuviera	venir	viniera
andar	anduviera	pedir	pidiera
oír	oyera	creer	creyera

ANEXO Q – Critérios de Avaliação do Departamento de Línguas



ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL DE ESTREMOZ - 402643
Departamento de Inglês e Espanhol – Ano Lectivo 2009/2010
Espanhol – Cursos Profissionais

	Critérios Gerais	Secundário	Critérios Específicos	Secundário	Instrumentos de Avaliação
Atitudes e valores	<ul style="list-style-type: none"> • Manifesta curiosidade e aceita desafios, partilhando riscos e dificuldades; • Desenvolve atributos de tolerância e respeito por outras culturas; • Manifesta atitudes de autonomia, responsabilidade e criatividade; • Cooperar em tarefas e projectos comuns; • É assíduo e pontual. 	20%	<ul style="list-style-type: none"> • Adequação ao papel de aluno <ul style="list-style-type: none"> - Assiduidade/pontualidade - Material da disciplina - Cumprimento de tarefas - Cívismo 	5%	<ul style="list-style-type: none"> • Registo de observação directa na sala de aula. – 20%
			<ul style="list-style-type: none"> • Relação com os outros <ul style="list-style-type: none"> - Respeito pela opinião/trabalho dos colegas - Respeito pelo professor 	5%	
			<ul style="list-style-type: none"> • Comportamentos de aprendizagem <ul style="list-style-type: none"> - Empenho - Participação - Responsabilidade - Realização de tarefas propostas - Métodos de trabalho - Autonomia 	10%	
Competências e valores	<ul style="list-style-type: none"> • Domina os conteúdos programáticos; • Domina a terminologia da disciplina; • Usa correctamente a língua estrangeira na expressão escrita e oral; • Manifesta capacidade de análise, de reflexão, de síntese e de crítica; • Sabe apresentar de forma metódica ideias próprias ou resultados de investigação. 	80%	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão Escrita <ul style="list-style-type: none"> - Lê/interpreta um texto em língua corrente sobre assuntos do quotidiano e da actualidade. - Lê/interpreta acontecimentos relatados, assim como sentimentos e desejos expressos. 	60%	<ul style="list-style-type: none"> • Testes – 35% • Fichas/Trabalhos (individuais, pares, grupo, Portfolio [opcional] – 25% • Registo de observação directa na sala de aula. (exercícios de audição, leitura, etc...) – 20%
			<ul style="list-style-type: none"> • Expressão Escrita <ul style="list-style-type: none"> - Escreve textos simples e estruturados sobre assuntos conhecidos e do seu interesse. 		
			<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão Oral <ul style="list-style-type: none"> - Reage às ideias gerais de um texto de natureza simples em língua corrente sobre aspectos relativos à escola, aos tempos livres, a temas actuais e assuntos do seu interesse pessoal. 	20%	
			<ul style="list-style-type: none"> • Expressão Oral <ul style="list-style-type: none"> - Participa numa conversa simples sobre assuntos de interesse pessoal ou geral da actualidade. 		

Eu, _____, encarregado(a) de educação do(a) aluno(a) _____, do ____ ano da turma _____, tomei conhecimento dos Critérios de avaliação da disciplina de Espanhol.

Estremoz, ____ de _____ de 20__

Assinatura

ANEXO R – Grelha de Módulos em Atraso



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643
ESTREMOZ



Módulos em atraso

Triénio 2011/14

1º Período – Ano Lectivo 2012 / 2013 - 11º Ano – Turma I

ENSINO SECUNDÁRIO – Curso Profissional de Técnico de Viticultura e Enologia

Alunos / Disciplinas / Módulos	Port	Lin.	Ar. Int.	TIC	Ed. F.	Mat	Biol.	Fis. Q	Vit.	Enol.	Q. Anal.	Gest. Mark.
Nº 1- /		Mod.	Esp.									
Nº 2- /		Mod.	Esp.									
Nº 3 B		2 Mod.	5 Esp.			1						
Nº 4- /		2 Mod.	5 Esp.							3		
Nº 5- /		Mod.	Esp.									
Nº 6- /		1 Mod.	Esp.			1						
Nº 7- /		Mod.	Esp.									
Nº 8- /		Mod.	Esp.									
Nº 9- /		Mod.	Esp.									
Nº 10- /		Mod.	Esp.									
Nº 11- /		Mod.	Esp.									
Nº 12- /		1 Mod.	5 Esp.									
Nº 13- /		4 Mod.	5 Esp.			1				3, 4		
Nº 14- /		4 Mod.	Esp.		2					3, 4	1	
Nº 15- /		1 Mod.	Esp.							8		
Nº 16- /		Mod.	Esp.									
Nº 17- /		Mod.	Esp.									
Nº 18- /		1 Mod.	5 Esp.									
Nº 19- /		Mod.	Esp.									

Coordenadora de curso: Maria Antónia Aldeagas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643
ESTREMOZ



Módulos em atraso

Triénio 2011/14

2º Período – Ano Lectivo 2012 / 2013 - 11º Ano – Turma I

ENSINO SECUNDÁRIO – Curso Profissional de Técnico de Viticultura e Enologia

Alunos / Disciplinas / Módulos	Port	Lin.	Ar. Int.	TIC	Ed. F.	Mat	Biol.	Fis. Q	Vit.	Enol.	Q. Anal.	Gest. Mark.
Nº 1- /		1 Mod.	Esp.				4					
Nº 2- /		1 Mod.	Esp.				4					
Nº 3 B		3 Mod.	Esp.				4					1, 2
Nº 4- /		1 Mod.	Esp.							3		
Nº 5- /		3 Mod.	Esp.				4				5	2
Nº 6- /		3 Mod.	Esp.		7		4					2
Nº 7- /		3 Mod.	Esp.				4					1, 2
Nº 8- /		Mod.	Esp.									
Nº 9- /		1 Mod.	Esp.									2
Nº 10- /		5 Mod.	E. c 6	3			4					1, 2
Nº 11- /		3 Mod.	Esp.		7		4					2
Nº 12- /		2 Mod.	Esp.				4					2
Nº 13- /		5 Mod.	Esp.				4	5		3, 4		2
Nº 14- /		5 Mod.	Esp.		2		4			4	1	2
Nº 15- /		4 Mod.	Esp.				4			8		1, 2
Nº 16- /		Mod.	Esp.									
Nº 17- /		Mod.	Esp.									
Nº 18- /		1 Mod.	Esp.				4					
Nº 19- /		Mod.	Esp.									

Coordenadora de curso: Maria Antónia Aldeagas





MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643
ESTREMOZ



Módulos em atraso

Triénio 2011/14

3º Período – Ano Lectivo 2012 / 2013 - 11º Ano – Turma I

ENSINO SECUNDÁRIO – Curso Profissional de Técnico de Viticultura e Enologia

Alunos / Disciplinas / Módulos	Port	Lin.	Ar. Int.	TIC	Ed. F.	Mat	Biol.	Fis. Q	Vit.	Enol.	Q. Anal.	Gest. Mark.
Nº 1-1	Mod.	Esp.										
Nº 2-1	1 Mod.	Esp.					6					
Nº 3 E	1 Mod.	Esp.					4					
Nº 4-1	Mod.	Esp.										
Nº 5-1	Mod.	Esp.										
Nº 6-1	Mod.	Esp.										
Nº 7-1	1 Mod.	Esp.					6					
Nº 8-1	Mod.	Esp.										
Nº 9-1	Mod.	Esp.										
Nº 10-	1 Mod.	E. c					4					
Nº 11-	Mod.	Esp.										
Nº 12-	Mod.	Esp.										
Nº 13-	3 Mod.	Esp.					4, 6	5				
Nº 14-	3 Mod.	Esp.		2			4			1		
Nº 15-	3 Mod.	Esp.					4, 6	7				
Nº 16-	Mod.	Esp.										
Nº 17-	1 Mod.						6					
Nº 18-	Mod.											
Nº 19-	Mod.											

Coordenadora de curso: Maria Antónia Aldeagas



ANEXO S – Caracterização da Escola

Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel - Estremoz

FICHA DE CARATERIZAÇÃO DE TURMA

Ano letivo 2012/2013

Média ano anterior: 1)

Turma: <input type="text" value="ESRSIE"/>	Nº alunos: <input type="text" value="752"/>	Respostas: <input type="text" value="684"/>	3°C	<input type="text" value="3,7"/>	Sec	<input type="text" value="13,8"/>
Idade média dos alunos da turma: <input type="text" value="15,7"/>			Sexo (%): Masculino: <input type="text" value="49,5%"/>		Feminino: <input type="text" value="50,5%"/>	

A) - Contexto familiar dos alunos da turma

1. Residência familiar

Arcos	Avis	Borba_Mtz	Borba_SBart	Cano	CsBranca
6,1%	1,1%	1,7%	0,3%	3,2%	3,7%
<i>Por freguesias(%)</i>					
Ervedal	EvoraMte	Front	Glória	Orada	RMoinhos
0,1%	2,1%	2,8%	2,7%	1,1%	1,9%
SBenALou	SBenAmx	SBenCort	SDomALou	SLouMamp	Sousel
0,1%	1,5%	3,2%	2,0%	2,7%	5,9%
ETZ_StaMar	StaVitAm	StoAleix	StoAmaro	ETZ_StoAnd	StoEstv
36,7%	1,2%	2,1%	2,0%	8,9%	0,7%
Veiros	Vimieiro	VV_SBartol	VV_SConc		
4,8%	0,9%	0,1%	0,5%		

2. Encarregado de educação (em %)

Mãe	Aluno	Outro	Pai
79,4%	3,6%	3,2%	13,8%

3. Estado civil dos pais (em %)

Casados	Divorciados	União facto	Separados	Viúvo
77,06%	13,97%	3,53%	3,82%	1,62%

4. Escalão etário dos pais (em %)

Até 40	41 - 50	51 - 60	> 60	
31,53%	60,96%	7,21%	0,30%	Mãe
Até 40	41 - 50	51 - 60	> 60	
15,80%	66,62%	16,10%	1,40%	Pai

5. Hab. literárias dos pais (em %)

1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Sec	Méd/Sup	
7,78%	17,74%	24,97%	30,70%	18,83%	Mãe
1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Sec	Méd/Sup	
13,28%	21,72%	29,46%	23,65%	11,89%	Pai

6. Situação profissional dos pais (em %) (2)

Desemp	C.Prazo	Quadro	Reforma	C.Própria	
16,72%	13,50%	50,00%	3,22%	11,81%	Mãe
Desemp	C.Prazo	Quadro	Reforma	C.Própria	
10,45%	13,88%	50,86%	4,37%	20,12%	Pai

7. Setor actividade dos pais (em %)

Prim	Sec	Terc	
11,02%	13,22%	75,76%	Mãe
Prim	Sec	Terc	
23,68%	25,25%	51,07%	Pai

8. Nível rendimento do agregado (%)	Até 600 €	600 - 1200 €	1200 - 1800 €	1800 - 2400 €	> 2400 €
	19,2%	41,6%	23,2%	9,0%	7,0%

9. Constituição média do agregado familiar (nº elementos)

B) - Condicionantes e expetativas dos alunos: (numa escala de 1 a 5)

1.Importância para o sucesso escolar	Contexto familiar	Amb. Económico	Amb. Social
	4,07	3,41	3,66

2. Importância atribuída pelos alunos ao acompanhamento das tarefas escolares pelo

3. Expetativas do contributo da Escola	Emprego futuro	Formação geral	Ens. Superior
	4,25	4,22	4,21

4. Classificação dos meios de estudo disponíveis em casa

C) Condicionantes e expetativas dos pais dos alunos: (numa escala de 1 a 5)

1.Importância para o sucesso escolar	Contexto familiar	Amb. Económico	Amb. Social
	3,98	3,41	3,61

2. Importância atribuída pelos pais ao acompanhamento das tarefas escolares pelo

3. Expetativas do contributo da Escola	Emprego futuro	Formação geral	Ens. Super.
	4,10	4,12	4,10

4. Classificação dos meios de estudo disponíveis em casa

D) Percentagem de alunos que pretendem continuar a estudar após a conclusão dos ciclos de ensino nesta escola

E) Integração da família na comunidade regional

1. Realização profissional (em %)	Mãe		Pai	
	Não	Sim	Não	Sim
	26,3%	73,7%	20,3%	79,7%

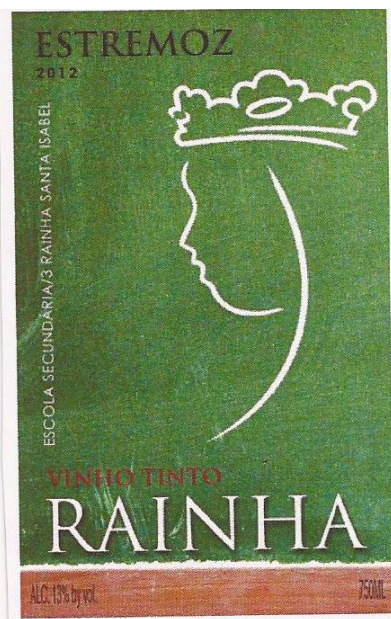
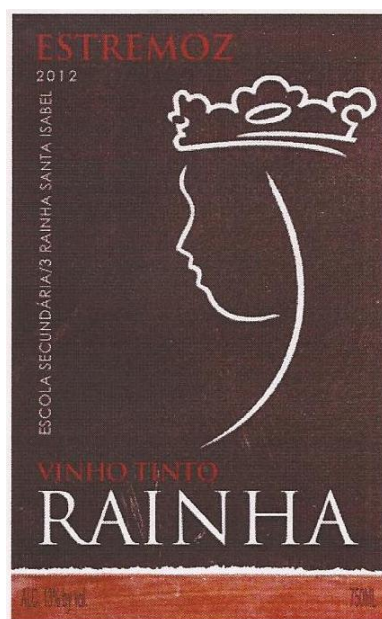
2. Participação em associações locais (em %)	Mãe		Pai		Aluno	
	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim
	84,3%	15,7%	68,0%	32,0%	51,8%	48,2%

Tipo de associações: (em %)	Mãe	Pai	Aluno	
	Desportivas	20,0%	69,7%	74,6%
	Humanitárias	37,9%	13,8%	5,0%
	Culturais	42,1%	16,5%	20,4%

(1) Média do ano anterior, do conjunto de alunos que pertenciam à ESRSE.

(2) - Quando a percentagem total não é igual a 100, a diferença corresponde a actividades não remuneradas.

ANEXO T – Participação na *Futurália*












ANEXO U – Participação no São João



ANEXO V – Coaching Educativo

<p>O Coaching assenta fundamentalmente em 3 bases:</p>  <p>Objectivos Crenças Valores</p>	<p>Projecto Fénix + sucesso</p>  <p>Projecto Fénix Agrupamento Vertical de Escolas de Avis</p>
<p>Os Objectivos devem ser...</p>  <p>Objectivos</p>	<p>Como funciona o Coaching</p> <p>http://www.youtube.com/watch?v=UY75MQta4RU</p>
<p>O Poder das Crenças...</p>  <p>Crenças</p>	<p>O que é o Coaching?</p> <p>O coaching visa a mudança e existe para que cada pessoa (coachee) possa atingir os seus objectivos a que se propõem alcançar, mantendo-se fiel aos seus valores que levaram a identificar esses objectivos. Neste processo o coachee mobiliza crenças potenciadoras ou limitadoras do seu próprio desenvolvimento pessoal.</p>
<p>Actividade...</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Escreva 5 crenças limitadoras que tenha tido até agora. 2) Fi que cada uma das antigas crenças limitadoras, e transforme-as em crenças (novas convicções fortalecedoras) e nitidas. 3) A verdade é que... 	<p>Valores: O ponto chave do que somos</p>  <p>Valores</p>

<p>É verdade que...</p> <p>É possível! Eu sou capaz! Eu Mereço!</p> 	<p>Como estabelecer os Objectivos?</p> <p>1) Faça uma lista de tópicos do que gostaria de ser, conseguir, criar, doar, ter e/ou fazer nos próximos 20 anos. Inclua objectivos de várias áreas da sua vida: financeiros, de relacionamento, físicos, de desenvolvimento pessoal, profissional, de contribuição de qualquer coisa que gostaria de ver realizado.</p> <p>2) Reveja a sua lista de objectivos e indique o tempo que acha que vai demorar para os alcançar.</p> 
<p>A <u>visão</u> (objectivos) da nossa equipa de trabalho...</p> <ul style="list-style-type: none"> • Temos alunos <u>motivados</u> para aprender ao longo da vida • Formar pessoas mais <u>felizes</u>, mais <u>confiantes em si</u> e na <u>vida</u> • «Olhar para trás» e sentir que <u>contribuímos para o sucesso</u> dos nossos alunos como pessoas • Continuar o <u>projecto nos próximos anos</u>  	<p>Continuação...</p> <p>3) Reveja a sua lista de objectivos e escolha os 2 maiores objectivos que conseguirá alcançar num prazo de 1 e/ou 2 anos.</p> <p>4) O que irá necessitar de fazer para os alcançar?</p> <p>5) Comece já!</p> 
<p>Os <u>Valores</u> da nossa equipa de trabalho...</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cooperação • Partilha • Honestidade • Perseverança • Respeito pela diferença • Humanismo • Confiança • Determinação • Profissionalismo  	<p>Obrigado.</p> 